



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS
CURSO DE FARMÁCIA

RODRIGO VINÍCIUS LUZ DA SILVA

**PLANTAS UTILIZADAS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO BRASIL:
O que remanesce da flora nativa da África?**

Recife
2023

RODRIGO VINÍCIUS LUZ DA SILVA

**PLANTAS UTILIZADAS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO BRASIL:
O que remanesce da flora nativa da África?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Farmácia da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Farmácia.

Orientador (a): Profa. Dra. Karina Perrelli Randau

Coorientador (a): Profa. Dra. Rosely Tavares de Souza

Recife

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Rodrigo Vinícius Luz da.

Plantas utilizadas em comunidades quilombolas do Brasil: O que remanesce da flora nativa da África? / Rodrigo Vinícius Luz da Silva. - Recife, 2023. 106p. : il., tab.

Orientador(a): Karina Perrelli Randau

Coorientador(a): Rosely Tavares de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, , 2023.

1. Quilombolas. 2. Etnicidade. 3. Plantas Medicinais. 4. Medicina Tradicional. 5. População Negra. I. Randau, Karina Perrelli. (Orientação). II. Souza, Rosely Tavares de. (Coorientação). IV. Título.

580 CDD (22.ed.)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS
CURSO DE BACHARELADO EM FARMÁCIA

Aprovada em: 23/08/2023.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
KARINA PERRELLI RANDAU
Data: 25/08/2023 13:45:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Karina Perrelli Randau
(Presidente e Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco



Documento assinado digitalmente
CLEDSON DOS SANTOS MAGALHAES
Data: 25/08/2023 14:00:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Me. Cledson dos Santos Magalhães
(Examinador)
Universidade Federal de Pernambuco



Documento assinado digitalmente
CASSIUS MARCELUS CRUZ
Data: 25/08/2023 17:40:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Cassius Marcelus Cruz
(Examinador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Ma. Marina Maria Barbosa de Oliveira
(Suplente)
Universidade Federal de Pernambuco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Mãe Bernadete Pacífico, líder quilombola da Bahia, assassinada alguns dias antes da publicação deste trabalho. A ela e a todos aqueles que dedicam, dedicaram ou perderam suas vidas no curso da luta por seu povo, sua raça, suas culturas e suas crenças.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Gildete Chaves, Tereza, Graziella Gattai, Paula Nascimento, Glauce Santos e Rafael Santos, em nome de todos os professores que passaram por minha vida antes da universidade, que me olharam de outra forma, me deram oportunidades e me guiaram ao caminho que trilho hoje.

Aos professores e amigos Karina Randau, minha orientadora, Cledson Magalhães e Marina Maria, agradeço por sempre estarem abertos às minhas demandas e me ajudarem a passar por esses seis anos de graduação, assim como os professores do meu segundo período, em especial a professora Ângela Amâncio, que entenderam o que se passava comigo e não permitiram que minha vida acadêmica fosse prejudicada. Dessa forma, também agradeço a Michel Bittencourt em nome dos profissionais da saúde que viabilizaram minha volta à UFPE. Em meu retorno fiz amigos que ficarão para a vida toda e, por isso, agradeço a Azael Neto em nome de todas as amizades que fiz no curso de Farmácia.

Também agradeço a Priscila Morais, em nome de todos os preceptores que me acolheram ao longo de seis estágios, por compartilhar experiências, conhecimentos e bons momentos que, com toda a certeza, farão diferença no meu futuro profissional.

Agradeço a Luiz Guilherme, que me ajudou a passar pelo último ano de graduação com alegria e leveza e me apresentou o EPCRER (Espaço de Pesquisa e Cultura das Relações Étnico-Raciais), espaço onde desfrutei das companhias diárias de Denise Mendes e Adilson Ramos. O espaço me fez mudar meu rumo acadêmico e profissional, fazendo nascer a ideia deste trabalho e me apresentando com minha coorientadora, Rosely Tavares, à qual agradeço por ter aceitado participar desta empreitada comigo.

Em nome da minha família, seja biológica ou de coração, agradeço à minha mãe, Noemia Luz, que nunca mediu esforços para que eu chegasse até aqui e sempre esteve ao meu lado em todos os momentos. Esse momento é tanto seu, quanto meu.

Por fim, agradeço a todos aqueles e "aquilos" que se mostraram como obstáculos em meu caminho, afinal, se estou onde estou é porque consegui superar todas as dificuldades impostas por eles.

Agradeço!

EPÍGRAFE

"Eu fui criada com grandes médicos (...) que eram os grandes pais de santo (...) que tinham seus terreiros, suas ervas, seus banhos, que hoje as pessoas estão negando (...) Eu fui criada com essas ervas benditas (...) com esses grandes médicos, que eu não posso de maneira nenhuma dizer que eles não existem. Eles existem, estão aí e eu estou aqui de prova (...)"

(Elza Soares..., 2018).

RESUMO

Quilombos foram espaços de resistência promovidos pelos negros escravizados que, anos após o fim da escravidão, passaram a ser reconhecidos como comunidades remanescentes de quilombos. As mesmas são detentoras de saberes populares que englobam o uso de espécies vegetais, onde se incluem plantas nativas africanas. Visto que o conhecimento sobre a origem das espécies é necessário para combater a invisibilidade da flora africana e que o levantamento sobre o uso dessas plantas contribui para a conservação de saberes tradicionais, o objetivo do presente trabalho foi identificar quantas e quais são as plantas nativas africanas que são utilizadas em comunidades remanescentes de quilombos no Brasil de acordo com estudos etnoscience publicados neste século. Para isso, se realizou uma revisão integrativa da literatura, utilizando as bases de dados SciELO, PubMed, Scopus, Arca, ScienceDirect, BVS e Periódicos Capes e os descritores "quilombolas communities AND plants AND Brazil", "quilombola AND plantas AND Brasil" e "quilombolas OR quilombos OR quilombo AND plantas AND Brasil". Por sua vez, as origens das espécies foram verificadas através das plataformas Royal Botanic Gardens KEW - POWO, World of Flora e Flora do Brasil. Foram identificadas 60 comunidades quilombolas a partir dos 38 estudos selecionados e 1.179 espécies vegetais, das quais, 106 são nativas da África. A mais citada foi *Coleus barbatus* (Andrews) Benth. ex G. Don, enquanto a família com mais espécies mencionadas foi a Lamiaceae. Entre os usos, o medicinal teve destaque, com 222 menções, tendo problemas respiratórios como principal aplicação. Para a utilização terapêutica, as folhas foram as partes mais empregadas, com 138 menções e os chás foram as formas de uso mais referenciadas, com 100 citações. Diante dos resultados obtidos, conclui-se que a área de pesquisas etnoscience que envolvam o estudo de plantas em quilombos é um fenômeno ainda pouco explorado na literatura. Quanto às plantas nativas africanas, verificou-se uma série de espécies com grande importância para a manutenção da saúde de comunidades quilombolas, assim como espécies de importância nacional, tais quais o café, melancia e cenoura, protagonistas da alimentação brasileira. Dessa forma, é possível perceber a notoriedade da flora africana presente no Brasil e dos saberes populares quilombolas.

Palavras-chave: quilombolas; etnicidade; plantas medicinais; medicina tradicional; etnobotânica; população negra.

ABSTRACT

Quilombos were spaces of resistance promoted by enslaved blacks who, years after the end of slavery, came to be recognized as remnant communities of quilombos. They hold popular knowledge that encompasses the use of plant species, including native African plants. Since knowledge about the origin of species is necessary to combat the invisibility of African flora and that the survey on the use of these plants contributes to the conservation of traditional knowledge, the objective of the present work was to identify how many and which are the African native plants which are used in remaining communities of quilombos in Brazil according to ethno-scientific studies published in this century. For this, an integrative literature review was carried out, using the SciELO, PubMed, Scopus, Arca, ScienceDirect, BVS and Periódicos Capes databases and the descriptors "quilombolas communities AND plants AND Brazil", "quilombola AND plants AND Brasil" and "quilombolas OR quilombos OR quilombo AND plants AND Brazil". In turn, the origins of the species were verified through the Royal Botanic Gardens KEW - POWO, World of Flora and Flora do Brasil platforms. 60 quilombola communities were identified from the 38 selected studies and 1,179 plant species, of which 106 are native to Africa. The most cited was *Coleus barbatus* (Andrews) Benth. ex G.Don, while the family with the most mentioned species was Lamiaceae. Among the uses, medicinal stood out, with 222 mentions, with respiratory problems as the main application. For therapeutic use, the leaves were the most used parts, with 138 mentions and the teas were the most referenced forms of use, with 100 mentions. Given the results obtained, it is concluded that the area of ethno-scientific research involving the study of plants in quilombos is a phenomenon still little explored in the literature. As for native African plants, there were a number of species of great importance for maintaining the health of quilombola communities, as well as species of national importance, such as coffee, watermelon and carrots, protagonists of the Brazilian diet. In this way, it is possible to perceive the notoriety of the African flora present in Brazil and of the quilombola popular knowledge.

Keywords: quilombola communities; ethnicity; medicinal plants; traditional medicine; ethnobotany; black people.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Fluxograma de seleção de artigos	34
Figura 2 –	Mapa destacando os estados contemplados nos artigos selecionados	41
Figura 3 –	Origem geral das espécies encontradas nas comunidades quilombolas estudadas	42
Figura 4 –	Origem das espécies exóticas encontradas nas comunidades quilombolas estudadas	43
Figura 5 –	Diferentes tipos espécies nativas africanas entre as encontradas nas comunidades quilombolas estudadas	44
Figura 6 –	Porcentagem de espécies africanas entre o total de plantas encontradas nas comunidades quilombolas estudadas	44
Figura 7 –	Espécies nativas da África, entre as encontradas nas comunidades quilombolas estudadas, com o maior número de citações	63
Figura 8 –	Famílias botânicas, com espécies nativas da África, mais citadas entre as plantas encontradas nas comunidades quilombolas estudadas	64
Figura 9 –	Frequência das categorias de uso citadas para as espécies nativas africanas encontradas nas comunidades quilombolas estudadas	65
Figura 10 –	Usos medicinais mais citados entre as espécies nativas africanas encontradas nas comunidades quilombolas estudadas	65
Figura 11 –	Partes utilizadas das plantas medicinais nativas africanas encontradas nas comunidades quilombolas estudadas	66
Figura 12 –	Preparações mais utilizadas para o consumo de plantas medicinais nativas africanas encontradas nas comunidades quilombolas estudadas	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Artigos selecionados para a revisão	35
Quadro 2 –	Lista das localidades estudadas nos artigos selecionados	38
Quadro 3 –	Espécies nativas exclusivamente da África utilizadas nas comunidades quilombolas encontradas nos artigos selecionados	45
Quadro 4 –	Espécies nativas, ao mesmo tempo, da África e do Brasil, utilizadas nas comunidades quilombolas encontradas nos artigos selecionados	49
Quadro 5 –	Espécies nativas, ao mesmo tempo, da África e de países de outros continentes, exceto Brasil, utilizadas nas comunidades quilombolas encontradas nos artigos selecionados	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONAQ	Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos
COX-1	Ciclo-oxigenase-1
COX-2	Ciclo-oxigenase-2
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PANCS	Plantas Alimentícias Não Convencionais
PGE-2	Prostaglandina-E2
PICL	Povos Indígenas e Comunidades Locais
PROF	Pesquisa de Orçamentos Familiares
SISGEN	Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado
SNC	Sistema Nervoso Central
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE SÍMBOLOS

- ☆ Espécies nativas exclusivamente da África
- ⊛ Espécies nativas da África e do Brasil ao mesmo tempo
- ★ Espécies nativas da África e de países de outros continentes (exceto Brasil)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1	QUILOMBOS: ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA E CONTINUIDADE	16
2.1.1	Definições sobre Quilombo	16
2.1.2	Atualidades sobre Comunidades Remanescentes de Quilombos	19
2.2	PLANTAS: UM RECURSO NATURAL ESSENCIAL	22
2.2.1	Definições e usos tradicionais das plantas	22
2.2.2	As plantas e os quilombolas	25
2.3	AS ETNOCIÊNCIAS COMO FERRAMENTAS DE CONHECIMENTO	28
3	OBJETIVOS	31
3.1	OBJETIVO GERAL	31
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	31
4	METODOLOGIA	32
4.1	TIPO DE PESQUISA E BUSCA NAS BASES DE DADOS	32
4.2	FORMA DE CONTAGEM DAS ESPÉCIES	32
4.3	VERIFICAÇÃO DAS ORIGENS DAS ESPÉCIES	32
5	RESULTADOS	34
5.1	ARTIGOS SELECIONADOS	34
5.2	LOCALIDADES QUILOMBOLAS ESTUDADAS	38
5.3	ORIGENS DAS ESPÉCIES	42
5.4	PLANTAS NATIVAS AFRICANAS E SEUS USOS	45
6	DISCUSSÃO	68
7	CONCLUSÃO	84
	REFERÊNCIAS	85

1 INTRODUÇÃO

O escravismo brasileiro encontrou diversas formas de oposição advinda dos negros escravizados contra o regime vigente, como foi o caso da formação de quilombos. Esses espaços físicos e sociais representaram ambientes de resistência coletiva, étnica e cultural e tiveram grande participação e influência na conformação política, estrutural e social do país contemporâneo à existência dos mesmos (Moura, 2022).

Após a abolição da escravidão, muitos dos remanescentes desses grupos, além de seus descendentes, continuaram nos mesmos territórios, gerando o que viriam a ser reconhecidas, anos depois, como comunidades remanescentes de quilombos (Brasil, 2018a). Quase 6 mil dessas localidades estão espalhadas por todas as regiões do país, principalmente no Nordeste (IBGE, 2019), com 3.583 comunidades possuindo certidões de autodefinição quilombola (IBGE, 2023).

Sendo atualmente considerados um tipo de povo tradicional brasileiro, os quilombolas carregam consigo uma diversidade de práticas e saberes populares transmitidos de geração em geração, o que envolve a preservação, cultivo e utilização de plantas com uma série de finalidades, tais quais alimentícia (Rodrigues *et al.*, 2017), medicinal, espiritual, religiosa, ritualística e ornamental (Conde *et al.*, 2017).

As plantas utilizadas para estes fins podem ser originárias do Brasil ou de outros países da América e de diferentes continentes, visto que entre as 50 mil espécies que dão ao país o título de detentor da maior biodiversidade do mundo, inclusive no quesito da flora, se encontram plantas de classificação nativa e exótica (Flora do Brasil, 2020).

Entre as espécies exóticas que existem no Brasil figuram aquelas que são nativas da África, das quais grande parte foi trazida em paralelo ao tráfico de africanos vigente na escravatura. Tais plantas, posteriormente, passaram a ser cultivadas e utilizadas pelos próprios negros, inclusive nos quilombos, como forma de manutenção de suas sobrevivências pessoais e coletivas e identidades culturais (Carney, 1999/2000/2001).

Para se ter a noção de quais são as plantas de origem africana utilizadas atualmente em comunidades remanescentes de quilombos, assim como para a preservação do saber popular sobre essas espécies, as etnociências desempenham um papel fundamental, visto que são ciências multidisciplinares com diversos ramos

que estudam a relação do homem com a natureza em determinados espaços físicos e de tempo (Silva; Almeida; Albuquerque, 2010), representando uma aproximação entre o conhecimento popular e a pesquisa científica (Costa, 2016b).

Tal conhecimento sobre a origem das plantas se faz necessário diante da ideia errônea de falta de diversidade da flora africana (Almeida; Saravali, 2022) e do apagamento da importância da mesma, visto que o tema tende a ser discutido de maneira não suficiente na literatura (Carney, 1999/2000/2001; Meñe, 2013). Reconhecer as espécies nativas da África também proporciona entender, em partes, as relações da flora do Brasil perante a africana e as interferências antrópicas que moldaram tais ligações.

No que tange o conhecimento acerca das plantas, o levantamento sobre o mesmo em quilombos contribui no processo de manutenção e conservação dos saberes tradicionais botânicos, visto que esse tipo de saber vem sendo cada vez mais ameaçado por fatores como pressões econômicas e culturais externas às comunidades (Merhy; Santos, 2017). Ademais, o conhecimento tradicional botânico ainda se configura como formador de consciências territorializadoras (Sousa, 2018) e, quando levantado em estudos etnocientíficos, pode ajudar na realização de laudos antropológicos para a demarcação de territórios quilombolas (Morais; Gonçalves; Hanazaki, 2023).

Por fim, ao se valorizar as plantas africanas e o saber sobre as mesmas, também se valoriza as populações afrodiáspóricas e afrodescendentes, visto que o saber tradicional está diretamente associado a lugares, memórias, vivências coletivas e história cultural de um povo (Costa, 2016b), o que inclui os quilombolas. Dessa forma, se contribui para a diminuição da invisibilidade que esse tipo de comunidade ainda enfrenta, como ocorre na academia e demais meios de pesquisa e divulgação científica (Oliveira; D'Abadia, 2015).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 QUILOMBOS: ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA E CONTINUIDADE

2.1.1 Definições sobre Quilombo

O termo “quilombo” é a versão “aportuguesada” do que originalmente se concebeu como “kilombo”, tendo nascido na África e se originado a partir dos povos que utilizavam de línguas do tronco linguístico banto. Ficou mais conhecido ao ser utilizado para batizar uma instituição política e militar, do povo conhecido como jagaimbangala, que representou uma espécie de sociedade de iniciação guerreira capaz de reunir um grande número de indivíduos de diferentes linhagens, já que os jagaimbangala eram conhecidos por cooptar, para suas tropas, jovens dos povos por eles derrotados (Souza, 2022a). Dessa forma, quilombo teve o sentido de ser uma associação de indivíduos, aberta a todos, sem distinções e passível de incorporação de diversas culturas (Munanga, 1995-96).

Em português, a primeira referência a quilombo em um documento oficial surge em 1559, sendo definido de forma oficial pelas autoridades portuguesas apenas em 1740, como “toda habitação de negros fugitivos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões nele” (Nascimento, 1985). Porém, de acordo com Andreilino Campos¹, para os escravizados fugidos, os quilombos foram inicialmente chamados de “cerca” ou “mocambo”, sendo “quilombo” uma denominação externa, dada pela elite branca e que, com o passar do tempo, foi progressivamente adotada pelos negros que os formavam (Campos, 2005).

Tal palavra, para as vítimas do escravismo no Brasil e em outros países da América Latina, como Colômbia, Equador, Suriname, Honduras, Haiti, Belize e Nicarágua, continuou tendo boa parte do significado de “kilombo” dado pelos jagaimbangala (Cademartori; Luz, 2018). Isso porquê os quilombos representaram ambientes de resistência coletiva dos africanos de diferentes grupos étnicos e seus descendentes, sendo espaços de reconstrução de espacialidades e identidades negras diante de suas heranças africanas (Morais; Silva, 2008). Segundo Lélia

¹ Andreilino Campos foi um doutor em geografia, especialista em planejamento ambiental e professor negro brasileiro. Foi militante antirracista e referência na teoria sobre o urbano e nos estudos sobre favela e espaços criminalizados no Brasil (Oliveira, 2016).

González², os quilombos transformaram-se em símbolos de sociedades alternativas onde negros, além de indígenas e brancos, eram considerados a partir do que os tornava iguais: sua humanidade, configurando os quilombos como estruturas portadoras de uma verdadeira democracia racial (González, 2020).

Essas estruturas intervíram de forma considerável na dinâmica social do país na época, chegando a representar grande incomodo ao Estado e sua elite. Tal fato foi invisibilizado por boa parte da historiografia de décadas passadas, onde a existência dos quilombos foi considerada um lapso na história nacional, como afirma Alex Ratts³. Ainda segundo o mesmo, esse panorama foi modificado com a chegada de trabalhos como os de Clóvis Moura⁴ e Beatriz Nascimento⁵, que narraram a trajetória dos quilombos sem os filtros da visão eurocêntrica e embranquecedora dominante (Ratts, 2021).

Vai ser no século XX, anos após o fim da escravatura, que “quilombo” passa a ter um significado ideológico, sendo uma espécie de instrumento contra as formas de opressão vigentes no país (Nascimento, 1985). Esse termo, que sofreu uma série de ressignificações, ganhou conotações de “resistência e liberdade; rebeldia e solidariedade; esperança e insurgência por uma sociedade igualitária e, no limite, sentido de povo negro” (Domingues; Gomes, 2013). A partir do uso desses e de outros conceitos semelhantes, o movimento negro brasileiro passou a dar atenção especial às comunidades remanescentes de quilombos, abrindo espaços e impulsionando a questão quilombola. Isso permitiu a ampliação da discussão sobre o tema em nível acadêmico, político, jurídico e na imprensa, possibilitando um maior conhecimento sobre essas organizações sociais que até hoje participam de forma ativa da dinâmica do país (Oliveira; D’Abadia, 2015).

² Lélia Gonzalez foi uma historiadora, filósofa, antropóloga, professora e política negra brasileira. Fundou o Movimento Negro Unificado, foi primeira mulher negra eleita como "Mulher do Ano" pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil (1981) e escreveu diversos artigos e livros sobre as condições de exploração e opressão do negro e da mulher (Ratts, 2010).

³ Alex Ratts é um autor, professor, mestre em Geografia Humana e doutor em Antropologia Social negro brasileiro. Publicou uma série de livros, resgatando a memória de outros intelectuais negros, tais quais Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, além de tratar sobre as temáticas quilombolas e indígenas (Ratts, 2021).

⁴ Clóvis Moura foi um sociólogo, jornalista, historiador, escritor e militante negro brasileiro. Publicou uma vasta obra de estudos sobre escravidão, quilombos e desmistificações acerca do negro na historiografia brasileira (Mesquita, 2004).

⁵ Beatriz Nascimento foi uma historiadora, pesquisadora, professora, poeta e ativista negra brasileira. Foi a autora e narradora do documentário "Ôrí" de 1989, além de ter escrito uma série de artigos, sendo em sua época, provavelmente, a única mulher negra no campo da história a se dedicar sobre a escravidão (Ratts, 2021).

De acordo com o Artigo 2º do Decreto 4.887/2003, comunidades remanescentes de quilombos seriam

os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2003; INCRA, 2020).

Observa-se que tal significado se baseia na autodefinição, o que marca uma quebra com a perspectiva colonial, na qual quem caracterizava o que seriam essas localidades eram sujeitos externos às mesmas. Ainda segundo o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania:

Comunidades quilombolas são grupos com trajetória histórica própria, cuja origem se refere a diferentes situações, a exemplo de doações de terras realizadas a partir da desagregação de monoculturas; compra de terras pelos próprios sujeitos, com o fim do sistema escravista; terras obtidas em troca da prestação de serviços; ou áreas ocupadas no processo de resistência ao sistema escravista (Brasil, 2018b).

Essas comunidades também são conhecidas por outras denominações, como quilombos contemporâneos ou simplesmente comunidades quilombolas (Carmo, 2020).

Por sua vez, territórios quilombolas são "terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos" que são "utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural" (Brasil, 2003; INCRA, 2020). Dessa forma, um território quilombola pode abrigar mais de uma comunidade remanescente de quilombo (Lisboa *et al.*, 2017).

O termo quilombo ainda é explorado por uma série de pesquisadores e estudiosos sobre o tema a partir do caráter de resistência cultural negra presente em manifestações que ocorrem em determinadas comunidades, favelas e coletivos artísticos, se constituindo em alternativas a uma sociedade pautada pelo racismo. (Carmo, 2020). Segundo Abdias do Nascimento⁶, espaços como redes de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba e gafieiras foram e são quilombos legalizados pela sociedade dominante e formam uma unidade com os quilombos propriamente ditos (Nascimento, 2019).

⁶ Abdias do Nascimento foi um escritor, poeta, professor universitário, dramaturgo, artista plástico, ator, político e ativista negro brasileiro. Foi um dos mais importantes representantes da luta pelos direitos civis e humanos das populações negras do Brasil (Macedo, 2005).

2.1.2 Atualidades sobre Comunidades Remanescentes de Quilombos

De acordo com estudo realizado pela Base de Informações Geográficas e Estatísticas sobre os Indígenas e Quilombolas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), calcula-se que até 2019 existiam 5.972 localidades quilombolas no Brasil (IBGE, 2019). Já os dados do Censo 2022, divulgados em 27 de julho de 2023, identificaram 3.583 comunidades possuindo certidões de autodefinição quilombola emitidas e 494 territórios quilombolas oficialmente delimitados em 24 estados, além do Distrito Federal. Por sua vez, se tratando da população quilombola, o IBGE não possuía uma estimativa até a realização do Censo de 2022, esse que revelou que o país possui 1.327.802 quilombolas autodeclarados, o que representa cerca de 0,65% da população, estando espalhados por 1.696 municípios brasileiros. A maior parte desses indivíduos, 905.514, está concentrada no Nordeste, região detentora de 68,19% dos quilombolas brasileiros (IBGE, 2023).

Segundo o presidente do IBGE, Cimar Azevedo, tais dados se configuram como uma reparação histórica pois, de acordo com o mesmo, os quilombolas fazem parte das populações que mais precisam de estatísticas. Já Denildo Rodrigues de Moraes⁷, coordenador executivo do CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas), expôs a importância dos dados a partir da fala "O censo está aqui para que o povo brasileiro conheça essa parte da riqueza da nossa história que o livro da escola não conta. Nós somos parte da história do povo brasileiro" (Almeida, 2023). Porém, tal levantamento só se fez possível devido à pressão realizada por entidades e órgãos executores de políticas públicas, sendo uma solicitação antiga da própria CONAQ, que lutou pela inclusão de quilombolas no censo por mais de 20 anos (Ribeiro; Brasil, 2023).

Apesar de haver uma denominação comum, o grande número de comunidades quilombolas se diferencia entre si devido a fatores econômicos, geográficos, simbólicos e demográficos que impactaram sobre como essas comunidades organizaram-se e se desenvolveram, gerando diversos "tipos" de localidades

⁷ Denildo Rodrigues de Moraes, também conhecido como Biko Rodrigues, é quilombola do território de Ivaporunduva, localizado no Vale do Ribeira (SP). Faz parte da Coordenação Executiva da CONAQ, na qual exerce a função de Coordenador Nacional (OHCHR, 2023).

quilombolas (Domingues; Gomes, 2013), essas que se dividem, principalmente, nas que estão localizadas nos contextos rurais e urbanos.

No caso das rurais, as mesmas estão baseadas no campo e nas zonas rurais dos municípios, tendo a agricultura como modelo de vida (Martins *et al*, 2019). Já as comunidades em contexto urbano estão, muitas vezes, inseridas em favelas, periferias e territórios marginalizados e/ou segregados, compartilhando das vivências e problemas característicos desses meios sociais (Oliveira; D'Abadia, 2015).

Ainda existem comunidades com outras especificidades geográficas ou étnicas, como é o caso das comunidades quilombolas ribeirinhas (Cardoso; Hage, 2014) pantaneiras (Souza; Gonçalves, 2020), nômades (Costa, 2016a), vazanteiras (Rocha; Gomes, 2022), caiçaras (Penna-Firme; Brondízio, 2017) e quilombos em ilhas (Ferreira *et al.*, 2021). Além disso, há comunidades cujo a profissão de seus habitantes e modo de sobrevivência também as caracteriza, tais quais as comunidades quilombolas pesqueiras, marisqueiras (Calazans, 2018), lavradoras (Zagatto, 2019) e extrativistas (Pizzio; Lopes, 2016).

Para garantir os direitos dessas comunidades diversas e seus membros, os movimentos negro e quilombola travaram diversas lutas para a conquista de políticas públicas (Oliveira; D'Abadia, 2015), essas que culminaram inicialmente com a Constituição Federal de 1988, que abordou o tema em seu artigo 68. O mesmo diz que "Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado lhes emitir os respectivos títulos" (Brasil, 1988). Nesse sentido, o Decreto Nº 4.887 de 20 de novembro de 2003 veio regulamentar o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação desses territórios (Brasil, 2023).

Em 2004, nasce o Programa Brasil Quilombola, fazendo parte de um programa maior, designado Promoção da Igualdade Racial, tendo como foco quatro eixos: (1) acesso à terra, (2) infraestrutura e qualidade de vida, (3) desenvolvimento local e inclusão produtiva e, por fim, (4) direitos e cidadania (Barbosa; Braga; Rodrigues, 2016). Visando cumprir tais iniciativas propostas, o governo federal se baseou na regularização fundiária, fomento ao acesso de água, realização de censo demográfico e ações do projeto "Oportunidade Para Todos". Esse conjunto de iniciativas foi denominado "Agenda Social Quilombola", disposto pelo Decreto nº 6.261/2007 (Brasil, 2018a), esse que foi revogado pelo Decreto nº 11.447/2023 que, por sua vez, instituiu o Programa Aquilomba Brasil, mantendo a finalidade de promover medidas

intersetoriais para a garantia dos direitos da população quilombola no país (Brasil, 2023).

Mesmo diante da implementação dessas e de outras políticas, podem ser citados uma variedade de problemas enfrentados por parte considerável das comunidades quilombolas, como é o caso da invisibilidade e da negação das mesmas enquanto remanescentes de quilombos. Essas ideias são produzidas por dispositivos jurídicos, aparatos midiáticos e recursos acadêmicos, contribuindo com a ideia de que comunidades quilombolas são fenômenos extintos, situados no passado, sendo argumentos esses utilizados para legitimar a exclusão social de suas populações (Chaves; Silva, 2017; Fiamengue; Whitaker, 2014).

O racismo é visto na forma de violências físicas e psicológicas, tais quais intolerância religiosa, epistêmica, econômica e institucional, além de ameaças, torturas, assassinatos, prisões ilegais e despejos. Tal violência, em grande parte das vezes, é oriunda da disputa de terras entre quilombolas e interessados externos (Araújo; Silva, 2019; CONAQ, 2018), o que é algo preocupante, já que houveram perdas bruscas de hectares através de procedimentos ilegais, como a grilagem de terras. O avanço de obras urbanas, a ofensiva da elite rural, a prática de racismo ambiental e a lentidão e burocracia de órgãos públicos nos processos de demarcação e titulação de territórios também se apresentam como empecilhos (Oliveira; D'Abadia, 2015).

Ainda existe a problemática da dificuldade de acesso aos serviços, como de saúde, gerando percalços como a perda de oportunidades de prevenção e diagnósticos, elevação da prevalência de doenças, falta de acesso a medicamentos e abandono de tratamentos (Cardoso; Melo; Freitas, 2018). Além disso, também há obstáculos referentes ao acesso à educação (Resi *et al.*, 2020); alimentação, nutrição e segurança alimentar (Andrade *et al.*, 2017); saneamento básico; distribuição de água (Silva; Lima; Spinola, 2020) e eletricidade; iluminação e transporte público (Echeverry; Marques, 2023) e adequação de vias e estradas (Costa, 2016b).

O reflexo dos problemas ainda enfrentados pelas comunidades pôde ser visto em um acontecimento deste ano (2023), no qual o Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, participava de um evento. O mesmo teve a sua fala interrompida aos gritos de “estão matando o meu povo”, vociferados por uma liderança feminina do Quilombo Rio dos Macacos, localizado da Região Metropolitana de Salvador. Posteriormente, o presidente assinou uma carta de compromisso descrevendo os

problemas e pedidos realizados pelas lideranças da comunidade (G1 BA, 2023). Por sua vez, o antecessor de Lula, o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, chegou a comparar quilombolas a animais, declarou que os mesmos eram cidadãos inúteis e afirmou que não demarcaria novos territórios quilombolas durante o seu governo (Congresso..., 2017). Essas e outras situações corroboram para a desmistificação de mitos nacionais, tais quais o da democracia racial e da igualdade social, que ainda imperam no Brasil pós-emancipação (Souza, 2022b).

Todos os problemas enfrentados pelos quilombolas, citados aqui ou não, são entraves para o alcance de condições de vida que garantam dignidade, bem-estar e saúde. Sem isso, muitas das comunidades continuam se enfraquecendo com passar dos anos, com os mais jovens abandonando-as à procura do que viriam a ser melhores perspectivas de futuro (Madrid; Gonçalves, 2020). Por outro lado, os mais velhos continuam apegados aos seus territórios devido aos laços afetivos e tradições culturais e familiares, utilizando estratégias para manterem a vida, não somente de seus indivíduos, mas também de suas comunidades como um todo (Carmo, 2020), já que não há pessoas sem comunidade e não há comunidade sem pessoas. Não há quilombolas sem quilombo e não há quilombo sem quilombolas (Nascimento, 2020).

2.2 PLANTAS: UM RECURSO NATURAL ESSENCIAL

2.2.1 Definições e usos tradicionais das plantas

As plantas são organismos vivos que estão espalhados por todo o planeta, seja em seu solo ou dentro de seus rios e mares, sendo as bases de uma série de ecossistemas onde estão inseridas. Sobre seus números, estima-se que o patrimônio natural da terra contemple entre 10 e 50 milhões de espécies vegetais, sendo que apenas 1,5 milhão foram classificadas e nomeadas pela ciência (WWF, 2022).

Segundo Rosy Isaias⁸, as vidas dos seres humanos e dos animais são extremamente dependentes das plantas pois, sem elas, não haveria a oferta necessária de elementos essenciais para a sobrevivência (Cientistas do Brasil...,

⁸ Rosy Mary dos Santos Isaias é uma bióloga, doutora em botânica e professora negra brasileira. Atualmente é professora do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais, membro da diretoria da Sociedade Botânica do Brasil e produtora de centenas de trabalhos científicos na área da botânica (Isaias, 2023).

2021). Ademais, os humanos descobriram e desenvolveram, desde os primórdios de suas existências, uma série de utilidades para as plantas, gerando um vasto conhecimento tradicional que, de acordo com Nox Makunga⁹, representa um importante elo cultural dos indivíduos com seus antepassados (Makunga, 2011).

Entre os usos mais expressivos, o medicinal ganha destaque, já que por muitos anos as plantas foram o principal e, por vezes, único meio disponível para a cura e o tratamento de diversas enfermidades. Tais recursos naturais já passaram por tempos de descrédito perante a medicina moderna, mas vem retomando seu espaço como alternativas complementares para manutenção e reestabelecimento da saúde, interessando os profissionais da área. A população em geral também demonstra cada vez mais interesse no uso de plantas medicinais, (Baracuhy *et al.*, 2016), visto à vontade de se reconectar com a natureza e o natural na busca de uma vida saudável (SUS, 2019). Isso coincide com ensinamentos de Hipócrates, considerado pai da medicina ocidental, que postulou que "o homem é uma parte integral do cosmo e só a natureza pode tratar seus males" (Baracuhy *et al.*, 2016).

Para o uso medicinal, as espécies vegetais podem ser utilizadas de diferentes formas, incluindo a utilização *in natura*, ou seja, da planta fresca, podendo a mesma estar inteira ou dividida em partes, como folhas, raízes, flores, frutos, caules, cascas, sementes, ramos e líquidos como óleos e sumos. Também pode ser realizado o uso através de preparações como: chás, onde se utiliza a água como líquido extrator; lambedor e xarope, que se tratam de preparações espessas que utilizam açúcar; pós, obtidos a partir da secagem e trituração das plantas (Baracuhy *et al.*, 2016) e banhos, como é o caso dos banhos de assento ou de cabeça (Silva; Nascimento, 2019).

A partir das plantas, outras terapias foram criadas e desenvolvidas, como é o caso dos diversos medicamentos produzidos a base de material vegetal ou de princípios ativos isolados dos mesmos, sendo eles, respectivamente, fitoterápicos e fitofármacos (Brasil, 2011). Além disso, as plantas podem ser utilizadas em outras modalidades terapêuticas, como na Naturoterapia, Homeopatia, Aromaterapia e Terapia de Florais, além da Medicina Tradicional Chinesa e Ayurveda (Brasil, 2022).

⁹ Nox Makunga é uma bióloga, botânica e professora de plantas medicinais negra sul-africana que estuda o metabolismo secundário das plantas. Já atuou como secretária honorária, vice-presidente e presidente do Conselho da Associação Sul-Africana de Botânicos e é vencedora dos prêmios National Science and Technology Forum Distinguished Young Black Researcher e do TW Kambule Award (World..., 2022).

A cura, além de ser um dos objetivos do uso de espécies medicinais, também é o fim esperado através da utilização de plantas de forma religiosa, ritualística ou espiritual. Isso se deve ao motivo de que existe uma forte ligação do sagrado com a natureza para uma série de religiões, fazendo com que as plantas sejam instrumentos indispensáveis para realização de rituais, cultos e celebrações (Barboza *et al.*, 2021).

A dieta humana também se faz dependente, em grande parte, do uso de recursos vegetais, esses que são de extrema importância para a alimentação do homem, já que fornecem nutrientes e outras substâncias necessárias para a manutenção da vida. Entre elas se encaixam os carboidratos, proteínas, lipídeos, vitaminas e sais minerais, além de compostos metabólicos secundários, tais quais alcaloides, compostos fenólicos e terpenos, esses que possuem propriedades bioativas que melhoram funções biológicas e ajudam a prevenir doenças (Damodaran; Parkin, 2018).

Entre os alimentos mais consumidos do mundo, de acordo com a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), estão plantas como trigo, arroz, batata, tomate, milho e mandioca, além de cerveja e açúcar, oriundas do processamento de vegetais (FAO, 2021). Além desses alimentos considerados “comuns”, vem ganhando destaque o que podem ser chamadas de PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais), essas que nada mais são do que espécies comestíveis que podem ser encontradas em ambientes urbanos e rurais, mas que não são incluídas habitualmente na dieta humana, embora muitas possuam grande potencial nutritivo (Bezerra; Brito, 2020).

Boa parte das plantas que fazem parte da alimentação são obtidas através do cultivo das mesmas, sejam em hortas, quintais ou plantações, configurando o que se conhece como agricultura, processo cujo os excedentes de produção são comercializados visando lucro financeiro (Ranieri; Zanirato, 2021). Além do cultivo, essas plantas também podem ser obtidas através do processo de extrativismo, esse que se baseia na coleta de produtos naturais, sendo uma atividade historicamente anterior à agricultura e que é igualmente capaz de gerar lucro para famílias e comunidades (Carvalho; Bergamasco, 2016).

As plantas ainda podem ser utilizadas devido à sua beleza, principalmente de flores e folhas, para decorar ambientes, configurando o uso ornamental. Esse tipo de utilização de espécies vegetais é difundido mundialmente e também pode ser uma forma de geração de renda, visto o cultivo e venda de plantas ornamentais. Essa

atividade pode ser desenvolvida em pequenas propriedades, sendo considerada de alta rentabilidade e de grande importância social para populações rurais do campo (Brainer, 2019).

Outros usos para as plantas ainda podem ser citados, tais quais o de construção de casas, embarcações e móveis (Homma; Menezes; Carvalho, 2020); artesanato para confecção de brinquedos, adereços, roupas e outros ornamentos (Marques; Alves, 2019); produção de corantes; elaboração de artigos de beleza para pele, cabelo, tinturas, maquiagem e outros cosméticos (Almeida; Martinez; Pinto, 2017); aromatização, seja de ambientes ou para produção de óleos essenciais, perfumes e incensos (Moraes Júnior *et al.*, 2021); combustível, para a geração de energia; lenha para a montagem de fogueiras e funcionamento de fogões caseiros (Magalhães; Silva; Ramos, 2017); recreativo e alucinógeno, quando se utiliza das ações estimulantes de determinadas espécies (Santos, 2021); produção de sombra através de árvores de médio e grande porte (Aranha *et al.*, 2019); produção de venenos, auxiliando processos como a caça (Gomes, 2015) e ecológico, servindo para fins como a indicação de qualidade ambiental (Lenci *et al.*, 2018).

2.2.2 As plantas e os quilombolas

O uso das plantas em quilombos se deu através das que constituíam a flora nativa brasileira e das exóticas trazidas pelos colonos, além da própria flora africana que chegou ao país juntamente ou através dos escravizados. Esses últimos também trouxeram experiências de cultivo, agricultura e uso, não somente de plantas africanas, mas também de espécies asiáticas domesticadas na África. Tal conhecimento foi de extrema importância, visto que, apesar de muitos produtos agrícolas terem desembarcado no Brasil através dos navios negreiros, o estabelecimento dessas plantas só ocorre devido ao esforço dos negros. Ademais, essas espécies cultivadas foram consideradas essenciais para o processo de sobrevivência dos escravizados ao se apoiaram em sua herança cultural para a preservação de sua subsistência (Carney, 1999/2000/2001).

Economicamente falando, as plantas tiveram grande importância para os quilombos estabelecidos durante o escravismo, se baseando, principalmente, na agricultura de policultura, com plantações que variavam entre milho, feijão, mandioca, batata-doce, banana, cana-de-açúcar e outras espécies. Essas plantações serviam

para alimentar seus habitantes e o excedente era trocado ou vendido para a vizinhança. Tal atividade repercutia de diversas formas, chegando a incomodar os senhores de engenho e o poder colonial vigente, mas agradando aos divergentes ao sistema ou àqueles que simplesmente se beneficiavam da produção quilombola. Por exemplo, durante muitos anos foi considerado que o “fumo do quilombo” era aquele de melhor qualidade no Brasil (Moura, 2022).

As plantas também foram de extrema importância para a manutenção da saúde dos quilombolas, visto que, frequentemente abandonados no que se referia ao tratamento de doenças, os escravizados utilizavam de seus próprios recursos, mais precisamente de plantas medicinais, formando uma farmacopeia própria, que resiste, em partes, até a atualidade. Já no que tange aos rituais religiosos, as plantas tiveram importância através de seu uso e incorporação em práticas de oferendas e desenvolvimento de liturgias de caráter sincrético-religioso (Carney, 1999/2000/2001).

Na atualidade as plantas continuam constituindo recursos fundamentais para a existência e resistência das comunidades remanescentes de quilombos, seja através da agricultura ou do extrativismo de espécies de crescimento espontâneo em suas localidades ou redondezas. Essas atividades, que dependem de questões como a sazonalidade da produção e do ciclo natural das espécies extraídas, se configuram, em muitos casos, como principal meio de geração de emprego, renda e manutenção de vida de famílias quilombolas (Rodrigues *et al.*, 2017).

Tanto o cultivo, quanto o extrativismo também são as principais fontes para a obtenção de plantas comestíveis utilizadas na alimentação desse povo tradicional (Rodrigues *et al.*, 2017), o que também inclui as PANCs (Gualberto *et al.*, 2023). Essas práticas ainda se fazem consideráveis para o desenvolvimento de relações sociais entre os quilombolas, através do ato da troca de mudas e partes de plantas e ensinamentos sobre seus usos, reforçando a unidade e laços de fraternidade em suas comunidades (Zank; Ávila; Hanazaki, 2016).

O uso medicinal das plantas, com saberes transmitidos no cotidiano comunitário através da oralidade, ainda continua tendo grande destaque nos quilombos, sejam eles urbanos ou rurais. Isso ocorre mesmo com o avanço da medicina ocidental baseada na alopatia, sendo as plantas aliadas contra diversas enfermidades e agravos (Oliveira, 2015). Tal fato se explica pelo motivo de que os quilombolas possuem suas próprias compreensões sobre o que é saúde e doença, o

que os fazem utilizar de técnicas próprias e naturais de cuidado e de cura (Gama *et al.*, 2019).

A cura pode ser definida como terapêutica, quando se configura objetivamente na resolução da doença em si, mas também pode ser espiritual, o que envolve crenças, certezas, tradições, emoções, benefícios esperados, sentimento de bem estar e o abandono de determinado sofrimento, seja ele físico, mental ou espiritual (Barus-Michel, 2002). Dessa forma, é importante frisar que nem sempre a ciência será capaz de explicar como se dá o processo de cura, visto que tal fim também é o esperado através de práticas religiosas, espirituais ou ritualísticas. Essa concepção se vê na fala da líder espiritual quilombola Mãe Sebastiana de Oxóssi¹⁰, ao dizer que "Tem que rezar pra ter força, pra poder benzer, curar (...) porque os preto véi cura", exemplificando a relação entre práticas espirituais e a cura (A filha..., 2014).

Nesse sentido, as plantas continuam tendo grande importância nas expressões ritualísticas e religiosas em comunidades remanescentes de quilombos, como é o caso do Candomblé. Essa religião de matriz africana tem grande ligação com a natureza, tendo essa última um caráter sagrado para os religiosos que utilizam de espécies vegetais para ambientação de espaços onde ocorrem os rituais e confecção de vestes, adereços e oferendas utilizados nesses eventos. Os orixás, cultuados nessa religião, são simbolizados por plantas, (Sena; Santos; Barros, 2014), com cada uma dessas divindades possuindo ligações com espécies próprias, as quais os devotos utilizam para a realização de remédios, banhos e em defumadores de incenso (Albuquerque, 2014).

Outras religiões, práticas e cultos promovidos em quilombos também utilizam recursos vegetais para suas realizações, como a umbanda (Guimarães, 2022), o culto à jurema sagrada (Leandro Neto; Rodrigues, 2019) e o catolicismo (Ferreira, 2012). Já as benzedadeiras e curandeiras quilombolas também dispõem de uma série de plantas em suas práticas, utilizando-as em rezas, benzeções, passes, banhos de cheiro, chás e defumações. Essas práticas são mantidas por suas importâncias culturais, pela preservação de identidade, por terem sido aprendidas com mais velhos,

¹⁰ Mãe Sebastiana de Oxóssi, também conhecida como Dona Tiana, foi uma líder espiritual do Quilombo Carrapatos da Tabatinga (Bom Despacho - MG), matriarca espiritual e consensual da CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos) e cantora. Foi uma figura indispensável do movimento quilombola brasileiro, protagonizando cenas emblemáticas, como seu protesto no Supremo Tribunal Federal (CONAQ, 2023).

familiares e amigos e por fazerem bem, segundo os que as vivenciam (Gama *et al.*, 2019).

2.3 AS ETNOCIÊNCIAS COMO FERRAMENTAS DE CONHECIMENTO

Diante da relação do homem com a natureza, com o passar dos tempos foi se verificando a necessidade e importância do estudo sobre a mesma. Isso pode ser visto na fala de George Washington Carver¹¹, que postulou que "O estudo da natureza (...) é o único método verdadeiro que conduz a uma compreensão clara dos grandes princípios naturais (...)" (Benitez-Alfonso, 2022). Paralelamente a isso, de acordo com Beronda L. Montgomery¹², deve-se procurar ideias no mundo natural para nutrir uma comunidade científica próspera (Montgomery, 2021a). Dessa forma, as etnociências e seus diversos ramos como a etnobiologia, etnoecologia, etnobotânica e etnofarmacologia, se apresentam como algumas das ferramentas que possibilitam o estudo da natureza.

A etnobiologia nasceu no século XIX e teve o nome cunhado por Edward F. Castetter, com o radical "etno", remetendo a etnia (Rosa; Orey, 2014). Dessa forma, ela é um instrumento de pesquisa que estuda as relações do homem com a natureza como um todo e os seus recursos, como animais, plantas e fungos (Pinto, 2020). Sendo multidisciplinar, a etnobiologia torna possível o reconhecimento de fatores como a distribuição, origem e diversidade dos seres vivos em determinados espaços em diferentes intervalos de tempo (Silva; Almeida; Albuquerque, 2010).

A etnoecologia é o estudo de como diferentes grupos e povos vivem e convivem nos mais diversos locais e como entendem os ecossistemas em que estão inseridos, além de suas relações com os mesmos. Dessa forma, essa ciência ajuda a valorizar os conhecimentos milenares de povos indígenas, tradicionais e rurais sobre a natureza, o que a torna uma disciplina híbrida e transdisciplinar. De modo geral, é uma ciência que sintetiza, teoriza e representa os mundos sicionaturais estudados através

¹¹ George Washington Carver foi um botânico, mestre em agricultura e inventor negro norte-americano, sendo considerado o cientista negro mais proeminente do início do século XX e detentor de grande impacto no estudo das plantas, principalmente na área da agronomia. Foi nomeado Fellow da Royal Society of Arts de Londres, ganhou a Medalha Spingarn por trabalhos excepcionais e seu rosto estampou o dólar na década 50 (Benitez-Alfonso, 2022).

¹² Beronda L. Montgomery é uma escritora, pesquisadora, comunicadora científica, professora e PhD em biologia vegetal negra norte-americana. É vencedora de quase vinte prêmios e honorarias, co-fundadora e co-organizadora do Black Botanists Week e publicou o livro "Lessons From Plants" em 2021 pela Harvard University Press (Montgomery, 2021b).

do diálogo entre saberes e a ecologia, contribuindo para decifrar, reivindicar e revalorizar a memória biocultural (Toledo; Barrera-Bassols, 2009).

A etnobotânica é uma ciência qualitativa e quantitativa que compreende o estudo da relação das populações humanas com espécies vegetais (Albuquerque *et al.*, 2019), contribuindo para a visibilidade e conservação das próprias plantas e de práticas tradicionais relacionadas às mesmas (Lucena; Lucena, 2020). Essa ciência é reconhecida como a principal ferramenta para a seleção de plantas a terem suas atividades avaliadas cientificamente (Albuquerque; Hanazaki, 2006). Tal ciência ainda pode ser dividida em três vertentes: etnobotânica tradicional, que foca sobre a relação das populações tradicionais e povos indígenas com as plantas; etnobotânica histórica, que busca compreender relações e usos do passado; e etnobotânica urbana, que busca compreender como as pessoas que vivem nas cidades e áreas urbanas se relacionam com as plantas (Lucena; Lucena, 2020).

A etnofarmacologia é a ciência que trata do conhecimento popular relacionado a sistemas tradicionais de medicina, sendo responsável por explorar científica e interdisciplinarmente os recursos naturais tradicionalmente empregados ou observados pelos homens, sejam eles oriundos de plantas, animais e fungos. Esses recursos são pesquisados através de hipótese quanto à(s) sua(s) atividade(s) farmacológica(s) e a(s) substância(s) responsáveis pelas ações terapêuticas desencadeadas. Verificando-se a efetividade de tais substâncias, as mesmas podem ser encaminhadas para pesquisas posteriores e desenvolvimentos de novos produtos, tendo o uso tradicional como uma espécie de "pré-triagem" que facilita os processos vindouros (Elisabestky, 2003).

Visando estudar as relações dos seres humanos com as plantas, outras etnociências também podem ser utilizadas, como é o caso da etnomedicina (Bonfim *et al.*, 2018), etnoenfermagem (Lima *et al.*, 2017), etnoveterinária, etnogastronomia e etnonutrição (Ming, 2016).

Esses tipos de pesquisa, que abordam o uso de espécies vegetais pelo homem, necessitam de uma série de etapas para suas realizações. Primeiro deve se levar em conta as considerações éticas e legais, visto que existem legislações relacionadas à proteção ambiental e ao patrimônio genético, aos direitos dos povos indígenas e comunidades locais (PICL) e aos direitos humanos em geral. Ademais, deve-se levar em consideração o Sistema Nacional de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, com os projetos necessitando ser previamente aprovados por um comitê

de ética em pesquisa, cujo a aprovação depende crucialmente do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os participantes da pesquisa (Albuquerque *et al.*, 2021).

Também é preciso ter em mente a Lei nº 13.123/16 e o Decreto nº 8.772/16, que dispõem sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade. Por esse motivo se faz necessário o registro no SISGEN (Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado) para solicitar a autorização de acesso ao patrimônio genético ou ao conhecimento tradicional associado (Brasil, 2016).

Mais precisamente no caso das comunidades tradicionais, como as quilombolas, uma série de princípios também deve ser levada em consideração para a realização de uma pesquisas etnocientíficas, sendo eles: os direitos e responsabilidades prévias desse povo; o respeito por sua autodeterminação; os princípios da inalienabilidade de territórios, recursos e conhecimentos; a participação ativa dos envolvidos; a divulgação integral dos resultados e produtos aos mesmos; o a confidencialidade de informações assim como a possibilidade de exclusão das mesmas; o respeito à integridade, moralidade, espiritualidade, cultura, tradições e relações das comunidades; a proteção ativa do ambiente; a precaução à possibilidade de danos; a reciprocidade, benefício mútuo e compartilhamento equitativo; o apoio à pesquisa local e própria da comunidade; as ações de remediação diante de consequências adversas; o devido reconhecimento e mérito e, por fim, diligência, esperando-se que os pesquisadores tenham uma compreensão ativa do contexto local antes de entrar em relações de pesquisa com uma comunidade tradicional (Albuquerque *et al.*, 2021).

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Identificar quantas e quais são as plantas nativas africanas que são utilizadas em comunidades remanescentes de quilombos no Brasil de acordo com estudos etnocientíficos publicados neste século.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar e tratar sobre as comunidades quilombolas investigadas e as etnociências produzidas a partir das mesmas
- Comparar a origem de todas as espécies citadas nos artigos;
- Descrever as relações que a flora brasileira possui perante a africana;
- Discorrer sobre as principais plantas nativas africanas citadas;
- Levantar as finalidades de uso das plantas e discutir com base na literatura científica, principalmente em relação à categoria de uso medicinal.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE PESQUISA E BUSCA NAS BASES DE DADOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, tendo uma abordagem qualitativa, quantitativa, descritiva e exploratória. A pesquisa foi realizada em maio de 2023 utilizando, como auxílio, a metodologia PRISMA 2009 adaptado pelo autor e tendo como norteadora a seguinte questão: o que os estudos etnoscience publicados no século XXI podem informar sobre o uso de plantas nativas da África nas comunidades remanescentes de quilombos brasileiras?

A busca ocorreu nas bases de dados SciELO, PubMed, Scopus, Arca, ScienceDirect, BVS e Periódicos Capes, utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), fornecidos pela BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), "quilombolas communities AND plantas AND Brazil", "quilombola AND plantas AND Brasil" e "quilombolas OR quilombos OR quilombo AND plantas AND Brasil".

Os critérios de inclusão foram artigos originais, com texto disponível completo, publicados entre os anos de 2001 e 2023, em inglês, português ou espanhol e que evidenciassem plantas utilizadas em comunidades quilombolas. Já os critérios de exclusão foram artigos repetidos, que não atendessem aos objetivos da pesquisa e demais trabalhos da considerada literatura cinzenta.

4.2 FORMA DE CONTAGEM DAS ESPÉCIES

Espécies citadas mais de uma vez, por seu nome científico ou sinônimo aceito, no mesmo ou em diferentes artigos, foram contadas apenas uma vez (como uma única espécie). A possibilidade da existência de sinônimos foi verificada através das plataformas Royal Botanic Gardens KEW - POWO, World of Flora e Flora do Brasil.

Espécies identificadas apenas por gênero, família, nome popular, indeterminadas ou sem nome foram contadas de forma singular, configurando espécies diferentes por citação, já que não se pôde realizar a autenticação de seu nome científico.

4.3 VERIFICAÇÃO DAS ORIGENS DAS ESPÉCIES

A origem das espécies foi verificada através da plataforma Royal Botanic Gardens KEW - POWO, World Flora Online e Flora do Brasil.

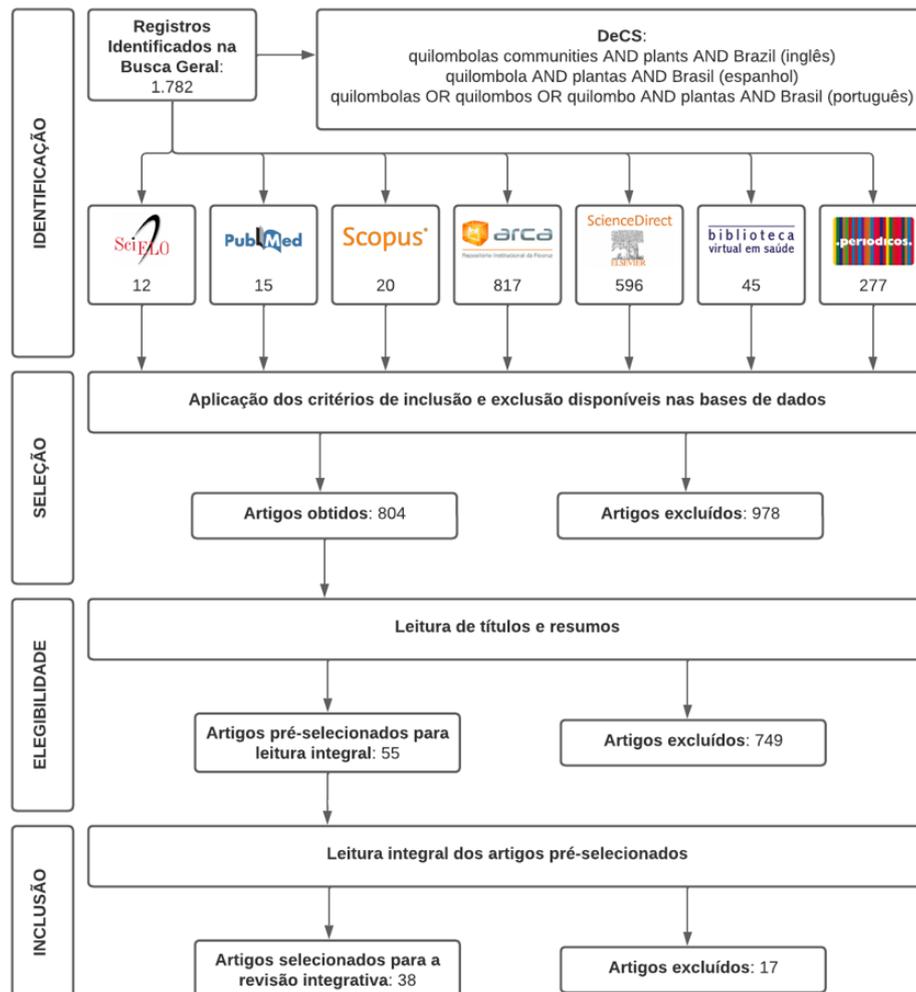
As plantas citadas como “sem nome”, “indeterminadas” e afins, ou que foram identificadas apenas por nome popular, gênero e/ou família botânica tiveram sua origem automaticamente indicada como indeterminada, já que não se pôde atestar oficialmente qual é a espécie citada no artigo para a investigação de sua origem.

5 RESULTADOS

5.1 ARTIGOS SELECIONADOS

A pesquisa inicial obteve o total de 1.782 registros, somando os resultados obtidos em todas as bases de dados. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão disponíveis, esse número caiu para 804 artigos, dos quais se realizou a leitura dos títulos e resumos, visando a pré-seleção para leitura integral dos mesmos. Essa etapa culminou na pré-seleção de 55 artigos, sendo 38 desses selecionados para a revisão integrativa após leitura e análise do texto completo. Esse processo pode ser visto através fluxograma do método PRISMA 2009 adaptado pelo autor (Figura 1).

Figura 1 - Fluxograma de seleção de artigos.



Fonte: Dados da pesquisa.

Entre os 38 artigos selecionados, a maior parte se configura como estudos etnobotânicos, cabendo salientar que alguns artigos utilizaram mais de uma etnociência para o seu desenvolvimento. Já se tratando do local de produção desses trabalhos, as instituições de pesquisa da região Sudeste tiveram destaque, fazendo parte da elaboração de 19 artigos. No que se refere aos estados, a Bahia foi o envolvido no maior número de artigos, sendo ele 11. Além disso, também foram observadas a presença de instituições de outros países, como é o caso dos Estados Unidos. Por fim, referindo-se ao período de publicação, o artigo mais recente datou de 2023, enquanto o mais antigo de 2010, apesar de o intervalo da pesquisa contemplar trabalhos publicados a partir de 2001. Esses e mais outros dados podem ser conferidos no Quadro 1.

Quadro 1 – Artigos selecionados para a revisão.

ARTIGO	ETNOCIÊNCIA	LOCAL DAS INSTITUIÇÕES DE PESQUISA RESPONSÁVEIS PELA PRODUÇÃO DA PESQUISA/ARTIGO	REFERÊNCIA
“We Also Preserve”: Quilombola Defense of Traditional Plant Management Practices Against Preservationist Bias in Mumbuca, Minas Gerais, Brazil.	Etnoecologia	Pará (Norte) e Minas Gerais (Sudeste)	Steward; Lima, 2017.
Abordagem etnobotânica continuada na comunidade remanescente de quilombo Palmeirinha, Pedras de Maria da Cruz - MG.	Etnobotânica	Minas Gerais (Sudeste)	Mota <i>et al.</i> , 2015.
Ações de prevenção de doenças e cuidados com a saúde em uma Comunidade Quilombola de Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, Brasil.	Não especificada.	Mato Grosso (Centro-Oeste)	Oliveira; Osti; Martinho 2020.
Agrobiodiversity and in situ conservation in quilombola home gardens with different intensities of urbanization.	Etnobotânica	Amazonas (Norte), Santa Catarina (Sul) e Rio Grande do Sul (Sul)	Ávila <i>et al.</i> , 2017.
Aproximações etnobiológicas no conhecimento sobre plantas medicinais: possibilidades para promoção do ensino em saúde.	Etnobotânica	Mato Grosso do Sul (Centro-Oeste)	Vinholo Júnior; Varga, 2015.
Conhecimento botânico tradicional de mateiros em comunidades rurais da região	Etnobotânica	Paraná (Sul)	Clarindo; Staniski; Strachulski, 2022.

da Serra das Almas, Paraná - BR.			
Diversidade de plantas em quintais quilombolas, conhecimento local sobre uso e cultivo de pomentas na Amazônia Oriental, Brasil.	Etnobotânica	Amapá (Norte), Bahia (Nordeste) e Rio de Janeiro (Sudeste)	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
Each person has a science of planting: plants cultivated by quilombola communities of Bocaina, Mato Grosso State, Brazil	Não especificada.	Mato Grosso (Centro-Oeste) e Pará (Norte)	Santos; Barros, 2017.
Engaging plant anatomy and local knowledge on the buriti palm (<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.: Areaceae): the microscopic world meets the golden grass artisan's perspective.	Etnobotânica	São Paulo (Sudeste), Distrito Federal (Centro-Oeste) e Santa Catarina (Sul)	Viana <i>et al.</i> , 2018.
Estudo etnobotânico em comunidade quilombola Salamina/Putumujú em Maragogipe, Bahia.	Etnobotânica	Bahia (Nordeste)	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
Estudo Etnobotânico em Comunidades Remanescentes de Quilombo em Rio de Contas – Chapada Diamantina - Bahia	Etnobotânica	Rio de Janeiro (Sudeste) e Bahia (Nordeste)	Silva; Regis; Almeida, 2012.
Estudo etnofarmacognóstico da saracuramirá (<i>Ampelozizyphus amazonicus</i> Ducke), uma planta medicinal usada por comunidades quilombolas do Município de Oriximiná-PA, Brasil.	Etnofarmacologia	Rio de Janeiro (Sudeste) e Pará (Norte)	Oliveira <i>et al.</i> , 2011b.
Ethnobotanical and ethnopharmacological study of medicinal plants used by a traditional community in Brazil's northeastern.	Etnobotânica e Etnofarmacologia	Alagoas (Nordeste)	Magalhães <i>et al.</i> , 2022.
Ethnomedicinal survey of a maroon community in Brazil's Atlantic tropical forest.	Etnomedicina	Bahia (Nordeste) e Estados Unidos.	Santana; Voeks, Funch, 2016.
Ethnopharmacological evaluation of medicinal plants used against malaria by quilombola communities from Oriximiná, Brazil.	Etnofarmacologia	Rio de Janeiro (Sudeste) e Minas Gerais (Sudeste)	Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
Ethnopharmacological studies of <i>Lippia origanoides</i> .	Etnofarmacologia	Rio de Janeiro (Sudeste)	Oliveira <i>et al.</i> , 2014.
Ethnopharmacological versus random plant selection methods for the evaluation of the antimycobacterial activity.	Etnofarmacologia	Rio de Janeiro (Sudeste), Pará (Norte) e Rio Grande do Sul (Sul)	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a.
Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade quilombola de Porto Alegre, Cametá, Pará, Brasil.	Etnobotânica	Pará (Norte)	Durão; Costa; Medeiros, 2021.
Etnoecologia e etnobotânica da palmeira juçara (<i>Euterpe edulis</i> Martius) em comunidades	Etnobotânica e Etnoecologia	Santa Catarina (Sul)	Barroso; Reis; Hanazaki, 2010.

quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo.			
Evaluation of conservation status of plants in Brazil's Atlantic forest: An ethnoecological approach with Quilombola communities in Serra do Mar State Park	Etnoecologia	São Paulo (Sudeste), Minas Gerais (Sudeste) e Estados Unidos	Conde <i>et al.</i> , 2020.
Knowledge and Use of the Flora in a Quilombola Community of Northeastern Brazil	Etnobotânica	Ceará (Nordeste)	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na comunidade quilombola Carreiros, Mercês – Minas Gerais.	Etnobotânica	Minas Gerais (Sudeste)	Ferreira; Lourenço; Baliza, 2014.
Local ecological knowledge and its relationship with biodiversity conservation among two Quilombola groups living in the Atlantic Rainforest, Brazil.	Etnobotânica	Minas Gerais (Sudeste), Rio de Janeiro (Sudeste), São Paulo (Sudeste) e Estados Unidos.	Conde <i>et al.</i> , 2017.
Multifunctional plants used by Quilombolas in the Castainho Community (Garanhuns, Pernambuco, Brazil).	Etnobotânica	Pernambuco (Nordeste)	Cruz <i>et al.</i> , 2022.
O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil.	Etnobotânica	Bahia (Nordeste)	Almeida; Bandeira, 2010.
Plantas Medicinais de Uso Popular na Comunidade Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO.	Etnobotânica	Goiás (Centro-Oeste)	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
Plants utilized as medicines by residents of Quilombo da Fazenda, Núcleo Picinguaba, Ubatuba, São Paulo, Brazil: A participatory survey.	Etnobotânica	São Paulo (Sudeste)	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
Praticas de cuidado de parteiras e mulheres quilombolas à luz da antropologia interpretativa.	Não especificada.	Pernambuco (Nordeste), Bahia (Nordeste), Distrito Federal (Centro-Oeste) e Rio de Janeiro (Sudeste)	Bonfim <i>et al.</i> , 2018.
Quilombola ethnomedicine: The role of age, gender, and culture change	Etnomedicina	Bahia (Nordeste) e Estados Unidos.	Santana; Voeks, Funch, 2022.
Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil.	Etnobotânica	Bahia (Nordeste) e Espírito Santo (Sudeste)	Mota; Dias, 2012.
Toxic plants from the perspective of a "Quilombola" community in the Cerrado region of Brazil.	Etnobotânica	Goiás (Centro-Oeste), Minas Gerais (Sudeste), São Paulo (Sudeste), Bahia (Nordeste) e Estados Unidos.	Paim <i>et al.</i> , 2023.
Traditional Agriculture and Food Sovereignty: Quilombola Knowledge and Management of Food Crops.	Etnobotânica	Santa Catarina (Sul)	Gonçalves <i>et al.</i> , 2022.

Traditional botanical knowledge of medicinal plants in a “quilombola” community in the Atlantic Forest of northeastern Brazil.	Etnobotânica	Paraíba (Nordeste)	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.
Traditional knowledge and uses of the <i>Caryocar brasiliense</i> Cambess. (Pequi) by “quilombolas” of Minas Gerais, Brazil: subsidies for sustainable management.	Etnoecologia	Minas Gerais (Sudeste)	Pinto <i>et al.</i> , 2016.
Use and Diversity of Palm (Arecaceae) Resources in Central Western Brazil.	Etnobotânica	Distrito Federal (Centro-Oeste), São Paulo (Sudeste) e Pernambuco (Nordeste).	Martins; Filgueiras; Albuquerque, 2014.
Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil.	Etnobotânica	Espírito Santos (Sudeste) e Rio de Janeiro (Sudeste)	Crepaldi; Peixoto, 2010.
Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia.	Etnobotânica	Bahia (Nordeste)	Gomes; Bandeira, 2012.
Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.	Etnobotânica	Bahia (Nordeste)	Oliveira, 2015.

Fonte: Dados da pesquisa.

5.2 LOCALIDADES QUILOMBOLAS ESTUDADAS

Nos 38 artigos selecionados para a revisão, foram estudadas 60 comunidades remanescentes de quilombos e 1 território quilombola do qual os autores não especificaram as comunidades pesquisadas, sendo as regiões Nordeste e Sudeste com mais localidades estudadas, totalizando 18 cada, seguidas do Norte, Centro-Oeste e Sul, com 12, 8 e 5, respectivamente. Ao total, foram encontrados estudos em comunidades de 16 estados, sendo Bahia, São Paulo, Minas Gerais e Pará os detentores do maior número de comunidades, com 14, 10, 7 e 6, respectivamente, como pode ser visto tanto no Quadro 2, quanto na Figura 2.

Quadro 2 – Lista das localidades estudadas nos artigos selecionados.

REGIÃO	COMUNIDADE	ESTADO	CIDADE	REFERÊNCIA
Norte	Currálinho	Amapá	Macapá	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
	Curiaú de Fora	Amapá	Macapá	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
	Curiaú de Dentro	Amapá	Macapá	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
	São Francisco da Casa Grande	Amapá	Macapá	Pereira <i>et al.</i> , 2017.

	Arancuã-de-Cima	Pará	Oriximiná	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a; Oliveira <i>et al.</i> , 2011b; Oliveira <i>et al.</i> , 2014; Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
	Bacabal	Pará	Oriximiná	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a; Oliveira <i>et al.</i> , 2011b; Oliveira <i>et al.</i> , 2014; Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
	Jauari	Pará	Oriximiná	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a; Oliveira <i>et al.</i> , 2011b; Oliveira <i>et al.</i> , 2014; Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
	Pancada	Pará	Oriximiná	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a; Oliveira <i>et al.</i> , 2011b; Oliveira <i>et al.</i> , 2014; Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
	Porto Alegre	Pará	Cametá	Durão; Costa; Medeiros, 2021
	Serrinha	Pará	Oriximiná	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a; Oliveira <i>et al.</i> , 2011b; Oliveira <i>et al.</i> , 2014; Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
	Mumbuca	Tocantins	Jalapão	Viana <i>et al.</i> , 2018.
	Prata	Tocantins	Jalapão	Viana <i>et al.</i> , 2018.
Nordeste	Pau D'arco	Alagoas	Arapiraca	Magalhães <i>et al.</i> , 2022.
	Baixa dos Quelês	Bahia	Jeremoabo	Almeida; Bandeira, 2010.
	Bananal	Bahia	Rio da Contas	Silva; Regis; Almeida, 2012.
	Barra	Bahia	Rio da Contas	Silva; Regis; Almeida, 2012.
	Casinhas	Bahia	Jeremoabo	Almeida; Bandeira, 2010; Gomes; Bandeira, 2012.
	Furadinho	Bahia	Vitória da Conquista	Oliveira, 2015.
	Helvécia	Bahia	Nova Viçosa	Mota; Dias, 2012.
	Lagoinha	Bahia	São Gabriel	Bonfim <i>et al.</i> , 2018
	(Salamina/Putumujú)	Bahia	Maragogipe	Santana; Voeks; Funch, 2016; Santana; Voeks; Funch, 2022.
	Dunda (Salamina/Putumujú)	Bahia	Maragogipe	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Ferreiro (Salamina/Putumujú)	Bahia	Maragogipe	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Tororó (Salamina/Putumujú)	Bahia	Maragogipe	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Olaria (Salamina/Putumujú)	Bahia	Maragogipe	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Piripau (Salamina/Putumujú)	Bahia	Maragogipe	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Forte Salamina (Salamina/Putumujú)	Bahia	Maragogipe	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
Serra do Evaristo	Ceará	Baturité	Santos; Silveira; Gomes, 2019.	
Ipiranga	Paraíba	Conde	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.	

	Castainho	Pernambuco	Garanhus	Cruz et al., 2022.
Centro-Oeste	Ana Laura	Goiás	Piracanjuba	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	Engenho II (Kalunga)	Goiás	Cavalcante	Martins; Filgueiras; Albuquerque. 2014; Paim <i>et al.</i> , 2023.
	Vão das Almas (Kalunga)	Goiás	Cavalcante	Paim <i>et al.</i> , 2023.
	Vão do Moleque (Kalunga)	Goiás	Cavalcante	Paim <i>et al.</i> , 2023.
	Mutuca	Mato Grosso	Nossa Senhora do Livramento	Oliveira; Osti; Martinho, 2020.
	Pé de Galinha	Mato Grosso	Porto Estrela	Santos; Barros, 2017.
	Sete Barreiros	Mato Grosso	Porto Estrela	Santos; Barros, 2017.
	Furnas do Dionísio	Mato Grosso do Sul	Jaguari	Vinholi Júnior; Varga, 2015.
Sul	Palmital dos Pretos	Paraná	Campo Largo	Clarindo; Staniski; Strachulski, 2022.
	Aldeia	Santa Catarina	Garopaba	Ávila <i>et al.</i> , 2017.
	Fortunato	Santa Catarina	Garopaba	Ávila <i>et al.</i> , 2017.
	Santa Cruz	Santa Catarina	Paulo Lopes	Ávila <i>et al.</i> , 2017.
	São Roque	Santa Catarina	Praia Grande	Gonçalves <i>et al.</i> , 2022.
Sudeste	Cachoeira do Retiro	Espírito Santo	Santa Leopoldina	Crepaldi; Peixoto, 2010.
	Carreiros	Minas Gerais	Mercês	Ferreira; Lourenço; Baliza, 2014.
	Palmeirinha	Minas Gerais	Pedras de Maria da Cruz	Mota <i>et al.</i> , 2015.
	Pontinha	Minas Gerais	Paraopeba	Pinto <i>et al.</i> , 2016.
	Cachoeira (Mumbuca)	Minas Gerais	Jequitinhonha	Steward; Lima., 2017.
	Laranjeiras (Mumbuca)	Minas Gerais	Jequitinhonha	Steward; Lima., 2017.
	São Sebastião da Boa Vista	Minas Gerais	Santos Dumont	Conde <i>et al.</i> , 2017.
	São Bento	Minas Gerais	Santos Dumont	Conde <i>et al.</i> , 2017.
	Galvão	São Paulo	Eldorado	Barroso; Reis; Hanazaki, 2010.
	Ivaporunduva	São Paulo	Eldorado	Barroso; Reis; Hanazaki, 2010.
	Mandira	São Paulo	Cananéia	Barroso; Reis; Hanazaki, 2010.
	Nhanguara	São Paulo	Eldorado	Barroso; Reis; Hanazaki, 2010.
	Pedro Cubas	São Paulo	Eldorado	Barroso; Reis; Hanazaki, 2010.
	Quilombo da Fazenda	São Paulo	Ubatuba	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
	São Pedro	São Paulo	Eldorado	Barroso; Reis; Hanazaki, 2010.
Sapatu	São Paulo	Eldorado	Barroso; Reis; Hanazaki, 2010.	
Quilombo da Fazenda	São Paulo	Ubatuba	Conde <i>et al.</i> , 2020	
Quilombo do Cambury	São Paulo	Ubatuba	Conde <i>et al.</i> , 2020	

Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 2 – Mapa destacando os estados contemplados nos artigos selecionados.



Fonte: Dados da pesquisa.

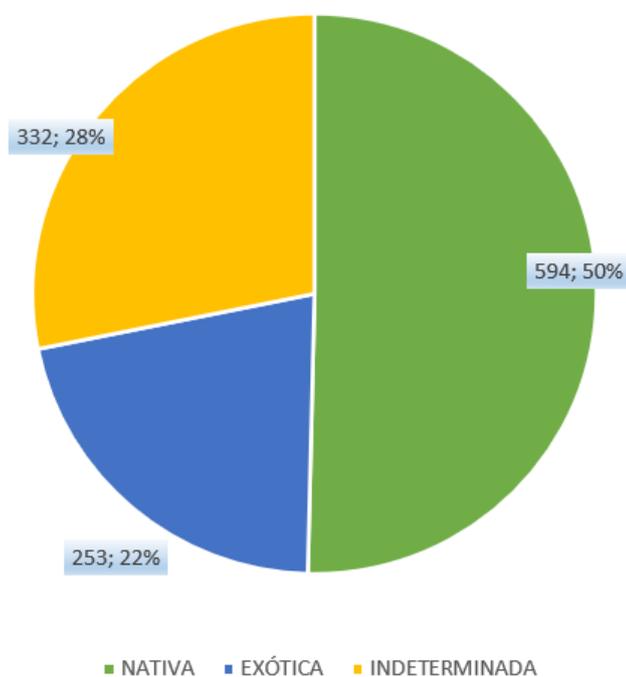
Os trabalhos de Santana, Voeks e Funch, publicados em 2016 e 2022, não tiveram as comunidades estudadas especificadas. Tais produções apenas informaram que as pesquisas foram realizadas no território Salamina/Putumujú, localizado no município de Maragogipe, na Bahia. Porém se sabe que as comunidades deste território são Dunda, Ferreiro, Tororó, Olaria, Piripau e Forte Salamina, que foram estudadas no trabalho de Lisboa e colaboradores (2017), também incluso nesta revisão.

Piauí, Rio Grande do Sul, Amazonas, Sergipe, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia e o Distrito Federal são os demais estados detentores de localidades quilombolas, mas com nenhuma constando entre os artigos selecionados, sendo a maior parte deles do Nordeste.

5.3 ORIGEM DAS ESPÉCIES

Ao total, 1.179 espécies vegetais utilizadas em comunidades quilombolas do Brasil foram encontradas a partir dos artigos selecionados para esta revisão sendo que, desse total, 594 espécies foram identificadas como nativas do Brasil, enquanto 253 são espécies exóticas e 332 possuíram origem indeterminada. As porcentagens arredondadas desses números podem ser vistas na Figura 3.

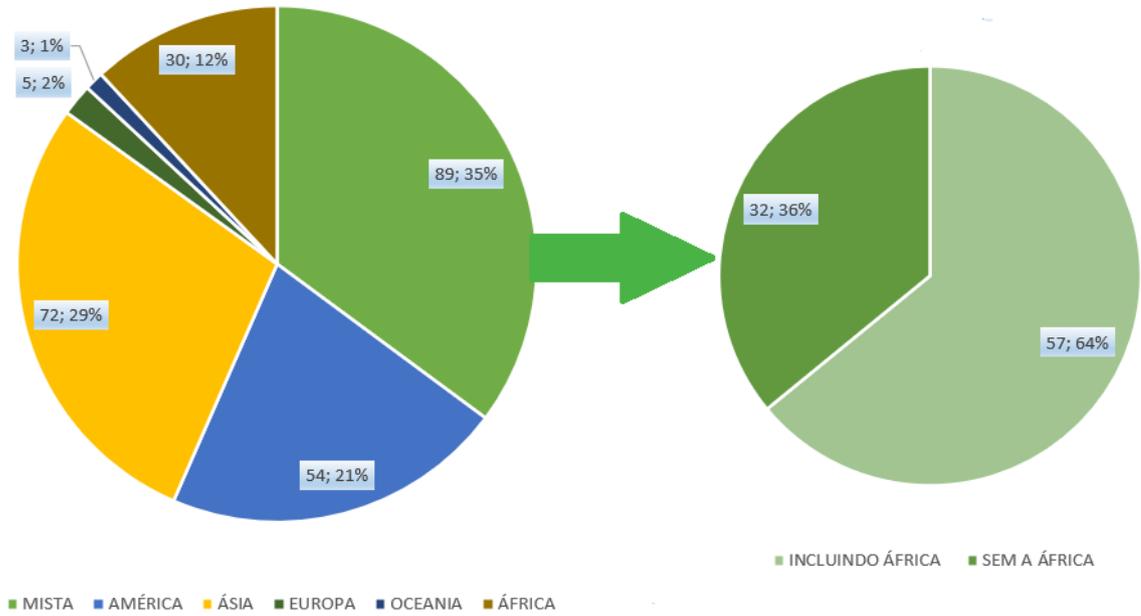
Figura 3 – Origem geral das espécies encontradas nas comunidades quilombolas estudadas.



Fonte: Dados da pesquisa.

Entre as exóticas, a Ásia é o continente detentor da maior quantidade de espécies nativas apenas de sua região, com 72 espécies, e enquanto a África figura com 30. Quanto às exóticas de origem mista, ou seja, nativas de mais de um continente, 57 são nativas da África, como visto no gráfico da Figura 4, que também demonstra as porcentagens arredondadas de espécies nativas de cada continente. Dessa forma, se totalizaram 87 espécies exóticas que são originárias da África.

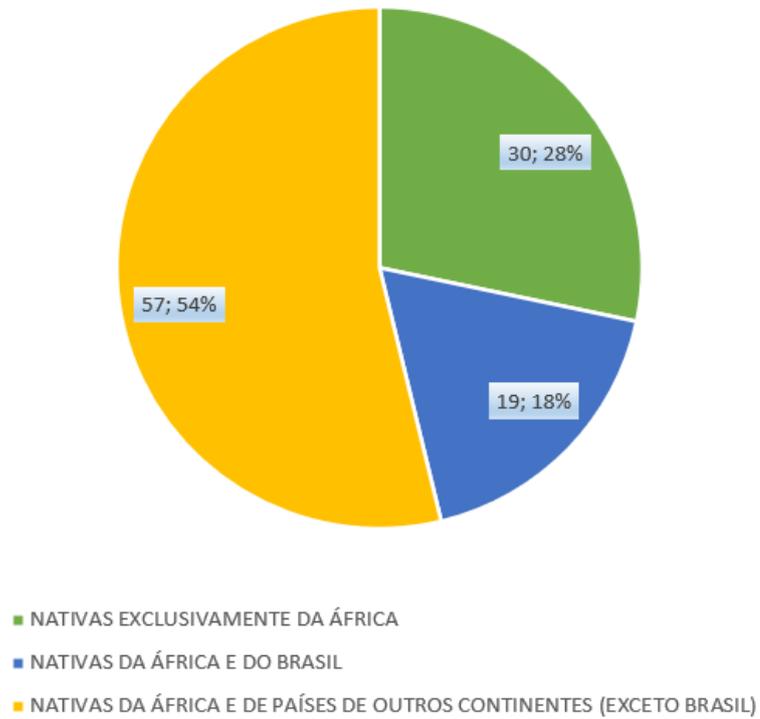
Figura 4 - Origem das espécies exóticas encontradas nas comunidades quilombolas estudadas.



Fonte: Dados da pesquisa.

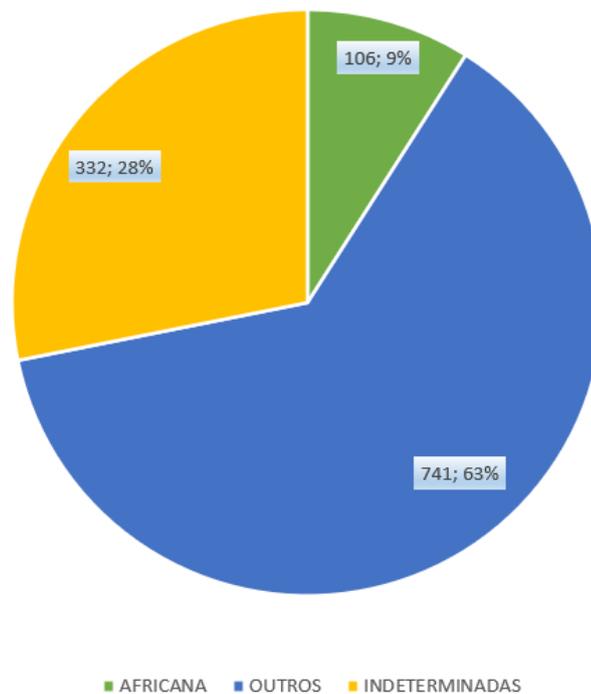
Além dessas espécies exóticas, ainda se verificou a existência de 19 plantas nativas do Brasil que também são consideradas nativas africanas. A soma de tais plantas com as 87 espécies exóticas originárias da África, resultou que o número total de espécies nativas africanas chegasse a 106, como pode ser visto na Figura 5, o que representa cerca de 9% de todas as plantas encontradas nas comunidades quilombolas diante dos artigos selecionados, como pode ser visto na Figura 6.

Figura 5 – Diferentes tipos espécies nativas africanas entre as encontradas nas comunidades quilombolas estudadas.



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 6 – Porcentagem de espécies africanas entre o total de plantas encontradas nas comunidades quilombolas estudadas.



Fonte: Dados da pesquisa.

O número de espécies nativas da África levantadas neste estudo, assim como as dos demais continentes, pode variar para mais ou para menos visto que cerca de 28% do total das espécies não conseguiram ter sua origem determinada.

5.4 PLANTAS NATIVAS AFRICANAS E SEUS USOS

Afim de se ter uma melhor noção sobre as relações que a flora brasileira possui com a da África, tendo as comunidades remanescentes de quilombo como base, além de teorizar sobre como as plantas nativas africanas chegaram em solo brasileiro, a presente revisão criou três grupos para a alocação dessas espécies: as espécies nativas exclusivamente da África (Quadro 3); as nativas da África e do Brasil ao mesmo tempo (Quadro 4) e as nativas da África e de países de outros continentes, exceto Brasil (Quadro 5).

Quadro 3 – Espécies nativas exclusivamente da África utilizadas nas comunidades quilombolas encontradas nos artigos selecionados.

FAMÍLIA E NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	CATEGORIA DE USO	PARTE USADA	MODO DE USO	REFERÊNCIA
Amaranthaceae					
<i>Celosia argentea</i> L.	Erva-santa	Medicinal	Folha	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
Apocynaceae					
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don	Boa-noite	Ornamental	-	-	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
	Boa noite branca	Medicinal (gripe)	Raiz	-	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.
	Beijo-branco, Boa-noite-branca, Vinca	Medicinal (fungicida, no tratamento de câncer)	Flor	Chá (infusão)	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
Arecaceae					
<i>Dyopsis lutescens</i> (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf.	Palmeirinha	Ornamental	-	-	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
Araceae					
<i>Zantedeschia aethiopica</i> L.	Copo-de-leite	Ornamental	-	-	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
Asparagaceae					
<i>Asparagus densiflorus</i> (kunth) Jessop	Alfinete, Agulha	Medicinal (previne AVC)	Caule, folha	Chá (decoção)	Magalhães <i>et al.</i> , 2022.
<i>Dracaena fragrans</i> (L.) Ker Gawl.	-	Ornamental	-	-	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
<i>Dracaena reflexa</i> var. <i>angustifolia</i>	-	Ornamental	-	-	Santos; Silveira; Gomes, 2019.

Baker OU <i>Dracaena marginata</i> Lam					
<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer ex Hook.	Lança-de-São-Jorge	Ornamental, Ritualística	-	-	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	-	Ritualística	-	-	Ávila <i>et al.</i> , 2017.
	Espada-de-Ogum	Espiritual (proteção espiritual)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Espada-de-São-Jorge	Medicinal (revigora, dá energia)	Folha	Chá para banho	Magalhães <i>et al.</i> , 2022.
	Espada de São Jorge	Espiritual (descarrego)	Folha	Banho	Oliveira, 2015.
	Espada-de-São-Jorge	Espiritual (espantar os maus espíritos)	Folha	Banho	Santos; Barros, 2017.
Balsaminaceae					
<i>Impatiens walleriana</i> Hook. f.	Beijo-branco	Medicinal	Flor	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
Crassulaceae					
<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Poelln	-	Ornamental	-	-	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
Cucurbitaceae					
<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Melancia	Alimentícia	Fruto	<i>In natura</i>	Santos; Barros, 2017.
	Melancia	Alimentícia	Fruto	-	Gonçalves <i>et al.</i> , 2022.
	Melancia	Medicinal (malária)	Semente	-	Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
	Melancia	-	-	-	Steward; Lima, 2017.
<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standl OU <i>Lagenaria vulgaris</i> Ser.	Cabaça	Medicinal (cólica de bebê)	Folha	Colocar a folha quente barriga de bebê	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	Abóbora-d'água	Alimentícia, Tecnológica	Fruto	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	Medicinal (micose)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Maxixe	Medicinal (micose)	Fruto	Uso tópico	Santana; Voeks; Funch, 2022.
	Maxixe	Alimentícia	Fruto	Cozido	Santos; Barros, 2017.
	Maxixe	Alimentícia	Fruto	-	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
	Maxixe	-	-	-	Steward; Lima, 2017.
Euphorbiaceae					
<i>Euphorbia umbellata</i> (Pax) Bruyns	Cancerosa	Medicinal (câncer, úlcera)	Folha	Em água	Santos; Barros, 2017.
	Carrapateira	Medicinal (dor de cabeça, bócio)	Folha	-	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.

<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	Medicinal (emoliente, cicatrizante)	Óleo	Uso tópico	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	Mamona	Medicinal	-	-	Mota <i>et al.</i> , 2015.
	Mamona	Medicinal (indigestão)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Mamona	Medicinal (indigestão)	Óleo do fruto	Chá	Santana; Voeks; Funch, 2022.
	Mamona	Medicinal (lombrigas)	Fruto	Óleo de oliva	Santos; Barros, 2017.
Fabaceae					
<i>Bauhinia monandra</i> Kurz	Pata de vaca	Medicinal (diabetes)	Folha	-	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Medicinal (dor na coluna)	Entrecasca do fruto	Infusão em água	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Tamarindo	Medicinal	-	-	Mota <i>et al.</i> , 2015.
	Tamarindo	Medicinal (coceira, dor nas costas)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Tamarindo	Medicinal (coceira, dor nas costas)	Casca do caule, folha	Banho, chá	Santana; Voeks; Funch, 2022.
	Tamarindo	Alimentícia, Medicinal (ansiedade, laxante)	Folha, fruto	Chá, <i>in natura</i> , suco	Santos; Barros, 2017.
Geraniaceae					
<i>Pelargonium graveolens</i> L'Her. ex Aiton	Malva-rosa	Medicinal (febre, gripe, tosse, hemorroida, catarro)	Planta inteira	-	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.
<i>Pelargonium zonale</i> L'Hér.	Malva-rosa	Medicinal (gripe)	Folha	Chá	Durão; Costa; Medeiros, 2021.
Iridaceae					
<i>Dietes bicolor</i> (Steud.) Klatt ex Sweet	Dália	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
Lamiaceae					
<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng	Catinga-mulata	Medicinal (epilepsia)	Folha	Maceração	Durão; Costa; Medeiros, 2021
	Macaça	Medicinal (AVC, dor de cabeça, hipertensão)	Folha	-	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.
<i>Plectranthus neochilus</i> Schtr.	Boldo	Medicinal (cólica, gases, constipação, doenças da próstata e rins, gripe, abortivo, dor em geral)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Boldo	Medicinal (cólica, gases, constipação, doenças da próstata e rins, gripe, abortivo, dor em geral)	Folha	Chá	Santana; Voeks; Funch, 2022.

	Boldo	Medicinal (dor de barriga, barriga inchada)	Folha	Chá	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Boldo	Medicinal (cólica, má digestão)	Folha	Chá	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd OU <i>Coleus comosus</i> Hochst. ex Gürke	Boldinho	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
Malvaceae					
<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Vinagreiro	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
<i>Hibiscus schizopetalus</i> (Dyer) Hook.f.	Hibisco crespo	Ornamental	-	-	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
Poaceae					
<i>Cymbopogon densiflorus</i> (Steud.) Stapf	Capim-santo	Medicinal (pressão arterial)	Folha	Chá	Santos; Barros, 2017.
<i>Melinis minutiflora</i> P.Beauv.	Capim-gordura	Medicinal (constipação)	Folha	Banho	Santos; Barros, 2017.
Rubiaceae					
<i>Coffea arabica</i> L.	Café	Medicinal (diabetes)	Semente	-	Mota; Dias, 2012.
	Café	Alimentícia	Semente	-	Gonçalves <i>et al.</i> , 2022.
	Café	Alimentícia, Medicinal	Folha, semente	-	Cruz <i>et al.</i> , 2022.
	Café	Medicinal (indigestão, estancar o sangue, pressão baixa, gripe)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Café	Medicinal (indigestão, estancar o sangue, pressão baixa, gripe)	Semente	Chá (com alho e limão verdadeiro), Ingestão (misture o pó com água), Uso tópico (debaixo da língua)	Santana; Voeks; Funch, 2022.
	Café	Alimentícia, Medicinal (sarampo)	Folha, fruto	Chá, pó	Santos; Barros, 2017.
	Café	Medicinal (dor de cabeça, febre de criança)	Folha	Chá	Silva; Regis; Almeida, 2012.
	Café	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
	Café	-	-	-	Steward; Lima, 2017.

Solanaceae					
<i>Solanum aethiopicum</i> L.	Jiló-pequeno, Jiló-grande	Alimentícia	Fruto	-	Santos; Barros, 2017.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 4 – Espécies nativas, ao mesmo tempo, da África e do Brasil, utilizadas nas comunidades quilombolas encontradas nos artigos selecionados.

FAMÍLIA E NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	CATEGORIA DE USO	PARTE USADA	MODO DE USO	REFERÊNCIA
Asteraceae					
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Del) Sch. Bip. Ou <i>Vernonia condensata</i> Baker	Boldo	Medicinal	-	-	Mota <i>et al.</i> , 2015.
	Alumã	Medicinal (gastrite, para o fígado)	Folha	-	Mota; Dias, 2012.
	Alumã	Medicinal (cólica, indigestão, aborto, restauração capilar, inflamação da garganta, gripe, febre, vermes, dor em geral, menstruação atrasada)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Alumã, Arrumã	Medicinal (cólica, indigestão, aborto, restauração capilar, inflamação da garganta, gripe, febre, vermes, dor em geral, menstruação atrasada)	Folha	Chá, uso tópico	Santana; Voeks; Funch, 2022.
	Alumã	Medicinal (dor de barriga, queda de cabelo, gripe, quando a pessoa está arrotando mal)	Folha	Chá	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Alcachofra	Medicinal (colesterol alto, diabetes, dor no fígado, dor na vesícula biliar, dor nos rins, indigestão)	Folha	-	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.
	Boldo-do-Chile	Medicinal (para o estômago)	Fruto	Chá	Santos; Barros, 2017.

	Boldo-sem-pelo	Medicinal (para digestão)	Folha	Chá (decoção)	Yazbek <i>et al.</i> , 2019
	Boldo	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
	Figatil	Medicinal (enxaqueca, pulmão, malária)	Folha	-	Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
Caryophyllaceae					
<i>Drymaria cordata</i> (L.) Willd. ex Schult.	-	-	-	-	Ávila <i>et al.</i> , 2017.
Commelinaceae					
<i>Commelina erecta</i> L.	-	-	-	-	Ávila <i>et al.</i> , 2017.
Convolvulaceae					
<i>Cuscuta obtusiflora</i> Kunth	Cipó-chumbo	Medicinal (para sarna)	Planta inteira	Chá (decoção) via oral ou aplicação tópica	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
<i>Ipomoea asarifolia</i> (Ders.) Roem. & Schult	Salsa-brava	Medicinal (ferimentos)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Salsa-brava	Medicinal (ferimentos)	Planta inteira	Banho	Santana; Voeks; Funch, 2022.
	Salsa	Medicinal (infecção uterina)	Folha	Chá	Durão; Costa; Medeiros, 2021
<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	Roda-de-batata	Medicinal (comida que faz mal)	Raiz	Chá	Gomes; Bandeira, 2012.
	Maruleite	Medicinal (depurativa do sangue)	Rizoma	Alimentação	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	Batatão	Medicinal	-	-	Paim <i>et al.</i> , 2023.
Cyperaceae					
<i>Cyperus articulatus</i> L.	Junça	Medicinal (dor de cabeça, sinusite)	Raiz	-	Mota; Dias, 2012.
Fabaceae					
<i>Andira inermis</i> (W. Wright) DC.	Alvineira	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw.	Barba-de-barata	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
<i>Desmodium barbatum</i> (L.) Benth.	Beijo-de-boi	Medicinal (para os rins e uretra)	Planta inteira	-	Mota; Dias, 2012.
Malvaceae					
<i>Sida acuta</i> Burm.f.	Vassoura babosa	Medicinal, Ornamental, Ritualística, Tecnológica	Planta inteira	-	Conde <i>et al.</i> , 2017.
<i>Sida linifolia</i> Jus. ex Cav.	Língua-de-vaca	Medicinal (gripe, ferimentos)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.

	Língua-de-vaca	Medicinal (gripe, ferimentos)	Folha, planta inteira	Banho, chá	Santana; Voeks; Funch, 2022.
<i>Sida cordifolia</i> L.	Malva-de-jegue	Medicinal	-	Chá	Almeida; Bandeira, 2010.
	Malva-branca	Espiritual (proteção espiritual), Medicinal (inflamação, coceira, ferimento, indigestão, gripe, infantil, micose, menstruação atrasada, corrimento vaginal)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Malva-branca	Espiritual (proteção espiritual), Medicinal (inflamação, coceira, ferimento, indigestão, gripe, infantil, micose, menstruação atrasada, corrimento vaginal)	Folha, planta inteira	Banho, chá	Santana; Voeks; Funch, 2022.
Menispermaceae					
<i>Cissampelos pareira</i> L.	Abuta branca	Medicinal	Folha	-	Conde <i>et al.</i> , 2017.
Olacaceae					
<i>Ximenia americana</i> L.	Umbu de ameixa	Medicinal	-	Chá	Almeida; Bandeira, 2010.
	Ameixa selvagem	Alimentícia, Medicinal	Casca, fruto		Cruz <i>et al.</i> , 2022.
	Ameixa	Medicinal (inflamação)	Caule	Chá, maceração	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
	Ameixa	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
Piperaceae					
<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Alfavaquinha-de-cobra	Medicinal (gripe em crianças, febre em crianças, disenteria, constipação, pressão alta, doença cardíaca, problemas de próstata, inflamação)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.

	Alfavaquinha-de-cobra	Medicinal (gripe em crianças, febre em crianças, disenteria, constipação, pressão alta, doença cardíaca, problemas de próstata, inflamação)	Planta inteira	Chá	Santana; Voeks; Funch, 2022.
	Erva-de-jabuti	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
Polygalaceae					
	<i>Polygala violacea</i> Aubl.	Medicinal (gripe, ferimentos)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
Pteridaceae					
	<i>Adiantum capillus-veneris</i> L.	Medicinal (confinamento pós-parto, inchaço)	Caule, folha	Chá, infusão	Magalhães <i>et al.</i> , 2022.
Urticaceae					
	<i>Laportea aestuans</i> (L.) Chew	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 5 – Espécies nativas, ao mesmo tempo, da África e de países de outros continentes, exceto Brasil, utilizadas nas comunidades quilombolas encontradas nos artigos selecionados.

FAMÍLIA E NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	CATEGORIA DE USO	PARTE USADA	MODO DE USO	REFERÊNCIA
Amaranthaceae					
<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	Alimentícia	Raiz	-	Gonçalves <i>et al.</i> , 2022.
	Beterraba	Medicinal (gripe)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Beterraba	Medicinal (anemia)	Raiz	Xarope	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
	Beterraba	-	-	-	Steward; Lima, 2017.
Amaryllidaceae					
<i>Allium ascalonicum</i> L.	Cebolinha branca	Medicinal (cólicas, má digestão)	Caule	Chá	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
Apiaceae					
<i>Anethum graveolens</i> L.	Endro	Medicinal (anemia e inflamação)	Folha, caule	Chá	Magalhães <i>et al.</i> , 2022.
<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	Medicinal (anemia)	Raiz	Suco	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
	Cenoura	Alimentícia	Raiz	-	Gonçalves <i>et al.</i> , 2022.
	Cenoura	-	-	-	Steward; Lima, 2017.
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Funcho, Erva-doce	Medicinal (gripe, pressão arterial)	Folha, raiz, semente	Chá (infusão)	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.

	Erva-doce	Medicinal	-	-	Mota <i>et al.</i> , 2015.
	Erva-doce	Medicinal (suavizante)	Semente	Chá	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
	Erva doce	Medicinal (calmante, gases, dores)	Folha, ramo, semente	Chá	Oliveira, 2015.
	Erva doce	Medicinal (calmante, resfriado)	Planta inteira	Chá (decoção)	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
	Erva doce	-	-	-	Steward; Lima, 2017.
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsa	Medicinal (circulação, cólicas menstruais)	Folha, raiz, ramo	Chá (infusão)	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	Salsinha	Alimentícia	Folha	-	Santos; Barros, 2017.
	Salsa-comida	Medicinal	Raiz	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
	Salsa	Medicinal (mulher parida, pressão alta, pressão baixa)	Folha, raiz	Chá, xarope	Silva; Regis; Almeida, 2012
	Salsa	-	-	-	Steward; Lima, 2017.
Apocynaceae					
<i>Nerium oleander</i> L.	Flor de São José	Ornamental	-	-	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
Asteraceae					
<i>Anthemis cotula</i> L.	Marcelinha	Medicinal (gases, estômago crescido)	Folha	Chá	Santos; Barros, 2017.
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	Alimentícia, Medicinal	Folha	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
	Losma	Medicinal (cólicas, abortivo)	Folha	Chá	Gomes; Bandeira, 2012.
	Losna	Medicinal (herpes, erisipela, feridas na pele e diabetes)	Folha, raiz	Chá (infusão), maceração de aplicação externa.	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	Losna	Medicinal (cólica, dor de estômago)	Folha	Cozinhar	Santos; Barros, 2017.
<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Anador	Medicinal (gripe, dor de cabeça, dor de barriga)	Folha		Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.
	Artemígio	Medicinal (dor na urina)	Casca	Chá	Gomes; Bandeira, 2012.
	Artemísia	Medicinal (dor, febre, anemia)	Folha	Chá, xarope	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
	Anador	Medicinal (dor de cabeça, febre, malária e dores corporais)	Partes aéreas	-	Oliveira <i>et al.</i> , 2015.

<i>Chamaemelum nobile</i> (L.) All.	-	-	-	-	Steward; Lima, 2017.
<i>Cichorium intybus</i> L.	Almeirão	Alimentícia	Folha	<i>In natura</i>	Santos; Barros, 2017.
<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC.	Serralha	Medicinal (gastrite)	Folha	Chá (decoção)	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
<i>Matricaria recutita</i> L. OU <i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Camomila	Medicinal	-	-	Mota <i>et al.</i> , 2015.
	Camomila	Medicinal (calmante, má digestão e problemas intestinais)	Flor	Chá (infusão)	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	Camomila	Medicinal	Flor	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
Brassicaceae					
<i>Brassica rapa</i> L.	Couve	Alimentícia	Folha	<i>In natura</i>	Santos; Barros, 2017.
	Mostarda	Combustível	Folha	-	Conde <i>et al.</i> , 2017.
<i>Eruca vesicaria</i> (L.) Cav.	Rúcula	Alimentícia	Folha	<i>In natura</i>	Santos; Barros, 2017.
	Arugula	Alimentícia	Folha	-	Gonçalves <i>et al.</i> , 2022.
<i>Nasturtium officinale</i> W. T. Aiton	Agrião	Medicinal (infecções e inflamações)	Folha	Chá, xarope	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
	Agrião	Medicinal (gripe e catarro no peito)	Folha	Chá, xarope	Silva; Regis; Almeida, 2012
	Agrião	Alimentícia	Folha	<i>In natura</i>	Santos; Barros, 2017.
<i>Raphanus raphanistrum</i> L.	Rabanete	Alimentícia	Raiz	-	Gonçalves <i>et al.</i> , 2022.
Combretaceae					
<i>Terminalia catappa</i> L.	Castanhola	Medicinal (dificuldades respiratórias)	Folha	Chá	Durão; Costa; Medeiros, 2021
	Sete-copas	Medicinal (infecção dos rins)	Folha	Chá (infusão)	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	Castanhola	Alimentícia	Fruto	-	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
Crassulaceae					
<i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw. OU <i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb.	Saião	Medicinal	Folha	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
	Saião	Medicinal (gastrite, gripe, tosse, úlcera, vermes, catarro)	Folha	-	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.
<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers. OU <i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken OU <i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb.	Diabinho	Medicinal (tuberculose, tosse)	-	-	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a.
	Folha-da-fortuna, Folha-da-costa	Medicinal (gripe, tosse, congestão nasal)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Corama	Medicinal (gripe, inflamação)	-	Pomada, suco	Santos; Silveira; Gomes, 2019.

	Folha-da-costa	Medicinal (gripe)	-	Chá	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.	
	Pirarucu-branco	Medicinal (irritações na pele, problemas de fígado, dor de estômago)	Folha	Chá, maceração	Durão; Costa; Medeiros, 2021	
	Folha-santa	Medicinal (expectorante natural)	Folha	Macerar e beber sumo fresco com mel	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.	
	Folha-da-fortuna, Folha-da-costa	Medicinal (tosse, gripe, micose, congestão nasal)	Folha	Banho, xarope	Santana; Voeks; Funch, 2022.	
	Fortuna	Medicinal (coração), Ornamental	Folha	Chá	Santos; Barros, 2017.	
	Saião-roxo	Medicinal (úlceras)	Folha	Maceração (aplicação transdérmica)	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.	
	Escama-de-pirarucu, Pirarucu	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.	
	Melãozinho-do-mato	Medicinal (úlceras, sarna)	Folha	Chá (decoção) ou maceração de aplicação transdérmica	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.	
Cucurbitaceae						
	<i>Coccinia grandis</i> (L.) Voigt	Pepino-de-conserva	Alimentícia	Fruto	-	Santos; Barros, 2017.
	<i>Cucumis melo</i> L.	Melão	Alimentícia	Fruto	-	Gonçalves <i>et al.</i> , 2022.
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão São Caetano	Medicinal (piolhos)	Folha	-	-	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.
	São Caetano	Medicinal (coceira na pele, dores, cansaço, verme, tontura)	Folha	Banho, chá	-	Gomes; Bandeira, 2012.
	Melão de São Caetano	Alimentícia, Medicinal	Folha, Fruto, Planta Inteira, Semente	-	-	Cruz <i>et al.</i> , 2022.
	Melão-de-São-Caetano	Medicinal (verminoses, diarreia, hemorroidas)	Folha	Sumo fresco diluído em água	-	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	São-Caetano	Medicinal	-	-	-	Mota <i>et al.</i> , 2015.

	São-Caetano	Medicinal (estômago, pulmão, dengue, hepatite, diabetes)	Folha, fruto	Chá	Santos; Barros, 2017.
	Melãozinho-do-mato	Medicinal (úlceras, sarna)	Folha	Chá (decoção) ou maceração de aplicação transdérmica	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
	Melão-São-Caetano	Medicinal (diarreia, diabetes)	Folha	-	Mota; Dias, 2012.
Cyperaceae					
<i>Remirea maritima</i> Aubl.	Salsa-de-praia	Alimentícia, Medicinal	Raiz	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
Dioscoreaceae					
<i>Dioscorea bulbifera</i> L.	Cará-de-árvore	Alimentícia	-	-	Santos; Barros, 2017.
	Cará	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
Euphorbiaceae					
<i>Euphorbia thymifolia</i> L.	Quebra-pedra-roxo	Medicinal (previne pedras nos rins)	Planta inteira	Chá (decoção)	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Caranguejo	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
Fabaceae					
<i>Pisum sativum</i> L.	Ervilha	Alimentícia	Semente	-	Gonçalves <i>et al.</i> , 2022.
<i>Senna alexandrina</i> Mill	Sene	Medicinal (perda de peso)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Sene	Medicinal (perda de peso)	Folha	Chá	Santana; Voeks; Funch, 2022.
	Sene	Medicinal (laxante, depurativo do sangue, purgante)	Folha	Chá	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
<i>Tephrosia purpurea</i> (L.) Pers.	Sena	Medicinal (purgante, febre)	Folha	-	Mota; Dias, 2012.
Lamiaceae					
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Cordão-de-frade	Medicinal	Folha, fruto, planta inteira	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
	Cordão-de-frade	Medicinal (pressão alta)	Planta inteira	-	Mota; Dias, 2012.
	-	Ornamental, Ritualística	-	-	Ávila <i>et al.</i> , 2017.
	Cordão de São Francisco	Medicinal (AVC)	Flor, folha	-	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.

	Cordão-de-São-Francisco	Medicinal (mulheres grávidas, constipação)	Folha	Banho	Santos; Barros, 2017.
	Cordão-de-frade	Medicinal (doenças do aparelho reprodutivo)	Raiz, ramo	Chá (infusão)	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	Cordão-de-frade	Medicinal	-	-	Mota <i>et al.</i> , 2015.
<i>Leucas martinicensis</i> (Jacq.) R.Br.	Catinga-de-mulata	Medicinal (tuberculose, pneumonia, tosse)	-	-	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a.
<i>Melissa officinalis</i> L.	Melissa	Medicinal (calmante, para o coração)	Folha	Chá	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Melissa	Medicinal (alivia estresse, pressão alta, gripe, febre)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Melissa	Medicinal (alivia estresse, pressão alta, gripe, febre)	Folha	Chá	Santana; Voeks; Funch, 2022.
	Cidreira	Medicinal (suavizante)	Folha	Chá	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
	Erva-cidreira	Medicinal (cãibra, depressor)	Folha	Chá	Magalhães <i>et al.</i> , 2022.
<i>Mentha aquatica</i> L.	Vergamota	Medicinal (dor de barriga)	Folha	Chá	Durão; Costa; Medeiros, 2021
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	Medicinal	Folha	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
	Poejo	Medicinal (resfriado)	-	Chá	Oliveira; Osti; Martinho, 2020.
	Hortelã-miúdo	Medicinal (dor de barriga, "pancada", verme, gripe, hemorragia, anemia)	Folha	Chá, xarope	Gomes; Bandeira, 2012.
	Poejo	Medicinal (curar umbigo, icterícia)	Folha	Chá (infusão)	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	Poejo	Medicinal	-	-	Mota <i>et al.</i> , 2015.
	Poejo	Medicinal (dor de estômago, fadiga, nariz entupido, dor de cabeça)	Folha	Chá	Santos; Barros, 2017.
	Poejo	Medicinal (doença da mulher, fraqueza, resto de parto, gripe, bronquite, catarro, ausência de	Folha	Chá, xarope	Silva; Regis; Almeida, 2012

		menstruação, verminose)			
	Poejo	Medicinal (expectorante, dor de garganta)	Folha	Chá (decoçã o ou infusão)	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
	Poejo	-	-	-	Steward; Lima, 2017.
<i>Mentha spicata</i> L.	Hortelã	Medicinal	Folha	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
	Vique em planta	Medicinal (gripe)	Folha	Chá	Durão; Costa; Medeiros, 2021
	Hortelã	Medicinal (calmante, gases)	Folha	Chá (infusão), maceraçã o, xarope	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
<i>Mentha suaveolens</i> Ehrh.	Hortelã-da- folha- miúda	Medicinal (gripe, cólicas, inflamação e indigestão)	Folha	Chá	Magalhães <i>et al.</i> , 2022.
	Hortelã, Hortelã- miúdo	Medicinal (resto de parto, gripe, bronquite, mulher parida, verminose, dor de estômago, catarro, garganta inflamada, ajuda no parto)	Folha	Chá, sumo, vitamina (batida com leite), xarope	Silva; Regis; Almeida, 2012
<i>Ocimum americanum</i> L.	Esturaque	Medicinal (tosse, pneumonia)	-	-	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a.
	Alfavaca	-	-	-	Steward; Lima, 2017.
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Louro do mato	Medicinal (diarreia, dor de barriga, dor de estômago)	Folha	-	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.
	Louro- bravo	Alimentícia	Folha	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
	Favacão	Medicinal (gripe)	Folha	Banho	Durão; Costa; Medeiros, 2021
	Alfavaca, Alfavacão	Medicinal (gripe, sinusite)	Folha	Banho, chá (infusão)	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	Quiôio	Medicinal (dor e dente inflamado)	Folha	Chá	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Alfavaca, Tiôio	Medicinal (desinflamação interna)	Folha, raiz	-	Mota; Dias, 2012.
	Quiôio	Medicinal (dor corporal, coceira, infantil, colesterol alto, dor de dente, para perda de peso, gripe)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.

	Quiôô	Medicinal (dor corporal, coceira, infantil, colesterol alto, dor de dente, para perda de peso, gripe)	Folha	Banho, chá	Santana; Voeks; Funch, 2022.
	Favacão	Medicinal (tosse)	Folha	Xarope	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
	Alfavacão	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
<i>Coleus amboinicus</i> Lour. OU <i>Plectranthus amboinicus</i> (Laur.) Spreng.	Hortelã-graúda	Medicinal (gripe, congestão nasal, alívio de estresse)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Hortelã-graúda	Medicinal (gripe, congestão nasal, alívio de estresse)	Folha	Xarope	Santana; Voeks; Funch, 2022.
	Indiana	Alimentícia, Medicinal	Folha	-	Cruz <i>et al.</i> , 2022.
	Hortelã-graúdo	Medicinal (gripe, hemorragias, cólicas, anemia)	Folha	Chá, xarope	Gomes; Bandeira, 2012.
	Hortelã grosso	Medicinal (problemas respiratórios, gases, inflamação, estômago)	Folha	Chá, xarope	Oliveira, 2015.
	Hortelã grande	Medicinal (asma, bronquite, dor de barriga, dor de cabeça, dor de garganta, catarro, gripe, hipertensão, tosse, sinusite)	Folha	-	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.
	Hortelã-pimenta	Medicinal	Folha	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
	Ortiga	Medicinal (dor de barriga, cólica)	Folha	Chá, suco	Durão; Costa; Medeiros, 2021
	Hortelã-grande	Medicinal (tosse, pneumonia)	-	-	Oliveira <i>et al.</i> , 2011a.
	Alfavaca	Medicinal (sinusite)	Folha	Chá	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
	Hortelã-castelo, Hortelã-de-carne	Medicinal (gripe)	Folha	Chá (decoçã o)	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
	Hortelã grande	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
	<i>Coleus barbatus</i> (Andrews) Benth. ex G. Don OU	Boldo	Medicinal (estômago)	Folha	Chá
Boldo		Medicinal (pulmão,	Folha	Chá, suco	Santos; Barros, 2017.

<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews		ressaca, estômago)			
	-	Medicinal	-	-	Ávila <i>et al.</i> , 2017.
	Boldo	Alimentícia, Medicinal	Folha	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
	Boldo	Medicinal (dor de estômago e problemas no fígado)	Folha	Chá	Durão; Costa; Medeiros, 2021
	Boldo	Medicinal (problemas digestivos)	Folha	Chá (infusão ou maceração)	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	Sete-dores	Medicinal	-	-	Mota <i>et al.</i> , 2015.
	Boldo	Medicinal (barriga estufado, inchaço nos pés)	Folha	Chá	Silva; Regis; Almeida, 2012
	Boldo-com-pelo	Medicinal (ressaca, fígado)	Folha	Chá (decoção)	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
	Tapete-de-Oxalá	Medicinal (abortiva)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Tapete-de-Oxalá	Medicinal (abortiva)	Folha	Chá	Santana; Voeks; Funch, 2022.
	Melhoral, Boldo	Medicinal (fígado, ressaca, enxaqueca, malária, anemia)	Folha	-	Oliveira <i>et al.</i> , 2015.
Boldo	-	-	-	Steward; Lima, 2017.	
<i>Salvia rosmarinus</i> Schleid ou <i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Medicinal (AVC, dor de cabeça, febre, hipertensão, trombose, dor de barriga, diarreia)	Folha	-	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.
	Alecrim	Medicinal, Ritualística	Folha	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
	Alecrim	Alimentícia, Medicinal	Folha	-	Cruz <i>et al.</i> , 2022.
	Alecrim	Medicinal (calmante, dores no peito e coração)	Folha	Chá (infusão)	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	Alecrim	Medicinal	-	-	Mota <i>et al.</i> , 2015.
	Alecrim	Medicinal (dor no corpo, mente)	Folha, ramo	Banho, chá	Oliveira, 2015.
	Alecrim	Medicinal (dor de cabeça, ansiedade)	Folha	Banho	Santos; Barros, 2017.

	Alecrim da horta	Medicinal (sistema nervoso)	Folha	Chá	Silva; Regis; Almeida, 2012
	Alecrim	Medicinal (rouquidão, previne AVC)	Caule, folha	Chá, gorgolejo de infusão, <i>in natura</i>	Magalhães <i>et al.</i> , 2022.
	Alecrim	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
	Alecrim	-	-	-	Steward; Lima, 2017.
<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Liamba	Medicinal (dor de barriga e rinite)	Folha	-	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.
	Alecrim de Angola	-	-	-	Pereira <i>et al.</i> , 2017.
Lauraceae					
<i>Laurus nobilis</i> L.	Louro-comida	Medicinal	Folha		Crepaldi; Peixoto, 2010.
	Louro	Medicinal (indigestão)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Louro	Medicinal (indigestão)	Folha	Chá	Santana; Voeks; Funch, 2022.
Malvaceae					
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Folha de algodão	Medicinal (inflamação, candidíase)	-	Chá, infusão	Oliveira; Osti; Martinho, 2020.
	Algodão	Medicinal (tosse, infecção uterina)	Folha	Suco, garrafada	Durão; Costa; Medeiros, 2021
	Algodão	Medicinal (antibiótico, para infecção nos rins e urinária)	Folha	Chá (infusão)	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
	Algodão-roxo e verde	Medicinal (inflamações femininas)	Folha	Banho	Santos; Barros, 2017.
<i>Sida rhombifolia</i> L.	Malva	Medicinal (anti-inflamatório, feridas, inflamação, dor de dente, comida que faz mal)	Folha	Chá, uso tópico	Lisboa <i>et al.</i> , 2017.
	Vassoura-guanxuma	Medicinal (furúnculo)	Folha	Aquecedo (via transdérmica)	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
	Vassoura	Tecnológica	Planta inteira	-	Conde <i>et al.</i> , 2017.
Phyllanthaceae					
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Quebra pedra	Medicinal (dor no fígado)	Folha	Cozida, macerada	Santos; Barros, 2017.
	Quebra pedra	Medicinal	Folha, planta inteira	-	Conde <i>et al.</i> , 2017.
Plantaginaceae					

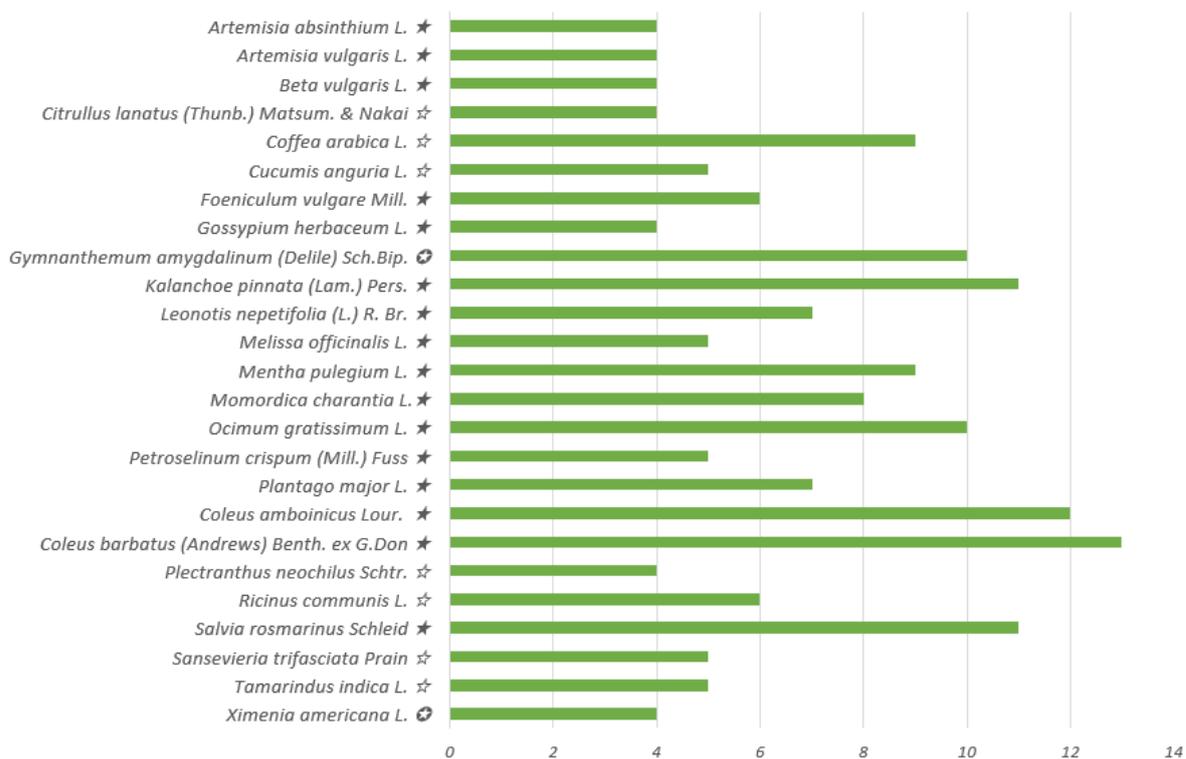
<i>Plantago major</i> L.	Transagem	Medicinal (dor de garganta)	Folha	-	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019.
	Transagem	Medicinal (infecção/câncer de útero, urina, ovário)	Folha	Chá	Magalhães <i>et al.</i> , 2022.
	Trançagem	Medicinal (inflamação)	Folha	Suco	Oliveira, 2015.
	Transagem	Medicinal (câncer)	Folha	Chá	Santos; Barros, 2017.
	Tanchagem	Medicinal (inflamação)	Folha	Chá, xarope	Santos; Silveira; Gomes, 2019.
	Trançagem	Medicinal (doença da mulher, dor de estômago, gripe, dor de dente, garganta inflamada, catarro)	Folha	Chá, <i>in natura</i> , xarope	Silva; Regis; Almeida, 2012
	Trançagem	-	-	-	Steward; Lima, 2017.
Poaceae					
<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle	Capim-cheiroso	Medicinal	-	-	Mota <i>et al.</i> , 2015.
	Citronela	Medicinal (repelente)	Folha	Maceração (aplicação transdérmica)	Yazbek <i>et al.</i> , 2019.
<i>Dactyloctenium aegyptium</i> (L.) Willd.	Pé-de-galinha	Medicinal (gastrite e soltar urina)	Folha	-	Mota; Dias, 2012.
<i>Panicum maximum</i> Jacq. OU <i>Megathyrsus maximus</i> (Jacq.) B.K.Simon & S.W.L.Jacobs	Capim-Guiné	-	-	-	Steward; Lima, 2017.
<i>Phalaris canariensis</i> L.	Alpiste	Medicinal	Semente	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
	Milho-alpiste	Medicinal (infecção urinária)	-	-	Santana; Voeks; Funch, 2016.
	Milho-alpiste	Medicinal (infecção urinária)	Semente	Chá	Santana; Voeks; Funch, 2022.
Rubiaceae					
<i>Cinchona calisaya</i> Wedd.	Quininha	Medicinal (trata intoxicações)	-	-	Paim <i>et al.</i> , 2023.
Sapindaceae					
<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.	Camboatá	Medicinal	-	Infusão	Almeida; Bandeira, 2010.
	Camboatada-folha-grande	Construção, Medicinal	Caule, folha	-	Crepaldi; Peixoto, 2010.
Solanaceae					

<i>Atropa bella-donna</i> L.	Beladona	Medicinal (calmante, no tratamento de asma, bronquite e coqueluche)	Folha, flor	Extrato, pó, tintura	Guimarães; Oliveira; Morais, 2019.
<i>Solanum melongena</i> L.	Berinjela	Alimentícia, Medicinal (colesterol)	Fruto	Cozido, em água	Santos; Barros, 2017.

Fonte: Dados da pesquisa.

Tratando-se das espécies mais citadas entre as nativas da África, *Coleus barbatus* (Andrews) Benth. ex G. Don ficou em primeiro lugar, obtendo um total de 13 citações. As demais espécies mais citadas obtiveram entre 4 e 12 menções, como pode ser visto na Figura 7.

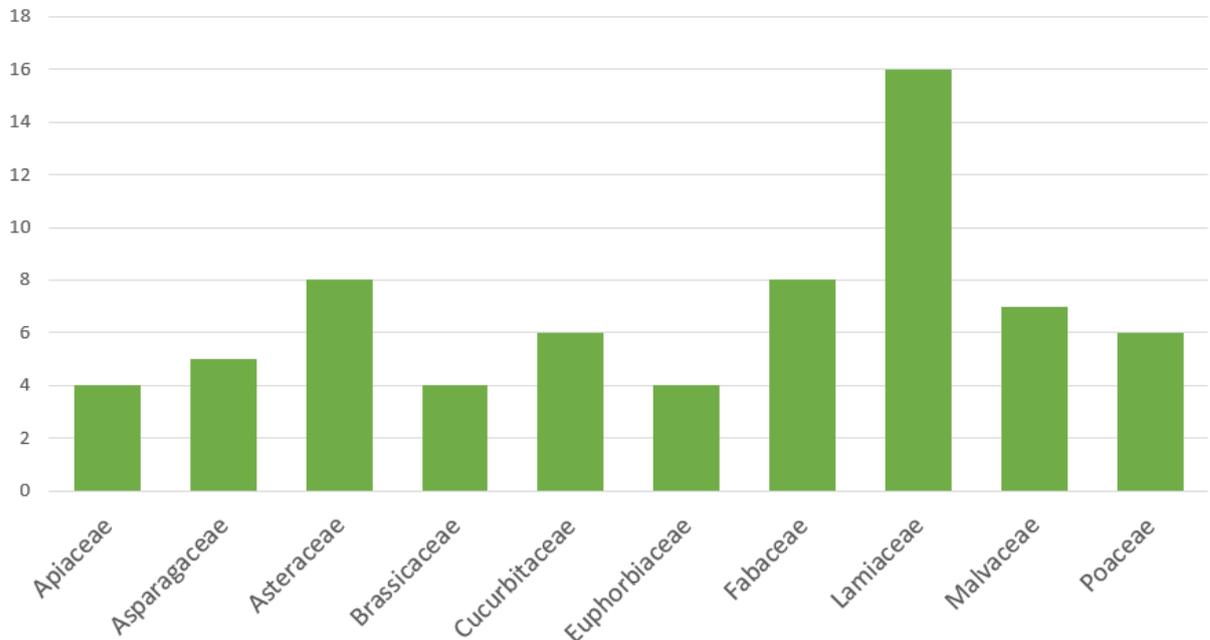
Figura 7 - Espécies nativas da África, entre as encontradas nas comunidades quilombolas estudadas, com o maior número de citações.



Fonte: Dados da pesquisa.

Entre as 106 espécies nativas africanas, 16 fazem parte da família Lamiaceae, caracterizando-se como a mais representativa entre as famílias de plantas citadas. As demais famílias mais referenciadas figuram aquelas que tiveram entre 4 e 8 espécies mencionadas, como mostra a Figura 8.

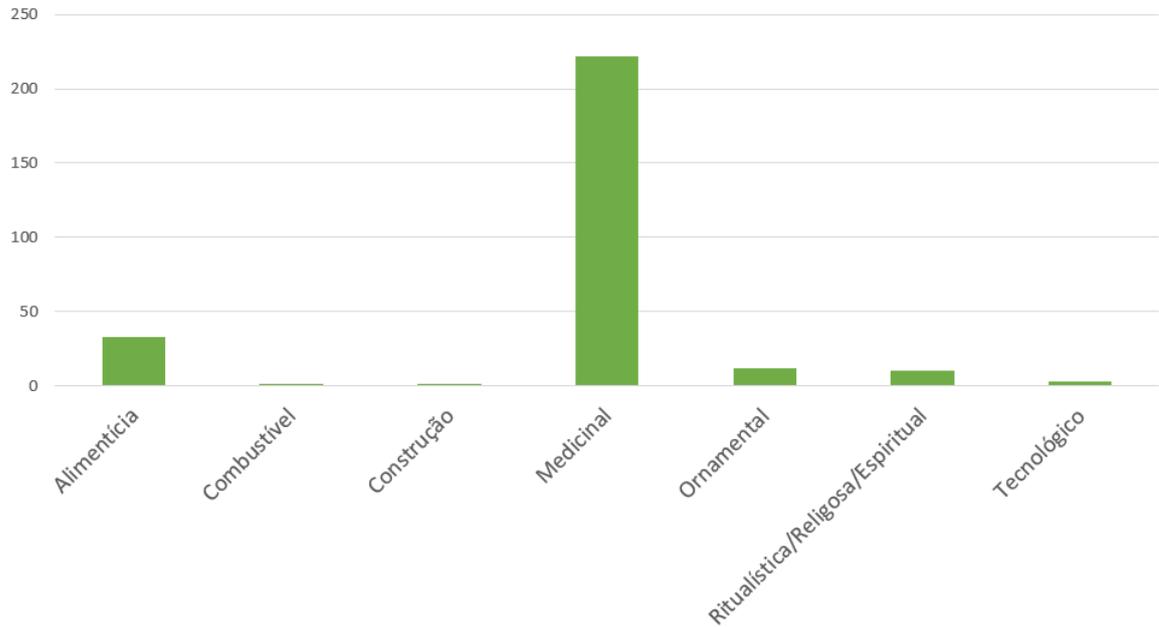
Figura 8 – Famílias botânicas, com espécies nativas da África, mais citadas entre as plantas encontradas nas comunidades quilombolas estudadas.



Fonte: Dados da pesquisa.

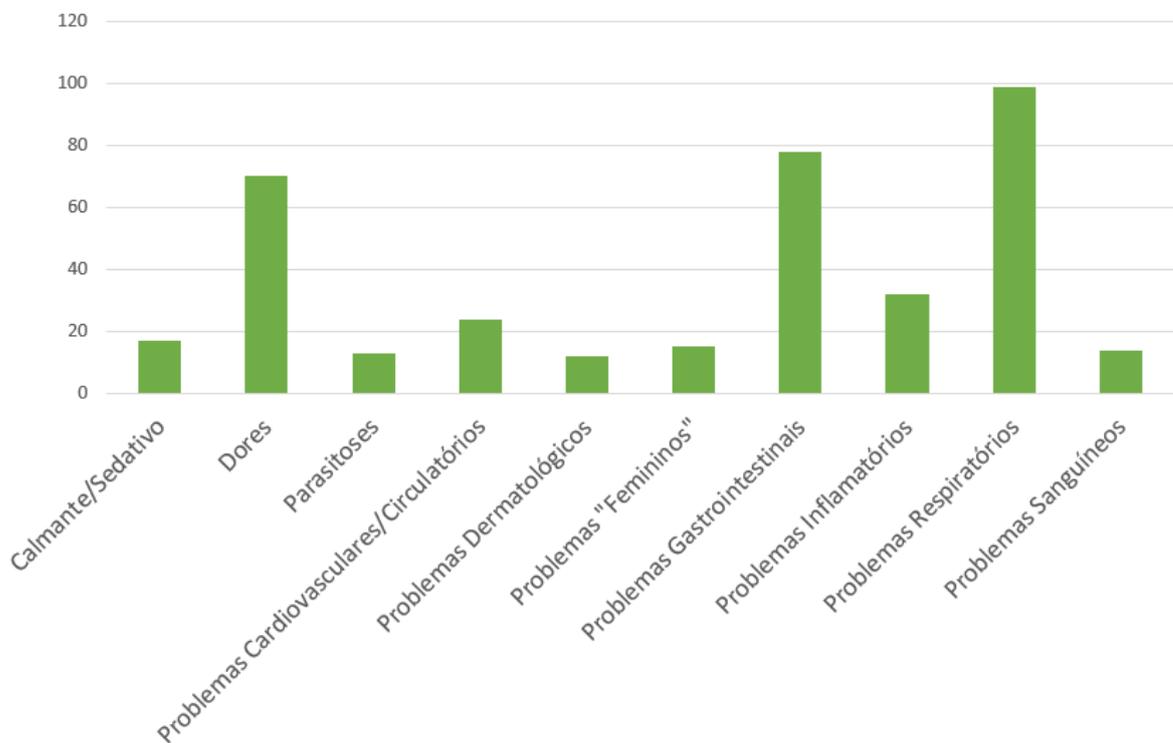
Já em relação à utilização tradicional dessas espécies, 7 categorias de uso foram citadas, sendo a medicinal a mais mencionada, como é demonstrado na Figura 9. Quanto a utilização medicinal, várias finalidades específicas foram informadas, como pode ser visto na Figura 10.

Figura 9 – Frequência das categorias de uso citadas para as espécies nativas africanas encontradas nas comunidades quilombolas estudadas.



Fonte: Dados da pesquisa.

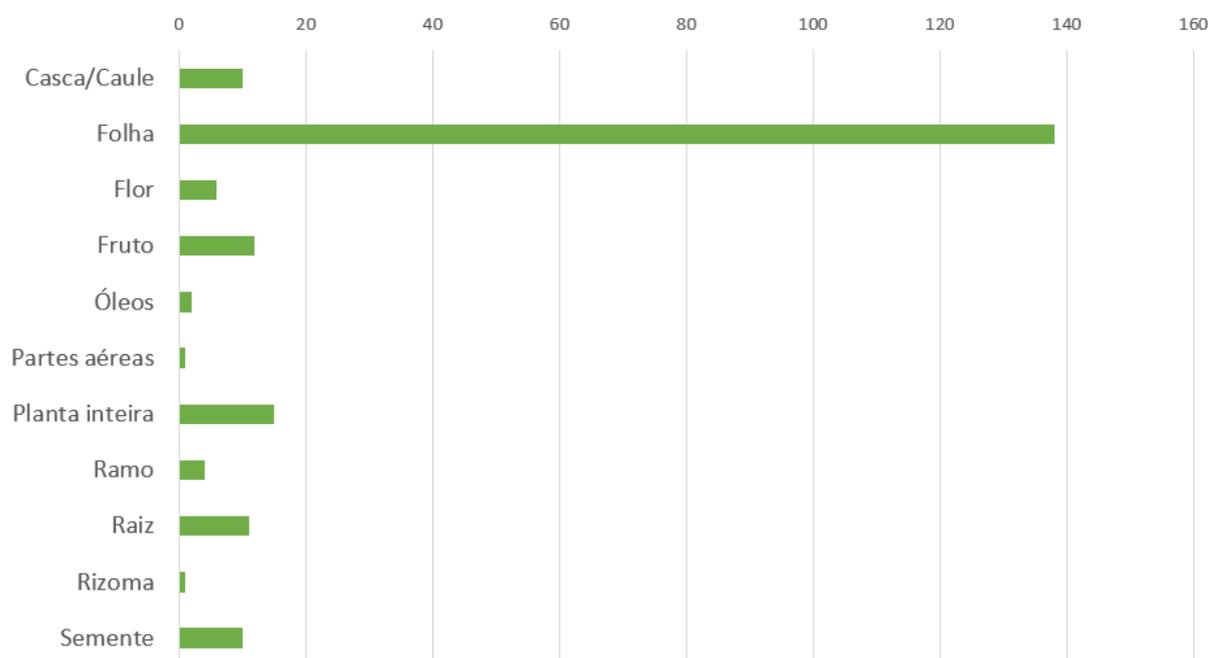
Figura 10 – Usos medicinais mais citados entre as espécies nativas africanas encontradas nas comunidades quilombolas estudadas.



Fonte: Dados da pesquisa.

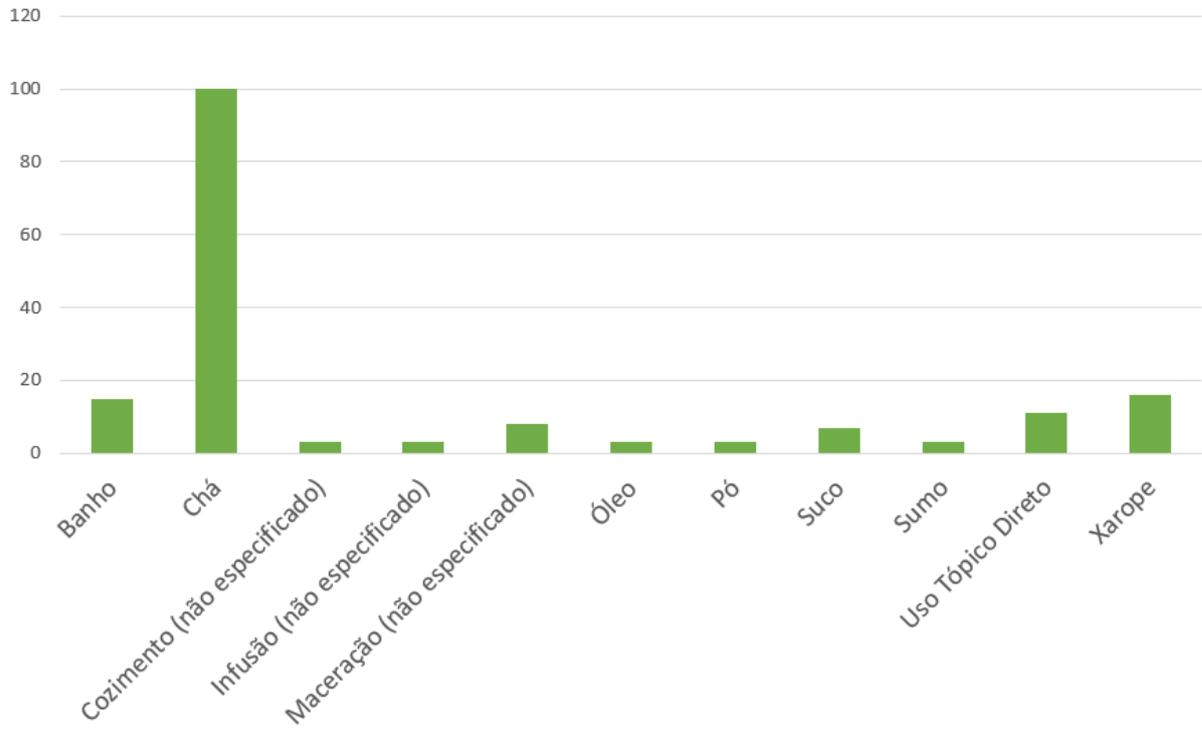
Entre as partes mais utilizadas das plantas como recursos medicinais, as folhas foram os órgãos de maior uso, com um número de citação 9 vezes maior que a segunda mais citada, indicando o uso da planta inteira, como pode se visualizar na Figura 11. Por sua vez, para o uso terapêutico dessas partes, uma série de formas de métodos de preparação foi citada, sendo chá a mais mencionada delas, como demonstra a Figura 12.

Figura 11 – Partes utilizadas das plantas medicinais nativas africanas encontradas nas comunidades quilombolas estudadas.



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 12 – Preparações mais utilizadas para o consumo de plantas medicinais nativas africanas encontradas nas comunidades quilombolas estudadas.



Fonte: Dados da pesquisa.

6 DISCUSSÃO

As comunidades remanescentes de quilombos podem ser sede de uma série de estudos envolvendo as etnociências que se debruçam sobre a natureza devido à abundância de recursos naturais preservados em seus territórios e o vasto conhecimento popular sobre eles (Pereira, 2023). Dados apontam que as comunidades tradicionais são consideradas fundamentais para a conservação do meio ambiente (Assis *et al.*, 2020), como pode ser visto na análise realizada pelo InfoAmazonia, divulgada neste ano, que verificou a relação dos quilombolas com a maior floresta tropical do mundo. A mesma possui 731 quilombos, dos quais 144 foram investigados. Esses últimos, em 99% dos casos, possuem registros de desmatamento praticamente inalterados nos últimos 13 anos, o que coloca os quilombolas como verdadeiros escudos de preservação de biomas e guardiões da biodiversidade brasileira (Pereira, 2023).

Entre as etnociências que estudam os recursos naturais, o alto número de estudos no ramo da etnobotânica, em comparação às demais áreas, pode ser explicado devido ao foco dado ao conhecimento tradicional envolvendo unicamente as plantas, diferentemente de etnociências como etnofarmacologia, etnomedicina e etnoecologia, onde as plantas são apenas um dos objetos de interesse a serem pesquisados nas sociedades estudadas (Almeida-Funo; Pinheiro; Monteles, 2010). Sabe-se que a etnobotânica é uma das responsáveis por fornecer informações importantes sobre a relação das populações humanas com recursos naturais, contribuindo para o desenvolvimento de ações públicas voltadas para comunidades tradicionais, como é o caso das remanescentes de quilombos. As pesquisas etnobotânicas ainda podem contribuir para o fim da fome, busca de segurança alimentar, melhoria da nutrição e promoção de agricultura sustentável (Lucena; Lucena, 2020), tópicos de interesse para as comunidades quilombolas, visto os problemas vivenciados por parte delas.

No que se refere ao fato de que a região Sudeste ter sido a maior responsável pela produção dos artigos selecionados para esta revisão, alguns fatores podem ser levados em consideração. De acordo com os dados e estatísticas da plataforma Lattes do CNPq, o Sudeste é a região responsável por concentrar a maior produção científica do país, seja em projetos de mestrado ou doutorado, com números elevados e distantes dos obtidos pelo Nordeste. Isso pode se dar pelo motivo de que o Sudeste

possui uma grande concentração de universidades públicas, responsáveis por 95% da ciência nacional (UNIFESP, 2019), e outras instituições de pesquisa historicamente consolidadas. Dessa forma, o Sudeste acaba detendo a maior disponibilidade de recursos humanos e financeiros quando comparado às demais regiões do país (Sousa *et al.*, 2022), enquanto o Nordeste é apenas a terceira região que mais recebe recursos de órgãos de fomento como o CNPq e a Capes (Silva; Azevedo Filho; Hora, 2019).

Quanto ao artigo mais antigo datar de 2010, percebe-se que o interesse pelos estudos sobre o conhecimento da flora em comunidades remanescentes de quilombos se mostra ainda como um fenômeno recente. Além disso, todos os artigos são posteriores à regulamentação dos direitos territoriais das comunidades quilombolas, realizada pelo Decreto Nº 4.887 de 20 de novembro de 2003 (Brasil, 2003). Dessa forma, apesar de tal decreto ser responsável por reforçar o poder do Estado como quem define o que são comunidades remanescentes de quilombos, o mesmo foi essencial, assim como a Constituição Federal, para gerar uma maior visibilidade e interesse externo por esse tipo de comunidade tradicional e suas riquezas baseadas em conhecimentos e práticas populares.

No que se refere à concentração de comunidades estudadas por região do país, os dados levantados na revisão coindicem sobre as três regiões com mais localidades quilombolas de acordo com o IBGE (2019; 2023). Nordeste, Sudeste e Norte são, decrescentemente, as regiões com o maior número de localidades no país, assim como são as regiões com o maior número de comunidades pesquisadas nos artigos levantados. Porém, Nordeste e Sudeste aparecem empatados, com 18 comunidades estudadas cada, enquanto de acordo com os levantamentos do IBGE, o Nordeste possui 3.171 localidades, mais que o dobro das contidas no Sudeste, que totaliza 1.359. Esse empate pode ter ocorrido devido ao resultado observado de que a região Sudeste é aquela que mais fez parte da produção das pesquisas contidas nos artigos. Além disso, o Nordeste ainda possui um número de localidades quilombolas superior à soma das que estão presentes no Sudeste e demais regiões, sendo elas o Norte (873), Sul (319) e Centro-Oeste (250), totalizando 2.801 perante as 3.171 nordestinas. Também há uma troca referente à região com o menor número, a Centro-Oeste (IBGE, 2019), que deteve mais comunidades levantadas a partir da revisão em comparação ao Sul do país.

Segundo o IBGE, a Bahia é o estado com o maior número de localidades listadas, possuindo 1.046 no total (IBGE, 2019), corroborando com os obtidos nesta revisão, visto que o estado é aquele com o maior número de comunidades encontradas no levantamento. Em contrapartida, o Maranhão, detentor da maioria das comunidades com certificado de autodefinição (IBGE, 2023), não deteve nenhuma comunidade entre as citadas dos artigos selecionados. Essa discrepância pode ser comparada com o caso do estado de São Paulo, que apesar de ser apenas o 11º estado com mais localidades quilombolas, é o segundo mais citado na presente revisão (IBGE, 2019; IBGE, 2023).

Quanto ao alto número de espécies encontradas e utilizadas nas comunidades remanescente de quilombo, o mesmo pode ter grande relação com a localização da maior parte dessas localidades, que muitas vezes se encontram nas zonas rurais de municípios, estando inseridas ou próximas a florestas, matas e outros tipos de vegetações (Oviedo; Doblas, 2022), além de áreas de conservação (Dias, 2017). Associado a isso, também existe a questão de que os quilombos, enquanto comunidades tradicionais, estão associados à preservação da natureza que cerca e faz parte de seus territórios, como citado anteriormente.

Porém, o número de espécies verificadas pode estar subestimado, visto a não inclusão da literatura cinzenta nesta revisão, o que compreende teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso, trabalhos publicados em congressos e outros eventos e demais produções não publicadas em periódicos científicos. Além disso, muitas comunidades tradicionais optam pelo direito de omitir alguns de seus conhecimentos, o que pode envolver o uso de plantas, visando uma proteção e preservação desses recursos considerados importantes de alguma maneira (Albuquerque *et al.*, 2021).

Tratando-se da origem plantas citadas nos artigos, a maior presença de plantas originárias do Brasil pode ser explicada pelo fato dos quilombos estarem localizados em território brasileiro, logo, utilizam de parte da flora nativa para a resolução de uma série de demandas (Castro; Souza, 2022). Já em relação à flora exótica, a diversidade se explica, inicialmente, pelas expressivas trocas botânicas e ecológicas ocorridas a partir do século XVI através das grandes navegações. Os colonizadores, que disseminaram plantas das Américas ao redor do mundo, também foram responsáveis por trazer espécies vegetais oriundas da Europa, África e Ásia, além de promover a permuta de plantas entre os hemisférios sul e norte (Barros; Ribas; Machado, 2022).

A introdução e utilização da flora exótica, segundo Albuquerque (2006), pode ser positiva, pois amplia opções de usos tradicionais, uma vez que a flora nativa em determinadas localidades pode não ser o suficiente para as demandas das comunidades. Já o lado negativo pode ser visto na homogeneização do conhecimento de plantas com consequente diminuição das espécies utilizadas (Medeiros, 2013), além da desvalorização e falta de noção sobre parte da flora nativa que continua desconhecida (Emer *et al.*, 2011).

Entre as espécies nativas da África, existem aquelas que são originárias exclusivamente de solo africano, o que faz com que sejam grandes as chances de que as mesmas tenham vindo de lá diretamente para o Brasil diretamente. Entre elas, se tem o conhecimento de que boa parte chegou em solo brasileiro a partir do transporte de negros escravizados, tais quais melão-de-São-Caetano (*Momordica charantia* L.), tamarindo (*Tamarindus indica* L.), mamona (*Ricinus communis* L.), melancia (*Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum. & Nakai) e espécies de hibisco (*Hibiscus schizopetalus* (Dyer) Hook.f. e *Hibiscus sabdariffa* L.) e capim (*Panicum maximum* Jacq.), ambas levantadas na presente revisão. Por outro lado, algumas espécies, como o café (*Coffea arabica* L.), foram estabelecidas pelos europeus, visando atividades econômicas e utilizando de conhecimento e mão de obra escravizada (Carney, 1999/2000/2001).

Também existem espécies que são nativas da África e do Brasil ao mesmo tempo. Dessa forma, a possibilidade dessas plantas terem vindo de solo africano é mais difícil e, para que essas espécies sejam nativas de duas localidades divididas por um oceano a mais de cem milhões de anos (Leitão; Rezende, 2018), algumas teorias podem ser consideradas:

- 1) Partindo do pensamento que define espécie nativa como aquela presente em uma região através de sua evolução natural no local (Woods; Moriarty, 2001), a primeira teoria se configura na possibilidade deste acontecimento ter ocorrido em paralelo nos solos africano e brasileiro.

- 2) Para a ocorrência natural dessas espécies em mais de um local também poderia se levar em conta os processos de hidrocoria e zoocoria, que são, respectivamente, quando ocorre a dispersão de sementes por meio da água ou pelo auxílio de animais (Zhou *et al.*, 2020), como aves que voam por milhares de quilômetros (Kishkinev *et al.*, 2021), visto que determinados estudiosos consideram

somente meios antropogênicos de dispersão para definir uma espécie como exótica (Woods; Moriarty, 2001).

3) Outras linhas de pesquisa sugerem que espécies consideradas nativas podem ter sido exóticas por algum momento nos locais em que habitam, tornando-se nativas quando passaram a ser membros integrados da comunidade ecológica da qual fazem parte, estabelecendo vínculos ecológicos com as espécies originárias da região (Woods; Moriarty, 2001).

Por fim, também há espécies nativas africanas e de países de outros continentes, exceto Brasil. As mesmas teorias levantadas anteriormente ou outras semelhantes podem ser adotadas para explicar como essas plantas podem ser nativas de mais de uma localidade. Já sobre sua chegada ao Brasil, não se pode afirmar que as mesmas vieram diretamente de solo africano, sendo que algumas espécies possuem grandes chances de terem seguido tal caminho, enquanto outras não. Por exemplo, a espécie *S. melongena* é originária, na África, apenas de Madagascar, enquanto na Ásia é nativa de mais de 10 países (POWO, 2023a), tendo maior probabilidade de chegar no Brasil oriunda do continente asiático. Já a espécie *E. tirucalli* é nativa de poucas localidades asiáticas, porém é originária de mais de 20 países africanos, incluindo Angola e Moçambique (POWO, 2023b), locais de onde vieram parte significativa dos negros escravizados (Alencastro, 2018). Dessa forma, as chances dessa espécie ter vindo da África para o Brasil é mais provável.

O café (*Coffea arabica* L.) se destaca entre as espécies nativas exclusivamente da África. Entre os usos medicinais relatados para a planta, sua atividade antidiabética pode ser vista em dados epidemiológicos que demonstram relações inversas entre o uso do café e o desenvolvimento de diabetes mellitus tipo 2, como averiguado através da revisão sistemática elaborada por Huxley e colaboradores (2009). Esses dados corroboram com o fato de que algumas das substâncias da planta tem o poder de afetar o metabolismo glicídico, como é o caso do ácido clorogênico, composto que possui ações hipoglicemiantes (Loopstra-Masters *et al.*, 2011). Por sua vez, na gripe, seu uso pode estar relacionado às suas atividades antitussígena e imunomoduladora, graças à presença de substâncias como a proteína arabinogalactana (Nosál'ová *et al.*, 2011).

Quanto à finalidade alimentícia, a planta é um dos constituintes base da alimentação dos brasileiros, detendo o título de alimento mais consumido por essa população (Rodrigues *et al.*, 2021). Ademais, segundo a International Coffe

Organization, o Brasil é o país que mais exporta o café beneficiado, além de ser o maior produtor mundial e o segundo maior consumidor da planta no planeta (ICO, 2019).

A mamona (*Ricinus communis* L.), utilizada contra lombrigas (*Ascaris lumbricoides*), espécie de parasita intestinal, tem tal uso realizado através do uso óleo extraído da planta, que expulsa os parasitas por meio de ação mecânica (Taher, 2012). O óleo ainda possui componentes que são responsáveis pelo efeito cicatrizante, também mencionado nos artigos desta revisão, devido à atividade antioxidante ao inibir o processo de peroxidação lipídica, além de promover a contração da ferida e o aumento da taxa de epitelização (Prasad; Rachhadiya; Shete, 2011). Já referente à sua utilização contra dor de cabeça, essa espécie é uma das mais usadas para este fim no continente africano (Frimpong; Assong; Aremu, 2021), tendo estudos que apontam que a presença de saponinas, esteroides e alcaloides em suas folhas, o que pode explicar seu comprovado potencial antinociceptivo (Taur *et al.*, 2011).

Sansevieria trifasciata Prain, planta voltada para o uso religioso, ritualístico ou espiritual, é uma espécie conhecida na literatura por sua utilização em atos de rezas e benzeduras para fins como limpeza espiritual, contra-quebranto e mau-olhado (Silva; Zank, 2022).

Cucumis anguria L., popularmente conhecida como maxixe, é uma planta alimentícia possuidora de grande valor nutritivo e tendo o Nordeste como sua maior área cultivo, onde um dos pratos típicos é a "maxixada". (Sousa; Lima; Lima, 2015). Como planta medicinal, seu emprego contra micoses, um tipo de infecção tópica causada por fungos, se dá devido à atividade antifúngica. Nesse sentido, tal ação já foi observada em extratos realizados a partir dos frutos da espécie (Kumar; Kamaraj, 2010).

Tamarindus indica L., conhecida como tamarindo, é uma planta alimentícia da qual até os resíduos possuem potencial alimentar e nutritivo, podendo ser aproveitados para a confecção de produtos como farinhas e biscoitos (Silva *et al.*, 2022). Se tratando de algumas de suas indicações medicinais, seu uso contra "dor na coluna" ou "dor nas costas" pode ser explicado por meio de estudos como o de Bhadoriya e colaboradores (2012), que avaliou e observou de maneira positiva a atividade analgésica de extratos realizados a partir de folhas da planta. Essa ação pode ser explicada pela ação que a espécie possui como estabilizadora de membrana

celular, ação essa que interfere na liberação de mediadores inflamatórios como PGE2 e bradicinina. Já sua atividade contra a ansiedade foi investigada por diversos estudos, como o de Parle e Dhamija (2012), que incluíram os frutos da planta na dieta de roedores e observaram que a mesma induziu uma redução na produção de raciais livres no SNC, provocando o efeito ansiolítico. Essa atividade também foi promissora quando observada nas flores da espécie (Vuyyala; Deivasigmani; Thakkalapally, 2022).

Plectranthus neochilus Schtr., um tipo de boldo, possui ações como a contra a dor, essa que já foi demonstrada em animais, requerendo ainda uma maior investigação sobre suas possíveis substâncias analgésicas (Silva, 2011).

A melancia (*Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum. & Nakai), planta alimentícia cujo o fruto é um dos seis mais consumidos do Brasil de acordo com a Pesquisa de Orçamentos Familiares (PROF) mais recente, realizada pelo IBGE (IBGE, 2020), também é considerada uma planta medicinal. A mesma é utilizada contra a malária, possuindo substâncias que detém atividades larvicida contra o vetor da doença (Aruna; Vijayalakshmi; Karthikeyan, 2014) e repelente do mosquito que transmite a mesma (Sorokina *et al.*, 2021). Todavia, pode se supor que a atividade contra a infecção em si se deva à alta concentração de alcaloides em suas sementes, órgão da planta apontada para este uso. Isso porque os alcaloides formam um grupo de metabólitos secundários presente na triagem fitoquímica da maioria das plantas tradicionalmente utilizadas para o tratamento da malária (Shah *et al.*, 2023).

Além das mais citadas, outras espécies do grupo de plantas nativas exclusivamente da África merecem menção especial, como é o caso do copo-de-leite (*Zantedeschia aethiopica* L.), planta de uso ornamental devido à sua beleza de suas flores, porém é conhecida como uma das plantas ornamentais que mais causam intoxicações (Costa; Aoyama, 2021). Além dela, também pode ser citado o jiló (*Solanum aethiopicum* L.), planta alimentícia amplamente utilizada na culinária brasileira e bastante cultivada no país, principalmente nas regiões do sudeste e centro-oeste (Paiva, 2017).

No segundo grupo, *Gymnanthemum amygdalinum* (Delile) Sch.Bip. foi alvo de estudos que evidenciam que, graças à presença de flavonoides em suas folhas, a planta tem potencial anti-inflamatório duas vezes maior que o diclofenaco sódico após a realização de testes *in vitro* e *in vivo* (Setiani e Rusli 2020). Quanto ao seu uso no diabetes, a planta é detentora de uma substância conhecida como luteolina, inclusive

em suas folhas (Setiani; Rusli, 2020), essa que possui ação inibitória sobre alfa-glucosidase, responsável por degradar a molécula de glicogênio em glicose (Vonja; Hartati; Insanu, 2022). Por fim, o uso de suas folhas para o controle dos níveis de colesterol encontrou resultados positivos em estudos recentes, envolvendo animais, que consideraram que a planta pode ser eficaz no controle do colesterol em indivíduos hiperlipidêmicos (Setiani *et al.*, 2022).

Ximenia americana L., conhecida como um tipo de ameixa, é considerada um alimento saboroso e saudável, servindo para a realização de uma série de preparações como geleias, purês, compotas e sopas. Sua introdução na alimentação é indicada por médicos que afirmam que a mesma é um ótimo agente terapêutico contra enfermidades causadas por ácidos e associadas à hiperlipidemias (Sousa *et al.*, 2017). Quanto ao uso medicinal, a utilização do caule da espécie contra inflamações vem sendo pesquisada através de estudos que apoiam o uso etnomedicinal da planta. Isso pode ser visto no trabalho de Dias *et al.* (2018), que demonstrou que essa ação pode estar relacionada à inibição de COX-1 e COX-2.

Por fim, entre as espécies do terceiro grupo, destacou-se *Coleus barbatus* (Andrews) Benth. ex G. Don. Sua utilização para problemas no fígado é apoiada por estudos que investigaram o papel do extrato das folhas da planta no metabolismo de lipídeos hepáticos, corroborando para o conhecimento tradicional sobre seus usos em disfunções no fígado (Silva *et al.*, 2019). Já seu uso em problemas estomacais pode ser positivo devido a uma série de fatores, como é o caso da presença de diterpenoide plectrinona A na composição química de suas folhas. Tal substância consegue inibir a bomba de prótons gástrica, o que pode explicar as atividades antiúlcera e antissecretora de ácido da planta (Schultz *et al.*, 2007). Por fim, seu uso para problemas pulmonares também é investigado pela ciência, com estudos que avaliaram que seus extratos aliviam os sintomas de tosse e asma através da modulação da inflamação e da matriz extracelular (Ma *et al.*, 2019). Quanto ao seu uso alimentício, é conhecido por ser um tipo de boldo considerado como planta alimentícia não convencional (Nascimento *et al.*, 2018).

Coleus amboinicus Lour., possui pesquisas que apoiam seu uso contra problemas respiratórios, como um estudo que avaliou o potencial de suas folhas contra danos pulmonares, nesse último caso, devido à presença do diterpeno forscolina na composição química da espécie, tendo ele uma função antioxidante (Rao; Rao; Rao, 2010). Contra a pneumonia, estudos utilizando nanopartículas de

cobre com extratos das folhas da espécie evidenciaram atividade antimicrobiana contra bactérias como *Klebsiella pneumonia* e *Staphylococcus aureus*, microrganismos capazes de causar a doença (Velsankar *et al.*, 2020). Por fim, sua ação expectorante pode ser explicada pelas altas quantidades de carvacrol e timol em seu óleo essencial (Arumugan; Swamy; Sinniah, 2016). Sendo conhecida como hortelã-grauda ou hortelã da folha grossa, também é utilizada de forma alimentícia ao redor do mundo, principalmente como tempero ou condimento (Duarte; Barboza; Albuquerque, 2022).

Salvia rosmarinus Schleid, conhecida por seu uso como calmante, teve o seu potencial ansiolítico vem sendo investigado, assim como a sua capacidade de diminuir a atividade neural, ambos com resultados positivos em estudos realizados em animais (Choukairi *et al.*, 2019). Já como planta alimentícia é popularmente utilizado como tempero para agregar sabor às mais diferentes preparações culinárias, além de ser uma ferramenta nutricional detentora de compostos bioativos que contribuem para a saúde humana (Oliveira; Veiga, 2019). Ainda houve menção à sua utilização ritualística, essa que pode ser vista, por exemplo, no uso da planta por benzedadeiras (Maciel; Guarim Neto, 2006).

Kalanchoe pinnata (Lam.) Pers. possui pesquisas recentes que demonstram que a espécie possui ação gastroprotetora devido às suas atividades antioxidante, de supressão da inflamação gástrica e de manutenção das defesas citoprotetores e arquitetura da estrutura da mucosa estomacal (Araújo *et al.*, 2018). Porém, a maior parte dos usos citados estava voltada a problemas respiratórios, como é o caso da gripe, um tipo de infecção respiratória. Segundo estudos de Mudi e Ibrahim (2008), a planta possui propriedades antibacterianas capazes de combater infecções desse tipo.

Ocimum gratissimum L. protagonizou estudos que sugerem que substâncias contidas nas folhas da espécie consigam provocar efeito antidiarreico ao inibir a motilidade intestinal através da possível inibição de receptores muscarínicos (Okore; Asogwa; Nnamani, 2009). Além disso, já foi averiguado que a planta possui ações anti-secretoras, antiúlcéricas e mucogênicas, que ajudam a proteger o estômago de uma série de problemas (Ofem; Eno; Antai, 2012).

Mentha pulegium L., utilizada contra verme, teve tal ação investigada por um estudo de Sebai e colaboradores (2021), esse que verificou que o óleo essencial da planta é capaz de induzir efeitos anti-helmínticos. Já estudos com extratos aquosos

elaborados a partir de suas partes aéreas demonstraram o controle de parasitas helmintos *in vivo* e *in vitro*, bem como sobre os danos oxidativos associados (Sebai *et al.*, 2020). Quanto ao relato de ser utilizada contra a dor de cabeça, estudos demonstram que a espécie possui propriedades analgésicas a partir de seus óleos essenciais (Asghari *et al.*, 2018).

Momordica charantia L. teve seu uso contra piolhos investigado por um estudo de Gandhi e colaboradores (2017), que averiguou o potencial de nanopartículas sintetizadas a partir de folhas da planta contra ácaros, larvas e piolhos, concluindo que a mesma possui atividade antiparasitária contra ambos os parasitas. Também foi citado o uso de *M. charantia* contra a dengue, tema abordado por Nesfu (2020), que verificou o seu potencial contra uma importante protease presente no vírus da dengue.

Plantago major L., utilizada contra o câncer, possui potencial citotóxico oriundo da presença, nas folhas da espécie, do flavonoide luteolina-7-O- β -glicosídeo, substância com forte capacidade de inibir a proliferação de linhagens celulares de câncer humano (Gálvez *et al.*, 2003). Outros estudos propõe as sementes da espécie como principal fonte para o desenvolvimento de produtos cancerígenos (Kartini *et al.*, 2017).

Leonotis nepetifolia (L.) R. Br., mais precisamente suas folhas, já foi pelo potencial anti-hipertensivo, embora esse tenha sido considerado transitório (Lassere; Kaiser; Chanh, 1983). Já seu uso ritualístico é conhecido na literatura, com usos através de banhos contra "embruxado", espécie de doença espiritual oriunda do que se acredita ser ataques de feiticeiros (Silva; Zank, 2022). Quanto à sua utilização como planta ornamental, sabe-se que a mesma foi introduzida em todos os continentes através dessa finalidade (Cruz *et al.*, 2011).

Foeniculum vulgare Mill. figura na literatura científica com uma série de estudos foram realizados acerca de seu potencial ansiolítico, como é o caso do trabalho de Mesfin, Asres e Shibeshi (2014), que avaliou o óleo essencial de partes aéreas da planta, esse que exibiu atividade ansiolítica promissora. Já o estudo de Alvarado-Garcia e colaboradores (2022) visualizou no óleo essencial das sementes uma atividade mais eficaz para aliviar os sintomas da ansiedade, além dos da depressão. Outros estudos investigaram a incorporação da planta na dieta, visualizando também o potencial ansiolítico da mesma (Abbas *et al.*, 2019).

Petroselinum crispum (Mill.) Fuss possui atividade anti-hipertensiva atestada pela literatura, através do mecanismo da inibição de canais vasculares mediados por

cálcio (Ajebli; Eddouks, 2019). Além disso, essa espécie, enquanto planta alimentícia, possui ampla utilização na culinária, podendo também contribuir para a saúde cardiovascular por meio da dieta (Chaves *et al.*, 2008).

Melissa officinalis L., conhecida como planta calmante, suavizante, depressora e para o alívio do estresse, já foi investigada em estudos como o de Cases e colaboradores (2011), que utilizaram extratos das folhas da espécie no tratamento de voluntários que sofriam de transtornos de ansiedade leve a moderada e distúrbios do sono. Como resultados, observou-se melhora nos sintomas associados à ansiedade e redução das manifestações da mesma e da insônia, além de aliviar efeitos relacionados ao estresse. Nesse estudo se observou uma remissão da ansiedade em 70% dos participantes, da insônia em 85% e de ambos em 70%. Por sua vez, o ensaio clínico duplo-cego controlado por placebo realizado por Haybar e colaboradores (2018) observou redução significativa nos escores de depressão, ansiedade, estresse e distúrbio total do sono, em comparação com o grupo placebo.

Gossypium herbaceum L. e seu uso como antibiótico já foram alvos de estudos *in vitro* que demonstraram o potencial do extrato foliar da planta contra cepas multirresistentes de *Escherichia coli*, *Vibro alginolyticus*, *Pseudomonas aeruginosa* e *Staphylococcus aureus* (Larayetan *et al.*, 2021).

Beta vulgaris L., a famosa beterraba, teve sua utilização contra anemia levantada por um estudo de Gheith e El-Mahmoudy (2018), que investigou o potencial hematopoiético do extrato das folhas e do caule da espécie em animais. Observou-se que o extrato das folhas restaurou os níveis de células sanguínea de uma forma geral, além de elevar as concentrações de eritropoetina. Supõe-se que tal atividade se deva à presença de flavonoides e outros compostos fenólicos na composição química da espécie. Já como planta alimentícia, é conhecida por seu alto valor nutritivo, contendo nutrientes como vitamina A, B1, B2, B5, C, potássio, sódio, fósforo, cálcio, zinco, ferro e manganês (Afiomah; Iwouzor, 2020).

Quanto às espécies do gênero *Artemisia*, *A. vulgaris* L. e seu potencial analgésico foram alvos de uma série de trabalhos na literatura científica, como em estudos utilizado animais, onde se observou potente atividade analgésica a partir de extratos realizados com partes aéreas da espécie (Ashok; Upadhyaya, 2013). Já *A. absinthium* teve suas atividades antinociceptivas e anti-inflamatórias estudadas por Hadi e colaboradores (2014), que observaram que o óleo essencial e o extrato foliar obtidos a partir da planta apresentaram tais ações de forma significativa.

Neste terceiro grupo, algumas espécies também merecem destaque especial, apesar de não estarem entre as mais citadas, como é o caso do agrião (*Nasturtium officinale* W.T.Aiton) e da cenoura (*Daucus carota* L.).

O agrião é considerado como o alimento mais saudável do mundo de acordo com estudos realizados pela William Paterson University (Noia, 2014). Já seu uso contra inflamações é corroborado pelo estudo de Karami e colaboradores (2015), que verificou o potencial anti-inflamatório da espécie a partir de extratos de suas partes aéreas, com tal atividade sendo explicada pela presença de fenóis e isotiocianatos. Por sua vez, a cenoura é a quarta hortaliça mais consumida no Brasil e uma das mais consumidas do mundo (Resende *et al.*, 2016). Já seu uso para o tratamento da anemia pode ser explicado devido à riqueza de ferro presente na planta (Machado; Canniatti-Brazaca; Piedade, 2006).

Observa-se que todas as espécies que pontuaram entre as mais citadas, além das que receberam menção especial, tiveram pelo menos algum de seus usos medicinais populares validados ou corroborados por trabalhos científicos. Porém, cabe lembrar que nem sempre a ciência será capaz de certificar esses usos e muito menos de invalidá-los. Isso porque tal utilização remete a transmissões geracionais, tendo surtido efeito positivo através da experiência dos indivíduos durante o passar dos anos (Gadelha *et al.*, 2013).

Em relação às famílias botânicas detentoras, o alto número de táxons observados demonstra uma grande diversidade das características dos vegetais levantados nesta revisão. Isso porque a família agrupa um conjunto de gêneros, que por sua vez agrupam as espécies de acordo com suas características morfológicas e funcionais, genoma com alto grau de comunalidade e proximidade filogenética (Lopes, 2011).

A família Lamiaceae é mundialmente conhecida por seus usos na medicina popular e nas indústrias modernas, como as farmacêuticas e de culinária. A mesma possui centenas de espécies nativas da África, assim como centenas de espécies endêmicas do continente (Ratray; Wyk, 2021). Por sua vez, no Brasil, as espécies dessa família estão distribuídas em todos os estados, além do Distrito Federal, contemplando os domínios fitogeográficos da Floresta Amazônica, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal (Antar *et al.*, 2023).

As demais famílias também possuem grandes números de gêneros, espécies e usos no Brasil e no continente africano. Isso pode ser visto no caso da família

Asteraceae, que é a maior família botânica do sul da África (Mackenzie *et al.*, 2006), enquanto o Brasil é considerado detentor de grande parte da diversidade da mesma (Nakajima; Semir, 2001). Já a família Fabaceae possui cerca de 200 gêneros e 1.500 espécies no Brasil (Carvalho; Gaiad, 2021), enquanto na África, segundo estudos, é a maior detentora de plantas utilizadas na medicina tradicional do continente, totalizando 567 espécies e 156 gêneros (Wyk, 2020).

Quanto aos nomes populares, boa parte dessas e de outras plantas possuem mais de um nome tradicional, ou até mesmo acabam compartilhando de um mesmo nome popular. Esse emprego pode se dar por motivos como a semelhança entre as espécies, o que provavelmente pode ter ocorrido com *O. americanum* e *O. gratissimum*, ambas conhecidas como “alfavaca” e fazem parte do mesmo gênero. A partir disso se observa a importância de trabalhos científicos que visem a diferenciação de espécies (Oliveira; Ferreira; Oliveira, 2021) que, consequentemente contribuem para que seu uso seja realizado da forma mais segura possível, principalmente entre as que são comumente confundidas entre si (Silva; Sebastiani, 2021).

Fato é que todos os usos de nomes populares nunca serão unânimes no Brasil, variando devido à sua ampla extensão territorial e de acordo com fatores como tradições, culturas, variações linguísticas e a forma e finalidade de utilização das plantas nas diferentes regiões (Sell *et al.*, 2023).

Ainda no âmbito de nomes populares, a influência de palavras e termos africanos, afro-brasileiros ou referentes à negritude de uma forma geral, se nota no caso de algumas espécies, como Alecrim de Angola (*V. agnus-castus*) e do Capim-Guiné (*P. maximum*), que fazem referência a países africanos (Soares, 1998). Já Catinga-mulata (*A. suaveolen*) e Catinga-de-mulata (*L. martinicensis*) compartilham um termo que foi criado para designar e segregar as pessoas que eram frutos de relações entre negros africanos e brancos europeus (Souza, 2013).

Se tratando de religião, observou-se plantas nomeadas com nomes de orixás, como é o caso de Tapete-de-Oxalá (*C. barbatus*) e Espada-de-Ogum (*S. trifasciata*), sendo a última espécie também reconhecida como Espada-de-São-Jorge. Isso pode se dar devido ao sincretismo, fenômeno que ocorreu para que a espiritualidade africana pudesse sobreviver durante a escravidão, onde Ogum e São Jorge estão associados (Romão, 2018).

Quanto à predominância do uso medicinal, tal fato pode ocorrer por vários motivos, como os altos custos de medicamentos industrializados diante da vulnerabilidade econômica de muitas comunidades, a ineficácia ou inexistência do sistema oficial de saúde pública em localidades quilombolas ou em suas proximidades, a resistência cultural baseada na sobrevivência do conhecimento tradicional, o medo dos efeitos colaterais de medicamentos pela falta de informações necessárias (Oliveira, 2015) e a crença errônea de que, por serem recursos naturais, não podem causar danos (Anhesi *et al.*, 2016).

Em algumas comunidades, os moradores chegam a considerar que a eficiência das plantas medicinais é maior quando comparada com a de medicamentos alopáticos, além de relatarem que o uso de espécies vegetais é mais efetivo devido à rapidez de suas ações (Campos; Correia; Marisco, 2020). Já outros chegam a afirmar que preferem as plantas aos medicamentos e não frequentam serviços de saúde, principalmente no caso dos mais idosos (Santos *et al.*, 2020), enquanto outra parte só recorre aos meios de saúde pública quando os agravos e doenças não são solucionados com o uso das plantas (Fernandes; Santos, 2016).

Visto o destaque de uso contra problemas que envolvem o sistema respiratório, sabe-se enfermidades como a doença pulmonar obstrutiva crônica, infecções do baixo trato respiratório e cânceres de traqueia, brônquios e pulmões são, respectivamente, a terceira, quarta e sexta maiores causas de óbito no mundo. Essas três doenças também configuram como algumas das que mais culminam em mortes no Brasil (WHO, 2019). Dessa forma, se enxerga uma necessidade de a população encontrar formas de tratar os problemas que envolvem esse sistema, principalmente diante das dificuldades de acesso a serviços de saúde público, citadas anteriormente.

Além das doenças que afetam o sistema respiratório, outras doenças citadas merecem atenção devido à sua maior prevalência entre pessoas negras, tendo importância para as comunidades quilombolas, visto que muitas vezes se autointitulam como "comunidades negras rurais" (IBGE, 2023). Entre essas doenças figuram a anemia (falciforme), do diabetes mellitus (tipo II) e da hipertensão arterial. Tal dado é fornecido pela Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, que também cita a deficiência de glicose-6-fosfato desidrogenase entre essas doenças (Brasil, 2017). Além delas, outras enfermidades também figuram entre as mais frequentes em pessoas pretas e pardas, como é o caso de miomas uterinos (problemas uterinos) e câncer de próstata, também citadas nesta revisão. As mesmas

se originam a partir de aspectos genéticos e hereditários, o que explica sua perpetuação na população afrodescendente (Paulista; Assunção; Lima, 2019). Dessa forma, se enxerga a importância de utilizar a etnicidade como determinante social da saúde, como recomendou a OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde) aos seus Estados-membros, após a Conferência Sanitária das Américas que ocorreu em 2017 (OPAS, 2017).

Para a utilização das espécies de forma terapêutica, a população faz, por vezes, a divisão das plantas a partir de suas regiões morfológicas. Neste sentido, as folhas ganham destaque por alguns motivos, como a fácil coleta das mesmas em comparação a outras partes da planta como caule e raiz. Além disso, essas partes aéreas estão presentes na maioria das espécies vegetais durante a maior parte do tempo, ao contrário de flores e frutos (Alves *et al.*, 2008).

Estudos científicos se fazem importantes para fornecer o conhecimento, respeitando o saber popular, sobre quais partes seriam de melhor escolha para a preparação de remédios, visto que as substâncias ativas de caráter terapêutico podem estar presentes em diferentes regiões e em diferentes concentrações. Além disso, dependendo para qual doença, enfermidade ou estado de saúde o uso terapêutico será realizado, a parte da planta influenciará bastante, visto que são substâncias específicas que irão agir em cada um dos casos. Ademais, podem haver partes diferentes de uma mesma planta com substâncias terapêuticas e tóxicas, o que torna tal conhecimento importante para o uso seguro de espécies vegetais potencialmente perigosas (Calábria *et al.*, 2008).

As partes das plantas podem ser submetidas a uma série de processos para sua administração de forma terapêutica, como a forma de chá. Esse resultado coincide com o consumo do chá enquanto bebida, já que, de acordo com o relatório “Global Tea: Consumer Trends Converge Around Brewed Beverages”, da Euromonitor International, o chá é a bebida mais consumida no mundo (Euromonitor International, 2016). Tais dados apontam a popularidade do chá, seja como bebida de consumo geral ou como recurso terapêutico perante as demais preparações, como xarope, óleo, pó, sumo, suco, uso tópico direto e banhos.

As demais categorias de uso, apesar de não tão citadas quanto o cunho medicinal, também possuem grande importância, como é o caso da utilização alimentar, visto que oito dos dez alimentos mais consumidos do mundo são de origem vegetal (FAO, 2021). Boa parte desses alimentos vem da agricultura de subsistência,

modalidade de cultivo de terra baseada na produção de alimentos para manutenção da família e do agricultor com pequena porção destinada ao comércio. Esse tipo de agricultura é responsável, no Brasil, por 77% dos estabelecimentos agrícolas e 67% da força de trabalho em atividades agropecuárias. Além disso, 23% da área total das áreas de cultivo estão ocupadas por produtores familiares (IBGE, 2017). Dessa forma, observa-se que as plantas alimentícias desempenham papel fundamental não somente na alimentação em si, mas também na sobrevivência de famílias e comunidades tradicionais e na economia do país como um todo.

7 CONCLUSÃO

Diante dos artigos obtidos na revisão, observa-se que o interesse por estudos etnocientíficos em comunidades quilombolas, mais precisamente que tratem sobre o uso da flora, é um fenômeno recente, o que configura esse campo de pesquisa como um cenário repleto de possibilidades para pesquisadores interessados na área.

Boa parte dos estudos futuros podem ter uma maior facilidade de serem realizados no Nordeste, visto o alto número de localidades quilombolas presentes na região em paralelo ao dado de que existem estados sem estudos desse tipo a partir dos artigos levantados nesta revisão. Logo, se faz necessário uma ampliação do foco de pesquisas no Nordeste para uma melhor compreensão acerca da convivência do povo quilombola com a natureza que os cerca.

Os estudos etnocientíficos selecionados revelaram que as comunidades quilombolas fazem uso de uma variedade de espécies vegetais, o que inclui ao menos 106 espécies nativas da África. Tais plantas são utilizadas para os mais diversos fins, sendo muitas vezes recursos relacionados com a sobrevivência dessas comunidades. Além disso, os artigos evidenciaram que Brasil e África compartilham em seus solos uma série de famílias, gêneros e espécies vegetais, essas que representaram quase 10% de todas as plantas referenciadas como utilizadas em comunidades remanescentes de quilombos.

A grande maioria das espécies levantadas nesta revisão receberam a caracterização de planta medicinal, uso que rendeu 222 citações por planta em cada artigo, o que reforça a importância das plantas nativas da África para a manutenção da saúde de povo quilombola.

Para além das comunidades quilombolas, várias das espécies citadas figuram como destaques a nível nacional, detendo títulos como "alimento mais consumido do Brasil", no caso do café, ou a nível mundial, como o agrião, considerado "o alimento mais saudável do mundo". Dessa forma, se evidencia a notoriedade da flora africana no para a alimentação da nação e do mundo como um todo.

REFERÊNCIAS

- A FILHA de São Sebastião. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (47 min). Publicado pelo canal Caturra Filmes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6nHORCY-EEE>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- ABBAS, A. *et al.* The Fennel, *Foeniculum vulgare* incorporated diet shows anxiolytic potential: A pre-clinical study. **Pak. J. Pharm. Sci.**, v. 32, n. 4, p. 1813-1819, jul. 2019.
- AFIOMAH, C. S.; IWUOZOR, K. Nutritional and Phytochemical Properties of *Beta vulgaris* Linnaeus (Chenopodiaceae) – A Review. **Nigerian Journal of Pharmaceutical and Applied Science Research**, v. 9, n. 4, p. 38-44, dez. 2020.
- AJEBLI, M.; EDDOUKS, M. Antihypertensive activity of *Petroselinum crispum* through inhibition of vascular calcium channels in rats. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 242, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jep.2019.112039>
- ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 16, n. supl, p. 678-689, 2006.
- ALBUQUERQUE, U. P. A little bit of Africa in Brazil: ethnobiology experiences in the field of Afro-Brazilian religions. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 10, n. 12, p. 1-7, 2014.
- ALBUQUERQUE, U. P. *et al.* Ten important questions/issues for ethnobotanical research. **Acta Botanica Brasilica**, v. 33, n. 2, p. 376-385, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-33062018abb0331>
- ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de *et al.* **Métodos de pesquisa qualitativa para etnobiologia**. 1. ed. Recife: NUPEEA, 2021.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. África, números do tráfico atlântico. In: SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. (org.). **Dicionário da Escravidão e Liberdade**. Companhia das Letras: São Paulo, 2018. P. 57-63.
- ALMEIDA, V. S.; BANDEIRA, F. P. S. O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil. **Rodriguésia**, v. 61, n. 2, p. 195-209, 2010.
- ALMEIDA, M. R.; MARTINEZ, S. T.; PINTO, A. C. Química de Produtos Naturais: Plantas que Testemunham Histórias. **Rev. Virtual Quím.**, v. 9, n. 3, p. 1117-1153, 2017.
- ALMEIDA, E. A. F.; SARAVALI, E. G. Contranarrativas Africanas: uma pesquisa-ação em resposta à construção de estigmas hegemônicos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, p. 1-23, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.17.19320.063>
- ALMEIDA, D. **IBGE: dados sobre quilombolas no Censo 2022 são reparação histórica**. Agência Brasil. 27 jul. 2023. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-07/ibge-dados-sobre-quilombolas-no-censo-2022-sao-reparacao-historica> Acesso em: 27 jul. 2023.

ALMEIDA-FUNO, I. C. S.; PINHEIRO, C. U. B.; MONTELES, J. S. Identificação de tensores ambientais nos ecossistemas aquáticos da área de proteção ambiental (APA) da Baixada Maranhense. **Rev. Bras. de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 74-85, 2010.

ALVARADO-GARCÍA, P. A. A. *et al.* Anxiolytic and Antidepressant-like Effects of *Foeniculum vulgare* Essential Oil. **Pharmacogn J.**, v. 14, n. 2, p. 425-431, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.5530/pj.2022.14.54>

ALVES, E. O. *et al.* Levantamento etnobotânico e caracterização de plantas medicinais em fragmentos florestais de Dourados-MS. **Ciênc. agrotec.**, Lavras, n. 32, n. 2, p. 651-658, mar./abr. 2008.

ANDRADE, D. A. Avaliação da situação de insegurança alimentar em uma comunidade quilombola de Sergipe. **Segur. Aliment. Nutr.**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 125-140, jul./dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/san.v24i2.8650336>

ANHESI, N. *et al.* Uso de plantas medicinais na gestação. **RETEC**, Ourinhos, v. 9, n. 2, p. 101-109, jul./dez. 2016.

ANTAR, G. M. *et al.* **Lamiaceae**. Flora e Funga do Brasil. 2023. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB142>. Acesso em: 21 jun. 2023.

ARANHA, H. S. *et al.* Produção e conforto térmico de bovinos da raça Nelore terminados em sistemas integrados de produção agropecuária. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.**, v. 71, n. 5, p. 1686-1694, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-4162-9913>

ARAÚJO, D. F. S. *et al.* Gastroprotective and Antioxidant Activity of *Kalanchoe brasiliensis* and *Kalanchoe pinnata* Leaf Juices against Indomethacin and Ethanol-Induced Gastric Lesions in Rats. **Int. J. Mol. Sci.**, v. 19, p. 1-25, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.3390/ijms19051265>

ARAÚJO, E. F.; SILVA, G. M. Racismo e violência contra quilombos no Brasil. **CONFLUÊNCIAS**, v. 21, n. 2, p. 196-208, 2019.

ARUMUGAM, G.; SWAMY, M. K.; SINNIAN, U. R. *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng: Botanical, Phytochemical, Pharmacological and Nutritional Significance. **Molecules**, v. 21, n. 369, p. 1-16, 2016. DOI: <https://doi.org/10.3390/molecules21040369>

ARUNA, A.; VIJAYALAKSHMI, K.; KARTHIKEYAN, V. Larvicidal activity of Methanolic Extract of the leaves of *Citrullus lanatus*. **IAJPBC**, v. 3, n. 3, p. 717-722, 2014.

ASGHARI, M. H. *et al.* A Comparative Study on the Analgesic Properties of Five Members of Lamiaceae Family Using Two Pain Models. **Res J Pharmacogn**, v. 5, n. 1, p. 31-39, 2018.

ASHOK, P. K.; UPADHYAYA, K. Evaluation of Analgesic and Anti-inflammatory Activities of Aerial Parts of *Artemisia vulgaris* L. in Experimental Animal Models. **TBAP**, v. 3, n. 1, p. 101-105, 2013.

ASSIS, D. M. S. *et al.* Percepção ambiental em comunidades tradicionais: um estudo na Reserva Extrativista Marinha de Soure, Pará, Brasil. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 23, p. 1-20, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc20190148r1vu2020L6AO>

ÁVILA, J. V. C. *et al.* Agrobiodiversity and in situ conservation in quilombola home gardens with different intensities of urbanization. **Acta Botanica Brasilica**, v. 31, n. 1, p. 1-10, jan./mar. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-33062016abb0299>

BARACUHY, José Geraldo de Vasconcelos *et al.* (org.). **Plantas Medicinais de uso comum no Nordeste do Brasil**. 2. ed. Capina Grande: EDUFCG, 2016.

BARBOSA, M. P.; BRAGA, L. A. M.; RODRIGUES, C. T. Programa Brasil Quilombola: Análise do processo de implementação. **Espacios**, v. 37, n. 37, p. 24, 2016.

BARBOZA, M. S. L. *et al.* "Sem as plantas a religião não existiria": Simbologia e virtualidade das plantas nas práticas de cura em comunidades tradicionais de terreiros amazônicos (Santarém, PA). **Nova Revista Amazônica**, v. 9, n. 3, p. 147-165, dez. 2021.

BARROS, A. A. M.; RIBAS, L. A.; MACHADO, D. N. S. Exóticas no paraíso: translocações de plantas e conservação da biodiversidade na Ilha Grande, RJ. **revista ineana**, v. especial, p. 6-29, jun. 2022.

BARROSO, R. M.; REIS, A.; HANAZAKI, N. Etnoecologia e etnobotânica da palmeira juçara (*Euterpe edulis* Martius) em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo. **Acta bot. bras.**, v. 24, n. 2, p. 518-528, 2010.

BARUS-MICHEL, J. Certeza, crença, ilusão - as práticas da ilusão. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 72-81, jun. 2022.

BELTRESCHI, L.; LIMA, R. B.; CRUZ, D. D. Traditional botanical knowledge of medicinal plants in a "quilombola" community in the Atlantic Forest of northeastern Brazil. **Environ Dev Sustain**, v. 21, p. 1185-1203, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10668-017-0079-6>

BENITEZ-ALFONSO, Y. George Washington Carver: A plant scientist's perspective. **Current Biology**, v. 32, p. 9-13, jan. 2022.

BEZERRA, J. A.; BRITO, M. M. Potencial nutricional e antioxidantes das Plantas alimentícias não convencionais (PANCs) e o uso na alimentação: Revisão. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. 1-11, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7159>

BHADORIYA, S. S. *et al.* Anti-Inflammatory and Antinociceptive Activities of a Hydroethanolic Extract of *Tamarindus indica* Leaves. **Sci. Pharm.**, v. 80, n. 3, p. 685-700, 2012. DOI: <https://doi.org/10.3797/scipharm.1110-09>

BONFIM, J. O. *et al.* Práticas de cuidado de parteiras e mulheres quilombolas à luz da antropologia interpretativa. **Rev Bras Promoç Saúde**, v. 31, n. 3, p. 1-11, jul./set. 2018. DOI: <http://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/7081>

BRASIL. Casa Civil. **Constituição Federal**. Brasília - DF. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 26 mai. 2023.

BRASIL. Casa Civil. **Decreto Nº 4.887 de 20 de novembro de 2003**. Brasília - DF. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm Acesso em: 26 mai. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) n.º 24, de 14 de junho de 2011**. Brasília - DF. 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2011/rdc0024_14_06_2011.pdf Acesso em: 02 jun. 2023.

BRASIL. Secretaria-Geral. **Decreto Nº 8.772 de 11 de maio de 2016**. Brasília - DF. 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8772.htm Acesso em: 29 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra - Uma Política do SUS**. 3. ed. Brasília - DF. 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf Acesso em: 28 jun. 2023.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Programa Brasil Quilombola**. Brasília - DF. 18 abr. 2018a. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/igualdade-etnico-racial/acoes-e-programas/programa-brasil-quilombola> Acesso em: 27 mai. 2023.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Povos e Comunidades Tradicionais**. Brasília - DF. 27 jul. 2018b. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/igualdade-etnico-racial/acoes-e-programas-de-gestoes-anteriores/povos-e-comunidades-tradicionais> Acesso em: 30 mai. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Quais são as PICS?** Brasília - DF. 07 nov. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/p/pics/quais-as-pics> Acesso em: 02 jun. 2023.

BRASIL. Casa Civil. **Decreto Nº 11.447 de 21 de março de 2023**. Brasília - DF. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Decreto/D11447.htm#art17 Acesso em: 27 mai. 2023.

BRAINER, M. S. C. P. Flores e plantas ornamentais. **Caderno Setorial ETENE**, v. 4, n. 95, p. 1-16, set. 2019.

CADEMARTORI, D. M. L.; LUZ, M. R. Os movimentos sociais e os direitos humanos do povo quilombola no cenário das decisões da corte interamericana. **Revista de**

Direitos Humanos e Efetividade, Salvador, v. 4, n. 1, p. 42-58, jan./jun. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0022/2018.v4i1.4229>

CALÁBRIA, L. *et al.* Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v. 10, n. 1, p. 49-63, 2008.

CALAZANS, R. S. De pescadores e marisqueiras negr@s quilombolas: Processo de etnogênese na comunidade de São Braz/Santo Amaro-BA. **Revista Wamon**, v. 3, n. 1, p. 1-18, 2018.

CAMPOS, Andreilino de Oliveira. **Do Quilombo à Favela: a produção de "espaços criminalizados" no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAMPOS; P. S. S.; CORREIA, R.; MARISCO, G. Plantas Medicinais Utilizadas por Quilombolas na Gestaçã o e Lactaçã o, e Riscos no Uso Indiscriminado. **Revista Contexto & Saú de**, v. 20, n. 40, p. 236-243, jul./dez. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.21527/2176-7114.2020.40.236-243>

CARDOSO, M. B. C.; HAGE, S. M. No remanso do contexto ribeirinho quilombola da Amazônia. **Revista Margens Interdisciplinar**, Abaetetuba, v. 8, n. 10, p. 109-126, jan. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v8i10.2708>.

CARDOSO, C. S.; MELO, L. O.; FREITAS, D. A. Condições de saúde nas comunidades quilombolas. **Rev enferm UFPE on line**, Recife, v. 12, n. 4, p. 1037-1045, abri. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i4a110258p1037-1045-2018>

CARMO, A. C. O. Quilombo como um conceito em movimento ou quilombismo e ubuntu: Práticas ancestrais africanas para repensar práticas pedagógicas e de justiça. **Problemata: R. Intern. Fil.**, v. 11, n. 2, p. 41-56. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v11i2.53629>

CARNEY, J. Navegando contra a corrente: o papel dos escravos e da flora africana na botânica do período colonial. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**, São Paulo, v. 22-23, p. 25-47, 1999/2000/2001.

CARVALHO; I. S. H.; BERGAMASCO, S. M. P. P. Assentamento agroextrativista americana: campesinato, biodiversidade e agroecologia no Cerrado Mineiro. **Retratos dos Assentamentos**. v. 19, n. 1, p. 209-244, 2016.

CARVALHO, P. E. R.; GAIAD, S. **Fabaceae**. EMBRAPA. 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/especies-arboreas-brasileiras/fabaceae> Acesso em: 21 jun. 2023.

CASES, J. *et al.* Pilot trial of *Melissa officinalis* L. leaf extract in the treatment of volunteers suffering from mild-to-moderate anxiety disorders and sleep disturbances. **Mediterr J Nutr Metab**, v. 4, p. 211-218, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12349-010-0045-4>

- CASTRO, S. C.; SOUZA, L. C. Alterações microclimáticas e perfil térmico no território quilombola Morro de São João, Tocantins. **Geog Ens Pesq**, Santa Maria, v. 26, n. 17, p. 1-32, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236499464403>
- CHAVES, D. S. A. *et al.* Saúde no tempero. **Ciência Hoje**, v. 32, n. 249, p. 68-69, 2008.
- CHAVES, L. O; SILVA, E. V. Comunidades negras no Ceará: da invisibilidade à formação dos quilombos contemporâneos. **Novos Cadernos NAEA**, v. 20, n. 3, p. 147-160, set./dez. 2017.
- CHOUKAIRI, Z. *et al.* Effect of salvia *Officinalis* L. and *Rosmarinus Officinalis* L. leaves extracts on anxiety and neural activity. **Bioinformation**, v. 15, n. 3, p. 172-178, 2019.
- CIENTISTAS DO BRASIL QUE VOCÊ PRECISA CONHECER: Rosy Isaias, bióloga e botânica. [Locução de]: Cesar Gagliani. [S.l.]: Spotify, fev. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4aQ8RVlwnnHGtoS4Waed00> Acesso em: 07 jun. 2023.
- CLARINDO, F.; STANISKI, A.; STRACHULSKI, J. Conhecimento botânico tradicional de mateiros em comunidades rurais da Região da Serra das Almas, Paraná-BR. **Polibotanica**, n. 53, p. 219-238, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18387/polibotanica.53.15>
- CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. **Racismo e Violência Contra Quilombos no Brasil**. 2018. Disponível em: [https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/09-12_Racismo-e-Violencia-Quilombola_CONAQ_Terra-de-Direitos_FN_REVISAO_Digital-\(1\).pdf](https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/09-12_Racismo-e-Violencia-Quilombola_CONAQ_Terra-de-Direitos_FN_REVISAO_Digital-(1).pdf) Acesso em: 29 mai. 2023.
- CONAQ. "**Mãe Sebastiana foi a matriarca espiritual e consensual da Conaq...**". 04 mai. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cr0guZQOJUG/> Acesso em: 11 jun. 2023.
- CONDE, B. E. *et al.* Local ecological knowledge and its relationship with biodiversity conservation among two Quilombola groups living in the Atlantic Rainforest, Brazil. **PLOS ONE**, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0187599>
- CONDE, B. E. *et al.* Evaluation of conservation status of plants in Brazil's Atlantic forest: An ethnoecological approach with Quilombola communities in Serra do Mar State Park. **PLOS ONE**, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0238914>
- Congresso em Foco. **BOLSONARO: "QUILOMBOLA NÃO SERVE NEM PARA PROCRUAR"**. 05 abr. 2017. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/> Acesso em: 29 jul. 2023.
- COSTA, W. **Quilombolas vivem sobre morros de 'areias vivas' no litoral Sul de Alagoas**. G1. 20 nov. 2016a. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2016/11/quilombolas-vivem-sobre-morros-de-areias-vivas-no-litoral-sul-de-alagoas.html> Acesso em: 26 mai. 2023.

COSTA, I. E. **A resignificação da identidade quilombola na comunidade de Paratibe, João Pessoa-PB**: uma análise a partir dos processos de resistência. 2016. 177 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016b.

COSTA, E. L. A.; AOYAMA, E. A. As quatro espécies de plantas ornamentais tóxicas encontradas em ambientes domiciliares e públicos no Gama/DF. **Rev Bras Interdiscip Saúde**, v. 3, n. 2, p. 36-42, 2021.

CREPALDI, M. O. S.; PEIXOTO, A. L. Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. **Biodivers Conserv**, v. 19, p. 37-60, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10531-009-9700-9>

CRUZ, V. B. *et al.* *Leonotis nepetifolia* (L.) R. Br. (CORDÃO-DE-FRADE): BIOLOGIA E USO TRADICIONAL. **Rev. Pesq. Inov. Farm.**, v. 3, n. 1, p. 15-28, 2011.

CRUZ, M. P. D. L. *et al.* Multifunctional plants used by Quilombolas in the Castainho Community (Garanhuns, Pernambuco, Brazil). **Ethnobotany Research and Applications**, v. 24, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.32859/era.24.13.1-12>

DAMODARAN, Srinivasan.; PARKIN, Kirk. L. **Química de Alimentos de Fennema**. 5. ed. São Paulo: Artmed. 2018.

DIAS, M. C. O. População quilombola e unidade de conservação: outro olhar sobre a paisagem de um parque urbano. **Revista Argumentos**, Montes Claros, v. 14, n. 2, p. 3-22, jul./dez. 2017.

DIAS, T. L. M. *et al.* Antinociceptive and Anti-inflammatory Activities of the Ethanolic Extract, of Fractions and of Epicatechin Isolated from the Stem Bark of *Ximenia americana* L. (Oleaceae). **Rev. Virtual Quim.**, v. 10, n. 1, p. 86-101, 2018.

DOMINGUES, P.; GOMES, F. História dos quilombos e memórias dos quilombolas no Brasil: Revisitando um diálogo ausente na Lei 10.639/03. **Revista da ABPN**, v. 5, n. 11, p. 5-28, jul./out. 2013.

DUARTE, J. P.; BARBOZA, M. L. B. M.; ALBUQUERQUE, H. N. Etnoconhecimento da hortelã da folha grossa (*Plectranthus amboinicus*) no interior paraibano. **Open Minds International Journal**, v. 3, n. 2, p. 56-68, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v3i2.167>

DURÃO, H. L. G.; COSTA, K. G.; MEDEIROS, M. Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade quilombola de Porto Alegre, Cametá, Pará, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Nat.**, Belém, v. 16, n. 2, p. 245-258, mai./ago. 2021. DOI: <http://doi.org/10.46357/bcnaturais.v16i2.191>

ECHEVERRY, S. M. V.; MARQUES, A. Acesso a eletrificação como expectativa para melhorar a qualidade de vida: estudo de caso comparativo entre comunidade quilombola de São Paulo e Goiás. **Sinergia**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 12-19, jan./fev. 2023.

ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 55, n. 5, p. 35-36, jul./set. 2003.

ELZA SOARES quer comer você. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Le Monde Diplomatique Brasil. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=iv9SS9dUmcl> Acesso em: 04 ju. 2023.

EMER, A. A. *et al.* Valorização da flora local e sua utilização na arborização das cidades. **Synergismus scyentifica UTFPR**, Pato Branco, v. 1, n. 6, 2011.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Global Tea: Consumer Trends Converge around Brewed Beverages**; Euromonitor International: London, UK, 2016.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United States. **Statistical Yearbook - World Food and Agriculture 2021**. Rome. 2021. DOI:

<https://doi.org/10.4060/cb4477en>

FERNANDES, S. L.; SANTOS, A. O. Itinerários terapêuticos de mulheres quilombolas de Alagoas, Brasil. **Interfaces Brasil/Canadá**, Florianópolis/Pelotas/São Paulo, v. 16, n. 2, p. 127-143, 2016.

FERREIRA, R. C. Sujeito de fé, Sujeito de direito: uma reflexão sobre dilemas identitários no Quilombo do Carmo. **Revista Olhares Sociais**, v. 1, p. 1-20, 2012.

FERREIRA, F. M. C.; LOURENÇO, F. J. C.; BALIZA, D. P. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na comunidade quilombola Carreiros, Mercês – Minas Gerais. **Revista Verde**, Pombal, v. 9, n. 3, p. 205-212, jul./set. 2014

FERREIRA, M. J. M. *et al.* Tecendo Caminhos para a Construção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis: o caso das comunidades tradicionais pesqueiras da Ilha de Maré, BA. In: MACHADO, G. C. X. M. P. *et al.* (org.). **Territórios Sustentáveis e Saudáveis**. Experiências de Saúde Ambiental Territorializadas. Volume 3 Desdobramentos e Perspectivas. 1. ed. Brasília: Fundação Nacional da Saúde, 2021. cap. 7, p. 150-203.

FIAMENGUE, E. C.; WHITAKER, D. C. A. Os desafios da emergência no Brasil de um rural "esquecido": as comunidades quilombolas. **Retratos de Assentamentos**, v. 17, n. 1, p. 67-77, 2014.

FLORA DO BRASIL. **Jardim Botânico do Rio de Janeiro**. 2020. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> Acesso em: 03 jul. 2023.

FRIMPONG, E. K.; ASSONG, J. A.; AREMU, A. O. A Review on Medicinal Plants Used in the Management of Headache in Africa. **Plants**, v. 10, p. 1-21, 2021. DOI:

<https://doi.org/10.3390/plants10102038>

G1 BA. **Mulher que entregou carta para Lula durante evento em Salvador é liderança de quilombo na BA: 'pedido de socorro'**. 12 mai. 2023. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/05/12/mulher-que-entregou-carta-para-lula-durante-evento-em-salvador-e-lideranca-de-quilombo-na-ba-pedido-de-socorro.ghtml> Acesso em: 29 mai. 2023.

GADELHA, C. S. *et al.* Estudo bibliográfico sobre o uso das plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, Mossoró, v. 8, n. 5, p. 208-212, dez. 2013.

GÁLVEZ, M. *et al.* Cytotoxic effect of *Plantago* spp. on cancer cell lines. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 88, n. 2-3, p. 125-130, 2003. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0378-8741\(03\)00192-2](https://doi.org/10.1016/S0378-8741(03)00192-2)

GAMA, P. A. *et al.* Práticas de cuidado e cura no quilombo Abacatal. **Mundo Amazônico**, v. 10, n. 1, p. 225-242, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.15446/ma.v10n1.66610>.

GANDHI, P. R. *et al.* Acaricidal, pediculicidal and larvicidal activity of synthesized ZnO nanoparticles using *Momordica charantia* leaf extract against blood feeding parasites. **Experimental Parasitology**, v. 181, p. 47-56, out. 2017.

GHEITH, I.; EL-MAHMOUDY, A. Laboratory evidence for the hematopoietic potential of *Beta vulgaris* leaf and stalk extract in a phenylhydrazine model of anemia. **Braz. J. Med. Biol. Res.**, v. 51, n. 11, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1414-431X20187722>

GOMES, T. B.; BANDEIRA, F. P. S. F. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. **Acta Botanica Brasilica**, v. 26, n. 4, p. 796-809, 2012.

GOMES, V. A. C. Chá, café, curare e clima tropical nos experimentos da fisiologia brasileira em fins do século XIX. **Revista Ciências de la Salud**, Bogotá, v. 13, n. Especial, p. 29-45, 2015.

GONÇALVES, M. C. *et al.* Traditional Agriculture and Food Sovereignty: Quilombola Knowledge and Management of Food Crops. **Journal of Ethnobiology**, v. 42, n. 2, p. 241-260, 2022. DOI: <https://doi.org/10.2993/0278-0771-42.2.241>

GONZÁLES, Lélia. Mulher Negra, essa Quilombola. In: __. **Por um feminismo afro-latino-americano**. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2020. part. II, p. 197-200.

GUALBERTO, Z. L. *et al.* Plantas alimentícias não convencionais do Quilombo de Lajedo. **JNT Facit Business and Technology Journal**, v. 1, p. 342-380, 2023.

GUIMARÃES, B. O.; OLIVEIRA, A. P.; MORAIS, I. L. Plantas Medicinais de Uso Popular na Comunidade Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 8, n. 3, p. 196-220, set./dez. 2019. DOI: <http://periodicos.unievangelica.edu.br/fronteiras/>

GUIMARÃES, C. “Eu sou a força de puxar”: o encontro intepistêmico com Maria Luiza Marcelino, mestra quilombola e umbandista. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 31, n. 2, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902022220047pt>

HADI, A. *et al.* Anti-inflammatory and Analgesic Activities of *Artemisia absinthium* and Chemical Composition of its Essential Oil. **Int. J. Pharm. Sci. Rev. Res.**, v. 24, n. 2, p. 237-244, jan./fev. 2014.

HAYBAR, H. *et al.* The effects of *Melissa officinalis* supplementation on depression, anxiety, stress, and sleep disorder in patients with chronic stable angina. **Clinical Nutrition ESPEN**, v. 26, p. 47-52, 2018. DOI:

<https://doi.org/10.1016/j.clnesp.2018.04.015>

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama; MENEZES; Antônio José Elias Amorim; CARVALHO, José Edmar Urano de Carvalho. MANEJANDO A PLANTA E O HOMEM: o caso dos bacurizeiros nativos do Nordeste Paraense e no Marajó. Separata de: ALVES, Raimundo Nonato Brabo; MODESTO JÚNIOR, Moisés de Souza (ed.). **Roça Sem Fogo**. Da tradição das queimadas à agricultura sustentável na Amazônia. 1. ed. Brasília: Embrapa, 2020.

HUXLEY, H. *et al.* Coffee, Decaffeinated Coffee, and Tea Consumption in Relation to Incident Type 2 Diabetes Mellitus: A Systematic Review With Meta-analysis. **Arch Intern Med**, v. 169, n. 22, p. 2053-2063, 2009. DOI:

<https://doi.org/10.1001/archinternmed.2009.439>

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agro 2017**. 2017. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/> Acesso em: 29 jun. 2023.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Quilombolas no Brasil**. Educa IBGE Jovens. 2019. Disponível em: [https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html#:~:text=O%20IBGE%20n%C3%A3o%20tem%20uma,de%20localidades%20ind%C3%ADgenas%20\(827\)](https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html#:~:text=O%20IBGE%20n%C3%A3o%20tem%20uma,de%20localidades%20ind%C3%ADgenas%20(827)) Acesso em: 25 mai. 2023.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018**: Avaliação nutricional da disponibilidade domiciliar de alimentos no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**: quilombolas: primeiros resultados do universo. 1. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

ICO - International Coffee Organization. **Estatísticas do comércio**. 2019. Disponível em: http://www.ico.org/pt/trade_statistics.asp?section=Estat%EDstica Acesso em: 24 jun. 2023.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Regularização de Território Quilombola**. Perguntas e Respostas. 1. ed. Brasília: INCRA, 2020.

ISAIAS, Rosy Mary dos Santos. **Currículo do sistema Currículo Lattes**. [Brasília], 07 jun. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9821188073024074> Acesso em: 07 jun. 2023.

KARAMI, M. *et al.* Protective effects of *Nasturtium officinale* against gamma-irradiation-induced hepatotoxicity in C57 mice. **Research Journal of Pharmacognosy**, v. 2, n. 2, p. 19-25, 2015.

KARTINI, S. P. *et al.* Effects of *Plantago major* Extracts and Its Chemical Compounds on Proliferation of Cancer Cells and Cytokines Production of Lipopolysaccharide-activated THP-1 Macrophages. **Phcog Mag**, v. 13, n. 51, p. 393-399, jul./set. 2017.

KISHKINEV, D. *et al.* Navigation by extrapolation of geomagnetic cues in a migratory songbird. **Current Biology**, v. 31, n. 7, p. 1563-1569, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cub.2021.01.051>

KUMAR, S. S.; KAMARAJ, M. Analysis of phytochemical constituents and antimicrobial activities of *Cucumis anguria* L. against clinical pathogens. **American-Eurasian J. Agric. & Environ. Sci.**, v. 7, n. 2, p. 176-178, 2010.

LARAYETAN, R. A. *et al.* Chemical Composition of *Gossypium herbaceum* linn and its Antioxidant, Antibacterial, Cytotoxic and Antimalarial Activities. **Clinical Complementary Medicine and Pharmacology**, v. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ccmp.2021.100008>

LASSERE, B.; KAISER, R.; CHANH, P. H. Effects of rats of aqueous extracts of plants used in folk medicine as antihypersensitive agents. **Naturwissenschaften**, v. 70, p. 95-98, 1983.

LEANDRO NETO, J.; RODRIGUES, T. A. A jurema sagrada como planta de poder: cultura e identidade nas religiões afro-brasileiras. **Revista África e Africanidades**, ano XII, n. 32, 2019.

LEITÃO, K. B.; REZENDE, A. L. T. Similaridade da Camada do Sal Brasileira e Africana de Acordo com a Teoria da Pangeia. **Espacios**, v. 39, n. 9, 2018.

LENCI, L. H. V. *et al.* Aspectos fitossociológicos e indicadores da qualidade do solo em sistemas agroflorestais. **Nativa, Sino**, v. 6, n. especial, p. 745-753, dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.31413/nativa.v6i0.6396>

LIMA, R. F. S. *et al.* Práticas populares de cura e o uso de plantas medicinais por mães ribeirinhas no cuidado infantil. **J. res: fundam. care. online**, v. 9, n. 4, p. 1154-1163, out./nov. 2017. DOI: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v9i4.1154-1163>

LISBOA, M. S. *et al.* Estudo etnobotânico em comunidade quilombola Salamina/Putumujú em Maragogipe, Bahia. *Revista Fitos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-118, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2446-4775.20170006>

LOOPSTRA-MASTERS, R. C. *et al.* Associations between the intake of caffeinated and decaffeinated coffee and measures of insulin sensitivity and beta cell function. **Diabetologia**, v. 54, p. 320-328, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00125-010-1957-8>

LOPES, Susana Maria Martins de Barros. **Botânica Molecular Forense: O DNA na identificação de espécies vegetais**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Forenses) - Universidade do Porto, Porto, 2011.

LUCENA, Camilla Marques; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de. Histórico, definição e importância da etnobotânica. In: LUCENA, R. F. P. *et al.* (org.). **Perspectivas e avanços na Etnobiologia: Uma avaliação na Conferência Internacional do Brasil**. 1. ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

- MA, C. *et al.* Extracts of *Coleus forskohlii* relieves cough and asthma symptoms via modulating inflammation and the extracellular matrix. **J Cell Biochem**, v. 120, n. 6, p. 9648-9655, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1002/jcb.28243>
- MACEDO, Márcio José de. **Abdias do Nascimento**: A trajetória de um negro revoltado (1914-1968). 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- MACHADO, F. M. V. F.; CANNIATTI-BRAZACA, S. G.; PIEDADE, S. M. S. Avaliação da disponibilidade de ferro em ovo, cenoura e couve e em suas misturas. **Ciênc. Tecnol. Alimnt., Campinas**, v. 26, n. 3, p. 610-618, jul./set. 2006.
- MACIEL, M. R. A.; GUARIM NETO, G. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, Belém, v. 1, n. 3, p. 61-77, set./dez. 2006.
- MACKENZIE, R. J. *et al.* Phylogenetic relationships and generic delimitation in subtribe Arctotidinae (Asteraceae: Arctotideae) inferred by DNA sequence data from ITS and five chloroplast regions. **American Journal of Botany**, v. 93, n. 8, p. 1222-1235, 2006.
- MADRID, R. S.; GONÇALVES, M. L. L. O êxodo dos jovens rurais, a teoria do bem viver e a resistência da comunidade remanescente de quilombo do Inicuí D'Armada, na Fronteira do RS. **Cadernos do CEAS**, Salvador/Recife, v. 45, n. 251, p. 567-586, set./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2020.n251.p567-586>
- MAGALHÃES, C. S.; SILVA, H. C. H.; RAMOS, M. A. Levantamento de plantas lenhosas conhecidas, usadas e preferidas como combustíveis no Assentamento Rendeiras em Girau do Ponciano - AL. **Revista Ouricuri**, Paulo Afonso, v. 7, n. 2, p. 75-94, mai./jul. 2017.
- MAGALHÃES, P. K. A. *et al.* Ethnobotanical and ethnopharmacological study of medicinal plants used by a traditional community in Brazil's northeastern. *Brazilian Journal of Biology*, v. 82, p. 1-11, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1519-6984.237642>
- MAKUNGA, Nokwanda P. African medicinal flora in the limelight. **S Afr J Sci**, v. 107, n. 9/10, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.4102/sajs.v107i9/10.890>
- MARQUES; L. R. R.; ALVES, G. L. A produção do artesanato guarani no município de Dourados, Mato Grosso do Sul. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 198-216, jan./jun. 2019.
- MARTINS, R. C.; FILGUEIRAS, T. S.; ALBUQUERQUE, U. P. Use and Diversity of Palm (Arecaceae) Resources in Central Western Brazil. **The Scientific World Journal**, v. 2014, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1155/2014/942043>
- MARTINS, A. P. F. *et al.* Estudo de impactos ambientais na comunidade quilombola Serra Feia - Cacimbas, PB. **Agropecuária Científica no Semiárido**, v. 13, n. 2, p. 121-129. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.30969/acsa.v13i2.815>

MEDEIROS, P. M. Why is change feared? Exotic species in traditional pharmacopoeias. **Ethnobo Conserv**, v. 2, n. 3, p. 1-5, 2013. DOI: <https://doi.org/10.15451/ec2013-8-2.3-1-05>

MEÑE, Maximiliano Fero. **Magnoliidae, Nymphaeidae y Ranunculidae de Guinea Ecuatorial y revisión taxonómica del género Neostenanthera Exell (Annonaceae)**. 2012. Tese (Doutorado em Biologia). Facultad de Ciencias Biológicas, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2013.

MERHY, T. S. M.; SANTOS, M. G. A etnobotânica na escola: interagindo saberes no ensino fundamental. **Revista Práxis**, v. 9, n. 17, p. 9-22, 2017.

MESFIN, M.; ASRES, K.; SHIBESHI, W. Evaluation of anxiolytic activity of the essential oil of the aerial part of *Foeniculum vulgare* Miller in mice. **BMC Complementary and Alternative Medicine**, v. 14, p. 1-7, 2014.

MESQUITA, E. Clóvis Moura (1925-2003). **Afro-Ásia**, n. 31, p. 337-356, 2004.

MING, L. C. Ethnoscintia: Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. **ETHNOSCIENTIA**, v. 1, n. 1, mar. 2016.

MONTGOMERY, B. L. My most memorable mentors? Plants. **Nature**, v. 592, n. 327, 2021a. DOI: <https://doi.org/10.1038/d41586-021-00961-9>

MONTGOMERY, L. B. **About Beronda**. 2021b. Disponível em: <https://www.berondamontgomery.com/about-beronda/> Acesso em: 08 jun. 2023.

MORAES JÚNIOR, R. C. *et al.* Desenvolvimento e caracterização química de fragrâncias a partir de óleos essenciais e flavorizante sintético. **Journal of Biology & Pharmacy and Agricultural Management**, v. 17, n. 1, p. 206-222, jan./mar. 2021.

MORAIS, Silvânia Alves de; SILVA, Conceição Maria Ferreira. **O Conceito De Quilombo e A (Re) Construção de Identidades e Espacialidades Negras**. 2009. Tese de Pós Graduação (Formação Docente e Culturas Africanas e AfroAmericanas) - Faculdades Unidas do Vale do Araguaia, Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Garças, 2008.

MORAIS, B. P.; GONÇALVES, M. C.; HANAZAKI, N. Quem faz e onde está a produção acadêmica etnobotânica em comunidades quilombolas da Mata Atlântica? **ETHNOSCIENTIA**, v. 8, n. 1, p. 52-69, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscintia.v8i1/11575>

MOTA, R. S.; DIAS, H. M. Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, v. 13, n. 2, p. 151-159, jul./dez. 2012.

MOTA, L. L. S. *et al.* Abordagem etnobotânica continuada na comunidade remanescente de quilombo Palmeirinha, Pedras de Maria da Cruz - MG. **Revista Cerrados**, Montes Claros, v. 13, n. 1, p. 156-172, dez. 2015.

MOURA, Clóvis. **Quilombos e a rebelião negra**. 1. ed. São Paulo: Editora Dandara, 2022.

MUDI, S. Y.; IBRAHIM, H. Activity of *Bryophyllum pinnatum* S. Kurz extracts on respiratory tract pathogenic bacteria. **Bajopas**, v. 1, n. 1, p. 43-48, dez. 2008.

MUNANGA, K. Origem e história do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, v. 28, p. 56-63, dez./fev. 1995-1996. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p56-63>

NAKAJIMA, J. N.; SEMIR, J. Asteraceae do Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. **Revta brasil. Bot.**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 471-478, dez. 2001.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **AFRODIÁSPORA**, ano 3, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

NASCIMENTO, Maurício Borges do et al. Levantamento das espécies vegetais da Horta Comunitária Nutrir. In: GOMES, S. M; CHAVES, V. M; LIMA, C. S. (org.). **Caminhos Para Nutrição Sustentável: Reflexões do II Ciclo de Debates sobre Sistemas Alimentares Sustentáveis**. Elucidare: Manaus, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo**. Documentos de uma militância pan-africanista. 1. ed. Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Entre apostas e heranças: Contornos africanos e afrobrasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: NEFI Edições, 2020.

NESFU, Nadirah Zawani Mohd. **The studies on *Momordica charantia* fruits and the synthesis of pyrazolyl substituted benzylidene indanone derivatives as dengue virus type-2 NS2B/NS3 protease inhibitor**. 2020. Tese (Doutorado em Filosofia) - Université de Lorraine; Universiti Sains Malaysia, Vandœuvre-lès-Nancy, 2020.

NOIA, J. D. Defining Powerhouse Fruits and Vegetables: A Nutrient Density Approach. **Preventing Chronic Disease**, v. 11, 2014.

NOSÁL'OVÁ *et al.* Antitussive and immunomodulating activities of instant coffee arabinogalactan-protein. **International Journal of Biological Macromolecules**, v. 39, p. 493-497, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijbiomac.2011.06.004>

OFEM, O. E.; ENO, A. E.; ANTAI, A. B. Gastric acid anti-secretory, anti-ulcerogenic and mucogenic effects of aqueous leaves extract of *Ocimum gratissimum* in rats. **Niger. J. Physiol. Sci.**, v. 27, p. 41-47, 2012.

OHCHR - The United Nations Human Rights Office. **Biko Rodrigues**. 2023. Disponível em:

<https://www.ohchr.org/sites/default/files/Documents/Issues/Racism/WGEAPD/Sessio n28/panellists/bio-bikorodrigues.pdf> Acesso em: 27 jul. 2023.

OKORE, V. C.; ASOGWA, C. I.; NNAMANI, P. O. Evaluation of Anti-Diarrhoeal Action of a Hot-Water Infusion of *Ocimum gratissimum*, Linn. **Bio-Research**, v. 7, n. 1, p. 422-425 2009.

OLIVEIRA, D. R. *et al.* Ethnopharmacological versus random plant selection methods for the evaluation of the antimycobacterial activity. **Rev. Bras. Farmacogn. Braz. J. Pharmacogn.**, v. 21, n. 5, p. 793-806, set./out. 2011a.

OLIVEIRA, D. R. *et al.* Estudo etnofarmacognóstico da saracuramirá (*Ampelozizyphus amazonicus* Ducke), uma planta medicinal usada por comunidades quilombolas do Município de Oriximiná-PA, Brasil. **ACTA AMAZONICA**, v. 41, n. 3, p. 383-392, 2011b.

OLIVEIRA, D. R. *et al.* Ethnopharmacological studies of *Lippia origanoides*. **Rev Bras Farma**, v. 24, p. 206-214, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.bjp.2014.03.001>

OLIVEIRA, D. R. *et al.* Ethnopharmacological evaluation of medicinal plants used against malaria by quilombola communities from Oriximiná, Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 173, p. 424-434, 2015b. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jep.2015.07.035>

OLIVEIRA, L. R. *et al.* Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Revista Verde**, Pombal, v. 10, n. 3, p. 25-31, jul./set. 2015.

OLIVEIRA, F. B.; D'ABADIA; M, I, V. Territórios quilombolas em contextos rurais e urbanos brasileiros. **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, Anápolis, v. 4, n. 2, p. 257-275, jul./dez. 2015.

OLIVEIRA, D. A. Legado de um professor: uma homenagem a Andreino de Oliveira Campos. **[SYN]THESIS**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 9-15, jun./dez. 2016.

OLIVEIRA, J. C. A.; VEIGA, R. S. Impacto do uso do alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) para a saúde humana. **BJNS**, v. 1, n. 2, p. 1-7, 2019. DOI: <https://doi.org/10.31415/bjns.v2i1.40>

OLIVEIRA, L. B.; OSTI, P. A.; MARTINHO, N. J. Ações de prevenção de doenças e cuidados com a saúde em uma Comunidade Quilombola de Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, Brasil. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, v. 22, n. 3, p. 15-22, jul./set. 2020.

OLIVEIRA, M. S.; FERREIRA, A. W. C.; OLIVEIRA, H. C. Anatomia foliar e radicular comparativa de sete espécies de *Catasetum* Rich. ex Kunth (Orchidaceae: Catasetinae). **Scientia Plena**, v. 17, n. 12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14808/sci.plena.2021.121201>

OPAS. 29a Conferência Sanitária Pan-Americana - 69a Sessão do Comitê Regional da OMS para as Américas. 2017. Washington, EUA.

OVIEDO, A. F. P.; DOBLAS, J. As florestas precisam das pessoas. **Instituto Socioambiental**, p. 1-22, 2022.

PAIM, R. C. S. *et al.* Toxic plants from the perspective of a "Quilombola" community in the Cerrado region of Brazil. **Toxicon**, v. 224, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.toxicon.2023.107028>

- PAIVA, Maria da Conceição. **A presença africana na culinária brasileira: sabores africanos no Brasil**. 2017. Monografia (Pós-Graduação em História da África) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.
- PARLE, M.; DHAMIJA, I. Anxiolytic potential of *Tamarindus indica*. **Annals of Pharmacy and Pharmaceutical Sciences**, v. 3, n. 2, p. 67-71, out. 2012.
- PAULISTA, J. S.; ASSUNÇÃO, P. G.; LIMA, F. L. T. Acessibilidade da População Negra ao Cuidado Oncológico no Brasil: Revisão Integrativa. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 65, n. 4, p. 1-10, 2019. DOI: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2019v65n4.453>
- PENNA-FIRME, R.; BRONDÍZIO, E. S. Quilombolas como "coletividades verdes": contestando e incorporando o ambientalismo na Mata Atlântica, Brasil. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XX, n. 2, p. 141-162, abr./jun, 2017.
- PEREIRA, L. A. *et al.* Diversidade de plantas em quintais quilombolas, conhecimento local sobre uso e cultivo de pimentas na Amazônia Oriental, Brasil. **Rev. Biol. Neotrop.**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 56-72, jan./jun. 2017.
- PEREIRA, Jullie. **Quilombolas formam escudos de preservação da floresta na Amazônia Legal**. INFOAMAZONIA, 2023. Disponível em: <https://infoamazonia.org/2023/05/22/quilombolas-formam-escudos-de-preservacao-da-floresta-na-amazonia-legal/> Acesso em: 11 jun. 2023.
- PINTO, L. C. L. *et al.* Traditional knowledge and uses of the Caryocar brasiliense Cambess. (Pequi) by "quilombolas" of Minas Gerais, Brazil: subsidies for sustainable management. **Braz. J. Biol.**, v. 76, n. 2, p. 511-519, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1519-6984.22914>
- PINTO, M. F. Etnobiologia nas novas construções sociais de aprendizagem. In: LUCENA, R. F. P. *et al.* (org.). **Perspectivas e avanços na Etnobiologia: Uma avaliação na Conferência Internacional do Brasil**. 1. ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.
- PIZZIO, A.; LOPES, J. R. Controvérsias acerca da certificação de indicação geográfica do capim dourado do Jalapão o caso da comunidade Mumbuca, Mateiros (TO). **Pol. Cult. Rev.**, Salvador, v. 9, n. 2, p. 651-673, jun./dez, 2016.
- POWO. ***Solanum melongena* L.** Royal Botanic Gardens, Kew. 2023a. Disponível em: <https://powo.science.kew.org/taxon/urn:lsid:ipni.org:names:820053-1> Acesso em: 25 jun. 2023.
- POWO. ***Euphorbia tirucalli* L.** Royal Botanic Gardens, Kew. 2023b. Disponível em: <https://powo.science.kew.org/taxon/urn:lsid:ipni.org:names:348517-1> Acesso em: 25 jun. 2023.
- PRASAD, M. K.; RACHHADIYA, R. M.; SHETE, R. V. Pharmacological investigation on the wound healing effects of castor oil in rats. **International Journal of Universal Pharmacy and Life sciences**, v. 1, n. 1, p. 21-28, 2011.

RANIERI, G. R.; ZANIRATO, S. H. Comidas da horta e do mato: plantas alimentícias em quintais urbanos do Vale do Paraíba. **Estudos Avançados**, v. 35, n. 101, p. 269-285, 2021 DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.017>

RAO, D. S.; RAO, V. P.; RAO, K. R. S. S. Pharmacological effects of forskolin isolated from *Coleus aromaticus* on the lung damage rats. **PHARMANEST**, v. 1, n. 1, 17-21, set./out., 2010.

RATTRAY, R. D.; WYK, B. V. The Botanical, Chemical and Ethnobotanical Diversity of Southern African Lamiaceae. **Molecules**, v. 26, p. 1-59, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/molecules26123712>

RATTS, Alex. **Lélia Gonzalez - Retratos do Brasil Negro**. 1. ed. São Paulo: Selo Negro Edições - Grupo Editorial Summus, 2010.

RATTS, Alex. **Uma História Feita por Mãos Negras**: Beatriz Nascimento. 1. ed. São Paulo: Zahar, 2021.

REIS, J. J. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. **Revista da USP**, São Paulo, v. 28, p. 14-39, dez./fev. 1995-96. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p14-39>

RESENDE, G. M. *et al.* Desempenho de cultivares de cenoura em sistema orgânico de cultivo em condições de temperaturas elevadas. **Hortic. bras.**, v. 34, n. 1, p. 121-125, jan./mar. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-053620160000100018>

RIBEIRO, T.; BRASIL, M. **Pressão de entidades levou IBGE a incluir quilombolas no Censo**. Folha de S.Paulo. 27 jul. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/pressao-de-entidades-levou-ibge-a-incluir-quilombolas-no-censo.shtml> Acesso em: 29 jul. 2023.

ROCHA, L. A.; GOMES, E. B. Comunidades pesqueiras e direitos territoriais nas Barrancas do Rio São Francisco. In: SILVEIRA, A. F. et al. (org.). **Conflitos Socioambientais, Territorialidades e Fronteiras**. Tomo II. 1. ed. CEPEDIS, 2022. cap.5, p. 43-56.

RODRIGUES, P. L. *et al.* Dinâmica socioeconômica e organizacional em comunidade remanescente do quilombo Rio Gurupá, Marajó, Pará. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, Pombal, v. 12, n. 1, p. 105-116, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18378/rvads.v12i1.4344>

RODRIGUES, R. M. *et al.* Evolução dos alimentos mais consumidos no Brasil entre 2008–2009 e 2017–2018. **Rev. Saude Publica**, v. 55, n. 1-4, p. 1-10, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003406>

ROMÃO, T. L. C. Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 57, n. 1, p. 353-381, jan./abr. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/010318138651758358681>

ROSA, M.; OREY, D. C. **Interlocuções polissêmicas entre a etnomatemática e os distintos campos de conhecimento etno**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 63-97, jul./set. 2014.

SANTANA, B. F.; VOEKS, R. A.; FUNCHE, L. S. Quilombola ethnomedicine: The role of age, gender, and culture change. **Acta Botanica Brasilica**, v. 36, 2022. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0102-33062020abb0500>

SANTANA, B. F.; VOEKS, R. A.; FUNCHE, L. Ethnomedicinal survey of a maroon community in Brazil's Atlantic tropical forest. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 181, p. 37-49, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jep.2016.01.014>

SANTOS, T. A. C.; BARROS, F. B. Each person has a science of planting: plants cultivated by quilombola communities of Bocaina, Mato Grosso State, Brazil. **Hoehnea**, v. 44, n. 2, p. 211-235, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-8906-37/2016>

SANTOS, J. A.; SILVEIRA, A. P.; GOMES, V. S. Knowledge and Use of the Flora in a Quilombola Community of Northeastern Brazil. **Floresta e Ambiente**, v. 26, n. 3, p. 1-12, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2179-8087.093217>

SANTOS, F. S. *et al.* "Prefiro plantas do que remédios": o uso de plantas para fins medicinais no território quilombola Cajá dos Negros, em Batalha-Alagoas. **Diversitas Journal**, v. 5, n. 1, p. 235-248, jan./mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v5i1-1009>

SANTOS, A. E. Importância histórica, química e farmacológica dos alucinógenos naturais alcaloidais. **Rev. Sítio Novo**, Palmas, v. 5, n. 4, p. 56-67, out./dez. 2021.

SCHULTZ, C. *et al.* Inhibition of the gastric H⁺,K⁺-ATPase by plectrinone A, a diterpenoid isolated from *Plectranthus barbatus* Andrews. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 111, p. 1-7, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jep.2006.09.046>

SEBAI, E. *et al.* Hydro-Ethanollic Extract of *Mentha pulegium* Exhibit Anthelmintic and Antioxidant Proprieties In Vitro and In Vivo. **Acta Parasitologica**, v. 65, p. 375-387, 2020. DOI: <https://doi.org/10.2478/s11686-020-00169-3>

SEBAI, E. *et al.* Essential oil of *Mentha pulegium* induces anthelmintic effects and reduces parasite-associated oxidative stress in rodent model. **Experimental Parasitology**, v. 225, p. 1-9, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.exppara.2021.108105>

SELL, L. B. *et al.* Plantas alimentícias não convencionais na cultura pomerana: sistematização dos nomes populares utilizados em comunidades no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 18, n. 1, p. 312-330, 2023. DOI: <https://doi.org/10.33240/rba.v18i1.23708>

SENA, C.; SANTOS, R. C. S. A.; BARROS, F. B. A biodiversidade tem axé? Sobre apropriações de animais e plantas no candomblé. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 211-222, abr./jun. 2014.

SETIANI, L. A.; RUSLI, Z. Anti-inflammatory potential of african leaf water extract. **Journal of Agriculture and Applied Biology**, v. 1, n. 2, p. 46-53, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.11594/jaab.01.02.02>

SETIANI, L. A. *et al.* The Potential of African Leaf Extract (*Gymnanthemum amygdalinum* Del.) as Antihypertensive in Male White Rats. **Mathematical Physics and Biotechnology for Education, Energy Efficiency, and Marine Industries**, v. 2, p. 10-17, 2022.

SHAH, A. A. *et al.* GC-MS Analysis of Phytoactive Compounds, Antioxidant and Antibacterial Activity of *Citrullus lanatus* Seeds. **Biomedical & Pharmacology Journal**, v. 16, n. 1, p. 73-86, mar. 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.13005/bpj/2589>

SILVA, Valdeline Atanazio da; ALMEIDA, Alyson Luiz Santos de; ALBUQUERQUER, Ulysses Paulino de. **Etnobiologia e Etnoecologia** - Pessoas & Natureza na América Latina. 1. ed. Recife: Nupeea, 2010.

SILVA, Natanael de Souza. **Avaliação do efeito cicatrizante e analgésico da pomada fitoterápica de falso-boldo (*Plectranthus neochilus*) e favela (*Cnidioscolus phyllacanthus*) em gatas (*Felis silvestres catus*) submetidas à ovariossalpingohisterectomia**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Campina Grande, Patos, 2011.

SILVA, N. C. B.; REGIS, A. C. D.; ALMEIDA, M. Z. Estudo Etnobotânico em Comunidades Remanescentes de Quilombo em Rio de Contas – Chapada Diamantina - Bahia. **Revista Fitos**, v. 7, n. 2, p. 99-109, abr./jun. 2012.

SILVA, L. L.; AZEVEDO FILHO, E. T.; HORA, H. R. M. Financiamento de Ciência e Tecnologia: Uma análise sobre a Região Sudeste. **Revista Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, v. 17, p. 11-25, 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/cdf.2019.56429>

SILVA, L. S.; NASCIMENTO, E. R. Resguardo de mulheres da etnia Kambiwá. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 5, n. 4, p. 24-41, 2019.

SILVA, C. M. *et al.* Cellular and molecular effects of *Baccharis dracunculifolia* D.C. and *Plectranthus barbatus* Andrews medicinal plant extracts on retinoid metabolism in the human hepatic stellate cell LX-2. **BMC Complementary and Alternative Medicine**, v. 19, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12906-019-2591-8>

SILVA, A. S.; LIMA., B. L.; SPINOLA, C. A. Saneamento básico e doenças de veiculação hídrica: Um estudo da Comunidade Quilombola de Remanso, Lençóis (BA). **bvru**, Goiânia, v. 6, p. 1-17, 2020.

SILVA, B. A.; SEBASTIANI, R. O conhecimento sobre plantas medicinais por assentados rurais de Araras (SP). **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 17, p. 1-18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.17.16842.005>

SILVA, E. I. G. *et al.* Utilizing tamarind residues in the São Francisco valley: food and nutritional potential. **Ciência Rural, Santa Maria**, v. 52, n. 12, 2022. DOI: <http://doi.org/10.1590/0103-8478cr20210708>

SILVA, C. F.; ZANK, S. Entre a tradição e a modernidade: a relação entre as benzedeadas e as plantas medicinais em um centro urbano no sul do Brasil.

Ethnobotany Research and Applications, v. 23, p. 1-12, 2022. DOI:

<http://dx.doi.org/10.32859/era.23.4.1-13>

SOARES, M. C. Mina, Angola e Guiné: Nomes d'África no Rio de Janeiro Setecentista. **Tempo**, v. 3, n. 6, dez. 1998.

SOROKINA, M. *et al.* A Catalog of Natural Products Occurring in Watermelon—*Citrullus lanatus*. **Frontiers in Nutrition**, v. 8, 2021. DOI:

<https://doi.org/10.3389%2Ffnut.2021.729822>

SOUSA, A. P. B.; LIMA, F. G. S.; LIMA, A. Propriedades nutricionais do maxixe e do quiabo. **Rev. Saúde em foco**, Teresina, v. 2, n. 1, p. 113-129, jan./jul. 2015.

SOUSA, R. P. *et al.* Análise biométrica de caracteres quantitativos de ameixa (*Ximenia americana* L.). **Rev. Bras. Pl. Med.**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 8-18, 2017.

SOUSA, E. L. Laudinhos antropológicos: as crianças indígenas e os processos de demarcação de terra. **Tellus**, Campo Grande, v. 18, n. 35, p. 113-138, jan./abr. 2018.

SOUSA, F. C. A. *et al.* Perfil de pesquisadores científicos das regiões nordeste e sudeste do Brasil. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, 2022. DOI:

<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26334>

SOUZA, R. M. Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do ocidente. **ANTROPOLÍTICA**, Niterói, n. 34, p. 35-52, 2013.

SOUZA, L. F. Imbangala: a forma Kilombo de existir. **Epígrafe**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 331-363. 2022a.

SOUZA, U. V. As políticas públicas afirmativas voltadas para os territórios quilombolas e o mito da igualdade social. **Revista Espaço Acadêmico**, ano XXII, n. 237, p. 16-25, nov./dez. 2022b.

SOUZA, J. B. A.; GONÇALVES, K. B. O Pantanal Transfronteiriço Bolívia-Brasil-Paraguai e as gentes pantaneiras: a invisibilidade social no contexto socioambiental. In: HELD, T. M. R.; BOTELHO, T. R. (Orgs.). **DIREITO SOCIOAMBIENTAL e a luta contra-hegemônica pela terra e território na América Latina**. 1. ed. São Paulo: LiberArs, 2020. cap.10, p. 183-194.

STEWART, A. M.; LIMA, M. D. “We Also Preserve”: Quilombola Defense of Traditional Land Management Practices Against Preservationist Ideas in Mumbuca, Minas Gerais, Brazil. **Journal of Ethnobiology**, v. 37, n. 1, p. 141-165, 2017. DOI:

<https://doi.org/10.2993/0278-0771-37.1.141>

SUS. Sistema Único de Saúde. Prefeitura de Florianópolis Saúde. Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS (UFSC). **Guia de Plantas Medicinais de Florianópolis**. 2019. Disponível em:

<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/10/1122249/guia-de-plantas-medicinais-de-florianopolis.pdf> Acesso em: 02 jun. 2023.

TAHER, J. H. Efficiency of the coadministration of castor oil and piperazine citrate drug in expulsion of *Ascaris lumbricoides* in man. **Journal of Techniques**, v. 25, n. 2, p. 164-167, 2012.

TAUR, D. *et al.*, Antinociceptive activity of *Ricinus communis* L. leaves. **Asian Pacific Journal of Tropical Biomedicine**, v. 1, n. 2, p. 139-141, 2011. DOI: [https://doi.org/10.1016/S2221-1691\(11\)60012-9](https://doi.org/10.1016/S2221-1691(11)60012-9)

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009.

UNIFESP. **Universidades públicas realizam mais de 95% da ciência no Brasil**. 16 abr. 2019. Disponível em: <https://www.unifesp.br/noticias-antiores/item/3799-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil> Acesso em: 26 ago. 2023.

VELSANKAR, K. *et al.* Green Synthesis of CuO nanoparticles via *Plectranthus amboinicus* leaves extract with its characterization on structural, morphological, and biological properties. **Applied Nanoscience**, v. 10, p. 3953-3971, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s13204-020-01504-w>

VIANA, R. V. R. *et al.* Engaging plant anatomy and local knowledge on the buriti palm (*Mauritia flexuosa* L.f.: Arecaceae): the microscopic world meets the golden grass artisan's perspective. **Cult Stud of Sci Educ**, v. 13, p. 253-265, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11422-016-9785-x>

VINHOLI JÚNIOR, A. J.; VARGA, L. A. Aproximações etnobiológicas no conhecimento sobre plantas medicinais: possibilidades para promoção do ensino em saúde. **Interfaces da Educ.**, Parnaíba, v. 6, n. 17, p. 162-187, 2015.

VONIA, S.; HARTATI, R.; INSANU, M. In Vitro Alpha-Glucosidase Inhibitory Activity and the Isolation of Luteolin from the Flower of *Gymnanthemum amygdalinum* (Delile) Sch. Bip ex Walp. **Molecules**, v. 27, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/molecules27072132>

VUYYALA, B.; DEIVASIGAMANI, S. K.; THAKKALAPALLY, L. M. R. Anxiolytic Potentiality of *Tamarindus indica* Flowers. **Indian Journal of Pharmaceutical Sciences**, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36468/pharmaceutical-sciences.1043>

WHO - World Health Organization. **World Health Statistics**. 2019. Disponível em: <https://www.who.int/data/gho/publications/world-health-statistics> Acesso em: 28 jun. 2023.

WOODS, M.; MORIARTY, P. V. Strangers in a Strange Land: The Problem of Exotic Species. **Environmental Values**, v. 10, p. 163-191, 2001.

WORLD SCIENCE FORUM SOUTH AFRICA. **Prof. Nox Makunga**. 2022. Disponível em: <https://worldscienceforum.org/speakers/makunga-nox-52477> Acesso em: 07 jun. 2023.

WWF - World Wide Fund for Nature. **Biodiversidade**. 2022. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/nossosconteudos/educacaoambiental/conceitos/biodiversidade/#:~:text=N%C3%A3o%20se%20sabe%20quantas%20esp%C3%A9cies,1%2C5%20milh%C3%A3o%20de%20esp%C3%A9cies> Acesso em: 02 jun. 2023.

WYK, B. E. V. A family-level floristic inventory and analysis of medicinal plants used in Traditional African Medicine. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 249, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jep.2019.112351>

YAZBEK, P. B. *et al.* Plants utilized as medicines by residents of Quilombo da Fazenda, Núcleo Pinguaba, Ubatuba, São Paulo, Brazil: A participatory survey. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 244, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jep.2019.112123>

ZAGATTO, B. P. De histórias de vida a trajetórias partilhadas: o protagonismo das lavradoras e marisqueiras na construção da história das comunidades quilombolas da Baía do Iguape, Bahia. **SÆCULUM - Revista de História**, João Pessoa, v. 24, n. 41, p. 298-317, jul./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2317-6725.2019v24n41.47685>

ZANK, S.; ÁVILA, J. V. C.; HANAZAKI, N. Compreendendo a relação entre saúde do ambiente e saúde humana em comunidades Quilombolas de Santa Catarina. **Rev. Bras. Pl. Med., Campinas**, v. 18, n. 1, p. 157-167, 2016. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1983-084X/15_142

ZHOU, Q. *et al.* Effects of climatic and social factors on dispersal strategies of alien species across China. **Science of the Total Environment**, v. 749, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2020.141443>